



Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará

Palavras que Celebram



Maria Linda Lemos Bezerra

Palavras ^{que} Celebram



INESP

Fortaleza | Ceará
2019

Copyright © 2019 by Inesp

**Instituto de Estudos e
Pesquisas sobre o
Desenvolvimento
do Estado do Ceará – Inesp**

João Milton Cunha de Miranda

Coordenador Editorial

Rachel Garcia Bastos de Araújo

Valquiria Moreira Carlos

Assistentes Editoriais

Luzia Lêda Batista Rolim

Assessora de Comunicação

José Gotardo de Paula Freire Filho

**Capa, Diagramação e
Projeto Gráfico**

Vânia Monteiro Soares Rios

Revisão

Gráfica do Inesp

Impressão e Acabamento

Luiz Ernandes dos Santos do Carmo

Coordenação de Impressão

**Academia de Letras
Juvenal Galeno – Aljug**

Antônio Santiago Galeno
Júnior

Eliane Maria Arruda Silva
Maria Linda Lemos Bezerra

Conselho de Presidentes

Francisco Dias da Silva

Revisão Ortográfica

Edição Institucional da
Assembleia Legislativa do
Estado do Ceará

**VENDA E PROMOÇÃO
PESSOAL PROIBIDAS**

Catalogado por Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

B574p Bezerra, Maria Linda Lemos.

Palavras que celebram / Maria Linda Lemos Bezerra. --

Fortaleza: EDITORA INESP, 2018.

250p. ; 24cm.

ISBN: 978-85-7973-094-8

1. Artigos literários. 2. Literatura brasileira, Miscelânea.

I. Ceará. Assembleia Legislativa. Instituto de Estudos e

Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado. II. Título.

CDD 869.9

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro, desde que citados autores e fontes.

Inesp

Av. Desembargador Moreira, nº 2807, Dionísio Torres | Ed. Senador César Cals, 1º andar

CEP: 60.170900, Fortaleza - CE - Brasil

Tel: (85)3277-3701 | al.ce.gov.br/index.php/institucional/inesp | presidenciainesp@al.ce.gov.br

DEDICATÓRIA

A todos que têm a coragem de expor ideias e emoções, aqui representados pelos colaboradores da *Revista Gente de Ação*:

Aldairton Carvalho
Antero Pereira
Audifax Rios (*in memoriam*)
Aurora Miranda Leão
Demétrio Andrade
Dimas Carvalho
Dimas Macedo
Érika Bataglia
Fernanda Estanislau
Fernando Alves
Francisco Barros Alves
Francisco Bernivaldo Carneiro
Hermínio Bezerra de Oliveira
João Gonçalves de Lemos
Jorge Almeida
José Batista de Lima
José Bonfim de Almeida Júnior
Juarez Leitão
Luciana Barroso
Lúcio Telmo Meireles
Marciano Ponciano
Pedro Salgueiro
Raimundo Cândido
Roberto Victor Ribeiro
Tilso Bataglia
Will Silva
Zacharias Bezerra de Oliveira

Em especial ao editor, Dideus Sales, revisor, Professor Dias da Silva (Ivonildo) e o servidor público, José Gotardo Filho.

Aos citados, nesses meus escritos, com respeito e gratidão, pelo que me possibilitam.

*O indivíduo vive para os alvos,
assim como pelas causas.*

Carl Jung

Fica estabelecida a possibilidade de sonhar coisas impossíveis e de caminhar, livremente, em direção aos sonhos.

Michel de Montaigne

AGRADECIMENTOS

FAMILIAR

Aos meus pais, Manoel Gonçalves de Lemos (*in memoriam*) e Francisca Mirtes Bitu Lemos, pelo exemplo de vida.

Aos irmãos: Francisco Ney Lemos, Manoel Gonçalves de Lemos Filho e Edna Mirtes Bitu Lemos, pela compreensão.

Aos filhos: Nilo Sérgio Viana Bezerra Júnior, Carolina Lemos Bezerra e Samuel Thomaz Lemos Bezerra, pelo amor incondicional.

Aos netos, Nilo Sérgio Viana Bezerra Neto, Caio José Girão Bezerra e Arthur Leitão Bezerra, pela alegria de viver.

INSTITUCIONAL

À Assembléia Legislativa do Estado do Ceará e Associação dos Servidores da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará – Assalce.

Convivendo no ambiente acadêmico, aprendemos que nem sempre é possível a publicação de obras dos amantes da literatura, mesmo aquelas com parecer favorável, pela crítica literária. A impressão dos livros, em gráficas comerciais, torna-se inacessível para a maioria.

Pensando nessa situação, surge uma ação de incentivo à publicação, pelo Projeto “A Academia e o Parlamento”, através da parceria com a Assalce, sob presidência de Luiz Edson Corrêa Sales e do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - Inesp, pelo então Presidente João Milton Cunha de Miranda.

Nossos agradecimentos aos órgãos parceiros, pela oportunidade da publicação de *Palavras que Celebram*, obra criteriosamente examinada e autorizada pelo Conselho de Presidentes da Academia de Letras Juvenal Galeno.

APRESENTAÇÃO

Pensar os direitos humanos e as políticas públicas é a possibilidade de reflexão que este livro, de Linda Bezerra, proporciona-nos enquanto cidadãos. Percorrer os caminhos de suas ideias traduz-se como deleite.

O livro fortalece muitas das preocupações desta Casa Legislativa, como o compromisso com o bem-estar das pessoas, principalmente aquelas que são fruto da desigualdade econômica do sistema e informa o cidadão, colaborando, também, para a sua formação. Publicá-lo, então, é mais que uma honra, configura-se um dever nosso.

Reconhecendo a importância do conteúdo aqui apresentado, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará e o Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp disponibilizam à população cearense esta compilação de pensamentos fortes e inteligentes, que nos leva a entender o outro de uma forma completa e sistêmica, como realmente tem de ser o nosso olhar, pelo entendimento.

Deputado José Sarto
Presidente da Assembleia
Legislativa do Estado do Ceará

INTROITO

A autora da obra *Palavras que Celebram*, a psicóloga e escritora Linda Lemos Bezerra, reuniu neste livro todos os seus textos publicados na *Revista Gente de Ação*, com 19 anos de publicação. As palavras da autora estão, agora, disponibilizadas, aqui, onde se percebe que escrever, para ela, trata-se de algo rotineiro e seguro, já que fica claro o domínio que detém sobre as expressões e ideias. Lê-las, além de nos fazer maiores, é um enorme prazer.

Membro da Academia Lavrense de Letras, do Conselho Estadual de Defesa de Direitos Humanos e do Conselho Estadual de Defesa de Direitos das Pessoas com Deficiências, Dra. Linda percorre um caminho incomum e, por isso, também brilhante. É uma profissional que vai além dos limites obedecidos pela maioria e mergulha na transversalidade, distribuindo os frutos do seu empenho com o mundo. Este livro é um deles.

Por esses motivos, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp, apresenta esta obra à sociedade cearense, didaticamente dividida em três partes: “Direitos humanos e políticas públicas”; “Apreciação de livros e outros” e a “Terra do meu encanto”.

Dr. João Milton Cunha de Miranda
Presidente do Instituto de Estudos
e Pesquisas sobre o Desenvolvimento
dos Estado do Ceará – Inesp

PREFÁCIO

Palavras que Celebram, um livro distinto.

No momento em que nos preparamos para celebrar os 19 anos da revista *Gente de Ação*, somos apanhados de surpresa por uma vigorosa publicação, o livro *Palavras que Celebram*, demonstração de deferência com o propósito carinhoso de homenagear o acontecimento. A obra, cuidadosamente elaborada, traz, em seu âmago, uma miscelânea de escritos da psicóloga e escritora Maria Linda Lemos Bezerra, publicados mensalmente, em mencionada revista, da qual é colaboradora assídua. Concebido com o escopo de dar ênfase às comemorações pela longa vida desse veículo de informação e cultura que se espraia por todo Ceará e algumas importantes cidades brasileiras, *Palavras que Celebram* está dividido em três partes.

Na primeira parte, “Direitos humanos e políticas públicas”, a autora nos permite mergulhar em sua alma e conhecer com mais transparência e maior intensidade sua vocação altruística, a preocupação desinteressada com o próximo e o compromisso com o bem-estar e a felicidade das pessoas menos abraçadas com o conforto material e espiritual, os que têm seus direitos cerceados e outros que estão à margem do sistema social. É para os injustiçados que ela dedica sua crônica. É sobre as minorias que Linda lança o olhar solidário e discursiva com eloquência em sua defesa.

Segunda parte, “Apreciação de livros e outros”. Nessa seara Linda Lemos caminha com desenvoltura, afeita que é a encontros literários, reuniões culturais e saraus de poesia, participante ativa de várias entidades de cultura e academias de letras (entre essas me orgulha ser seu confrade na Academia Lavrense de Letras). Diletante da escrita e leitora contumaz de grandes obras, a autora sorve a fragrância da pena de alguns dos nossos escritores e desenha com competência abalizada análise sobre a criação literária das plagas alencarinhas.

Terceira parte, “Terra do meu encanto”, é um canto telúrico de exaltação à terra natal da autora, Várzea Alegre. Nesse espaço, Linda Lemos Bezerra discorre com sutileza sobre reminiscências, costumes, religiosidade, acontecimentos sociais, analisa produção literária, traça perfil de pessoas, enfim, vai historiando, com leveza e graça, a cultural *Cidade dos Contrastes*.

Palavras que Celebram é, portanto, um livro distinto, pelos sugestivos temas e diverso pelo leque de artigos enfeixados no volume. Caprichosamente escrito, o maravilhoso trabalho merece ser conhecido e folheado por todos que sabem degustar uma boa leitura.

Dideus Sales

Poeta, escritor, editor da Revista Gente de Ação
Membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	25
PARTE I DIREITOS HUMANOS E POLÍTICAS PÚBLICAS ...	27
DIREITOS HUMANOS E POLÍTICAS PÚBLICAS.....	29
MONITORANDO DIREITOS	
DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.....	30
CAPOEIRA CEARENSE	
CANTA O HINO NACIONAL	35
TRIBOS, BERIMBAUS E TAMBORES INCLUSIVOS.....	38
O CARRO DE GESSO	41
COLETÂNEA RARA.....	43
A ROSA QUE ENCANTOU O MUNDO	45
DIA MUNDIAL DA CONSCIENTIZAÇÃO DO AUTISMO	47
A TROCA	51
CAPOEIRA E MESTRES	54
AS QUEDAS	56
CABIDE QUE FALA.....	58
VENDO A MATEMÁTICA COM DIFERENÇA	59
HOMENAGEM A VITÓRIA.....	62
O LIVRO ACESSÍVEL	64
SONHO EM CORES.....	66
QUAL COR VESTE O SEU FILHO?.....	69
DIREITO À PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS	
COM DEFICIÊNCIA NO PROCESSO ELEITORAL	71

EVOLUÇÃO, SÍMBOLOS DA ACESSIBILIDADE	74
V CONFERÊNCIA ESTADUAL DE DIREITOS HUMANOS.....	76
A GRAVATA	79
FELIZ ANIVERSÁRIO, SAMUKA!.....	81
PARTE II APRECIÇÃO DE LIVROS E OUTROS.....	83
APRECIÇÃO DE LIVROS E OUTROS.....	85
OLHANDO DE MINHA JANELA.....	86
UM TRIBUTO A ROSEMARY.....	88
LUTO.....	90
CONVERGÊNCIAS.....	92
SEI QUE FOI ASSIM.....	94
DEVANEIOS, DELÍRIOS & DESAMORES	96
ENCONTRO DOS ESCRITORES	
FERNANDO PESSOA E DOSTOIEVSKI	
EM LAVRAS DA MANGABEIRA.....	98
VIII COLETÂNEA DA ALMECE.....	100
SAUDAÇÃO AO CEDRINHO DE AÇUCAR	102
DOIS HOMENS, DOIS AMORES, DOIS POETAS.....	104
CAJUEIRO PEQUENINO FLORESCE	108
MANIFESTO DA ESPERANÇA.....	111
IV ANTOLOGIA DA ALMECE.....	113
O CEARÁ FORA DO MAPA-MÚNDI DA EDUCAÇÃO.....	115
UMA VIDA E OUTROS ESCRITOS	117
DANÇA TORÉ.....	119
MOTIVAÇÃO INFANTIL	123

ELE PANFLETA LIVROS, REVISTAS,	
SIMPATIA E MUITO MAIS	125
A CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO	127
<i>Céara en Scène</i>	127
NA BUSCA DE DIÁLOGOS LITERÁRIOS	129
O MAR, O VENTO.. O HOMEM.....	132
DIÁLOGOS LITERÁRIOS	134
1ª Antologia da ALJUG.....	134
COMO VIA, ESTE SILVANUS!.....	136
GENIALIDADE	138
ANIVERSÁRIO DE MAZÉ	140
O AMOR DOS DOIS.....	142
EXPEDIÇÃO CULTURAL A VIÇOSA DO CEARÁ	143
O CD DO POETA	145
PINCELADAS DE EMOÇÕES	147
ACOLHIDOS NA ALMECE	148
CHAPEU DE COURO	150
ACERVO DOCUMENTAL DA ALJUG.....	152
INVEJA.....	154
XII BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO	157
EFEMÉRIDES LIGADAS A JUVENAL GALENO DA C. E SILVA.....	159
Tombamento da Casa de Juvenal Galeno.....	159
ANIVERSÁRIO DE 3 ANOS	
DE INSTALAÇÃO DA ALJUG, NO CEARÁ	160

PARTE III TERRA DO MEU ENCANTO	163
TERRA DO MEU ENCANTO	165
FRAGMENTOS PARA A HISTÓRIA DE VÁRZEA-ALEGRE	166
Religiosidade	167
Meios Midiáticos	169
Expressão Literária	170
Expressão Política	171
VÁRZEA ALEGRE, O CEARÁ CHORA A TUA DOR	173
VÁRZEA ALEGRE E SEUS CONTRASTES	176
PADRE E SEUS FILHOS	180
REDES DA MINHA TERRA	182
TRANSPORTE VARZEALEGRENSE	
(DO PAU-DE-ARARA AO AVIÃO)	184
A CONTADORA DE HISTÓRIAS INFANTIS	187
A CALÇADA	190
A VIZINHA FRANCY	192
A HUMANISTA PAULA COSTA	195
PRÁTICA DA MEDICINA EM	
VÁRZEA ALEGRE, NA DÉCADA DE 40	199
MERECIDO RECONHECIMENTO	201
UM HOMEM DE BRANCO	204
FANTÁSTICO O SHOW DA VIDA	207
TRIBUTO A SINÉSIO CABRAL	209
POESIA MUSICADA	212
PEDRO ALVES DE MORAIS – MÉRITO CULTURAL	214
ACADEMIA VARZEALEGRENSE DE LETRAS	216

CHEGA-SE À ACADEMIA VARZEALEGRENSE DE LETRAS	218
AOS MESTRES, COM CARINHO	221
ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE CULTURAL VARZEALEGRENSE..	224
ANJOS DE FOGO	226
REMINISCÊNCIAS VARZEALEGRENSES.....	227
SÍNTESE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA CORREIA.....	230
TROPEIRISMO	232
ACERVO DOCUMENTAL DE LAVRAS DA MANGABEIRA	234
LIVRARIA DO ESCRITOR CEARENSE.....	237
INTERCÂMBIO CULTURAL, EM PALMÁCIA	239
DADOS BIOGRÁFICOS DA AUTORA	241
FORTUNA CRÍTICA.....	243
BIBLIOGRAFIA.....	245

INTRODUÇÃO

*P*alavras que Celebram, devo aos gregos que, na antiguidade, interpretaram as mensagens escritas, apresentadas, inicialmente, em seu aspecto figurativo (desenhos), atribuindo-lhes símbolos gráficos que levariam às letras. Também aos egípcios, que usaram estes símbolos gráficos para criar a escrita, instrumento que preservaria as mensagens contra os limites da memória (transmissão oral), possibilitando acumular todo o conhecimento produzido advindo das descobertas e experiências vividas.

A partir do momento em que se fixaram, por escrito, os sentimentos e as concepções de mundo e de vida, imortalizou-se a alma. O surgimento da escrita determina o surgimento do leitor e assim possibilita, no processo de evolução das civilizações, recuperar e conhecer toda herança cultural que o homem criou e registrou legando-a à posteridade.

Na escrita, evoluímos desde os tabletas mesopotâmicos feitos de argila (onde se faziam inscrições, após o que, eram cozidas para conservá-las), passando pelos papiros egípcios (formados por talos da planta comum das margens do Rio Nilo), pelos pergaminhos (feitos com peles de animais), pelas cópias manuscritas, livros, para, finalmente, chegarmos aos livros eletrônicos.

Estamos agora no século XXI, ano 2019, seis séculos adiante, desde o surgimento da imprensa, no século XV. Nesse ano, celebramos os 19 anos de publicação do primeiro exemplar da *Revista Gente de Ação*. O livro *Palavras que Celebram* é um presente para os colaboradores, o editor Dideus Sales, e você leitor que nos acompanha.

A Revista tem como filosofia divulgar ações relevantes ao mundo social, político e econômico do Ceará. Traz, mensalmente, matérias de conceituados nomes da literatura cearense: Juarez Leitão (professor, historiador), Dimas Macedo (jurista e poeta), José Batista de Lima (professor e poeta), Francisco Barros Alves (poeta e jornalista),

José Bonfim de Almeida Júnior (escritor e advogado), João Gonçalves de Lemos (advogado e historiador), Flávio Machado (memorialista), Antero Pereira (historiador), Aurora Miranda de Leão (jornalista), Pedro Salgueiro (escritor), Luciana Barroso (jornalista), Bernivaldo Carneiro (romancista), entre outros, gente de talento, gente que faz, gente criativa, gente que acontece, gente que brilha. Gente de ação!

Circulando no estado do Ceará, Distrito Federal e importantes centros do País, é uma revista que oferece um contributo à formação e à informação cidadã. Resiste, com bravura sertaneja, ao espetáculo da parcialidade. Enfrenta o mercantilismo da notícia e combate a banalização da violência. Publica trabalho frutífero e propaga ação determinada dos que abraçam a causa do bem. Congrega amantes das artes e prosadores iluminados. E planta a semente da vida, abrindo as janelas do coração para cultura de paz.

As crônicas escolhidas no livro *Palavras que Celebram*, podem ser traduzidas como retalhos da alma da autora. São seis anos de publicação, agora, reunidas neste livro, parte da comemoração aos 19 anos da *Revista Gente de Ação*.

O conteúdo desta obra celebra momentos preciosos da vivência da autora, suas ideias e opiniões sobre temas envolventes, expressos com emoção, pureza e espontaneidade.

A autora

PARTE I
DIREITOS HUMANOS
E POLÍTICAS PÚBLICAS

DIREITOS HUMANOS E POLÍTICAS PÚBLICAS

Se todas as pessoas compreendessem que direitos precisam ser respeitados e deveres exercitados! Se todos tivessem o direito à vida, alimentação e água, saúde, alojamento adequado, um nome e uma nação seria fantástico!

Ao contrário, veem-se Direitos Humanos negados: as execuções sumárias, torturas, prisões e detenções arbitrárias, mutilações de órgãos genitais femininos, discriminação, questões de desemprego, despejos forçados, exposição a resíduos tóxicos e seu impacto sobre o ambiente, direitos dos refugiados, internos e das minorias nacionais, linguísticas ou sexuais.

Contribuir para a construção da paz, por meio da cooperação entre as nações, visando fortalecer o respeito universal à justiça, ao estado de direito e liberdades fundamentais é gratificante.

Palavras que Celebram é um livro que traz, em seu conteúdo, belos sonhos de uma realidade nem sempre tão igual para todos.

Fazer parte do Conselho Estadual de Defesa de Direitos Humanos - CEDDH (2015-2017) e do Conselho Estadual de Defesa de Direitos das Pessoas com Deficiências – CEDEF-CE (2003-2005 e 2015-2017) ameniza a inquietude e me faz sonhar com uma realidade onde todas as pessoas tenham possibilidades de viver a vida, em toda a sua plenitude.

Linda Lemos

MONITORANDO DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

A Organização das Nações Unidas adotou, em 2006, a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência - CDPD, tratado internacional de direitos humanos que descreve como os direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais devem ser garantidos e exercidos pelas pessoas com deficiências. O Brasil participou da elaboração da Convenção, com a coordenação nacional de Izabel Maria Madeira de Loureiro Maior; do Ceará coube a mim levar a colaboração para somar às decisões técnicas no país.

Defendem-se a dignidade e autonomia, não discriminação, participação e inclusão na sociedade, respeito e aceitação da deficiência como diversidade humana, igualdade de oportunidades, acessibilidade, igualdade de gênero e respeito pelo desenvolvimento da capacidade da criança. São esses os princípios gerais da Convenção, que geram as obrigações do Estado Brasileiro e da sociedade em geral.

A referida Convenção foi votada e aprovada no Congresso Nacional com equivalência de emenda à Constituição. Graças a isso, está acima das leis, se aplicando às esferas federal, estadual e municipal, bem como ao Legislativo e ao Judiciário. Nenhum outro tratado internacional do Brasil tem o poder da CDPD. Assim, o Decreto Legislativo nº 186/2008 e o Decreto 6.949/2009 garantem que cerca de 23% da população (IBGE - Censo Demográfico de 2010), com deficiência ou alguma dificuldade funcional, possam ter acesso às políticas públicas, programas e serviços em bases iguais com as demais pessoas.

A primeira Convenção da ONU do século XXI enuncia que deficiência é um conceito em evolução, que depende do aprimoramento de atitudes da sociedade, de respeito aos direitos humanos e de desenvolvimento científico e tecnológico voltado para ampliação à funcionalidade das pessoas. No artigo 1º, a Convenção

enuncia que “pessoas com deficiências incluem aquelas que têm impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva, em igualdade de condições, com as demais pessoas”.

A CDPD apresenta novo entendimento segundo o qual a deficiência não está na pessoa, e sim no resultado da interação entre pessoa e contexto, dependente da acessibilidade existente ou da presença de entraves na vida social. A nova percepção revoluciona a maneira de promover a inclusão e explicita os direitos individuais e deveres da coletividade para com as pessoas com deficiência.

Novo e essencial aspecto da CDPD é colocar a obrigação de prover acessibilidade a todos os tipos de deficiência como condição básica para a efetiva inclusão e considerar a sua inexistência como violação de direitos humanos. Embora as leis de acessibilidade sancionadas em 2000 e o Decreto nº 5.296/2004 estivessem em vigência antes da CDPD, com sua ratificação, a acessibilidade ganhou destaque e força legal ao ser promovida pelas prefeituras e estados, sem que haja necessidade de leis ou decretos dessas esferas.

A CDPD estabelece que os países que a adotaram tenham a obrigação de divulgar o conteúdo, capacitar agentes públicos e organizações das pessoas com deficiência, e prestar contas ao Comitê da Convenção de sua implementação, com transparência e periodicidade não superior a quatro anos. De modo excepcional, o primeiro relatório à ONU deve ser apresentado após dois anos da ratificação da CDPD. Assim, acompanhar ou monitorar o cumprimento da Convenção é uma atividade tão relevante que o artigo 33 é dedicado ao tema.

Cada país fará a designação do ponto chave do governo e deverá estabelecer mecanismo de coordenação também no âmbito do governo, para tratar da implementação e facilitação das áreas correlatas, em diferentes setores e níveis.

No Brasil, a Coordenadoria Nacional para Inclusão da Pessoa com Deficiência - CORDE, criada por decreto em 1986 e pela Lei

Nº 7.853/1989, vinha exercendo a atribuição. Em 2009, a CORDE foi elevada à categoria de Secretaria Nacional de Direitos da Pessoa com Deficiência. O argumento para a criação da secretaria foi a CDPD, sendo que as incumbências da secretaria repetem as obrigações governamentais contidas na Convenção.

O artigo 33 define que cada país que assumiu a CDPD como norma interna deve estabelecer estrutura de mecanismo independente, nos moldes das instituições nacionais de direitos humanos, capaz de promover, proteger e monitorar a implementação da Convenção. Do processo de monitoramento participam diversos setores da sociedade civil, particularmente, pessoas com deficiência e suas organizações.

Ao passo que a estrutura governamental de implementação nacional é criada, o Brasil não dispõe de organismo com independência para monitorar os direitos humanos como um todo e direitos expressos na CDPD. O sistema existente corresponde a um conselho nacional e aos conselhos subnacionais, os quais, ainda que deliberativos no papel, não dispõem de independência orçamentária, tampouco administrativa. A ligação umbilical com a gestão governamental comprova que o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – CONADE, ainda que desempenhe atividades relevantes, não se coaduna com a definição do artigo 33 da CDPD.

O monitoramento de políticas, programas, ações, iniciativas legislativas e privadas não pode deixar de acontecer e, para tanto, cabe às organizações não governamentais, ao Ministério Público e ao Poder Judiciário suprir a lacuna apontada. O cidadão comum e as instituições representativas devem se valer do acesso às informações públicas governamentais, para acompanhar o que está sendo feito para garantir a educação inclusiva definida na CDPD, as medidas de inserção no mercado de trabalho, saúde, reabilitação, promoção social, acesso à cultura, ao lazer, ao turismo e ao esporte e participação na vida política e pública, como direitos econômicos, sociais e culturais. Da mesma maneira, devem ser monitorados os direitos civis e políticos, como direito à vida, reconhecimento igual perante a lei, liberdade e segurança,

prevenção de tortura, exploração, violência e abuso, acesso à justiça, liberdade de expressão e acesso à informação, proteção à integridade física e mental, vida independente, nacionalidade, mobilidade, respeito à privacidade, ao lar e à família.

Em suma, progressos aconteceram desde o início do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil, no final dos anos 70, impulsionados pelo Ano Internacional das Pessoas com Deficiência – AIPD, 1981. O momento seguinte corresponde ao processo constituinte, coroado com a Carta de 1988. Novamente a ONU atende às demandas de setores da sociedade civil mundial que exigiam dos países equiparação de direitos e oportunidades para o segmento. O conjunto populacional, *o maior das minorias*, estimado pela Organização Mundial de Saúde em um bilhão de pessoas, segundo estudos divulgados em 2011, continua a ter os direitos violados e enfrenta marcada invisibilidade e intrínseca vinculação à pobreza e aos países em desenvolvimento.

Finalmente, após vinte anos, começa, em 2002, o processo de elaboração de um documento integral, homologado em 2006 a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Os próximos anos da história irão demonstrar se fomos capazes de modificar o cenário, por intermédio da sensibilização da sociedade, da responsabilização dos gestores públicos e da emancipação das pessoas com deficiência. Há muito trabalho a ser executado em conjunto por diversos setores e, sem dúvida, o monitoramento da implementação da CDPD é peça fundamental.

Izabel Maria Madeira de Loureiro Maior é docente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro; mestre em Medicina Física e Reabilitação e especialista em políticas públicas e gestão governamental; ativista do movimento político das pessoas com deficiências, primeira pessoa com deficiência a exercer os cargos de titular da CORDE (2002-2009) e da Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (2009-2010). Esteve à frente da ratificação da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

Maria Linda Lemos Bezerra é psicóloga, membro fundador do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos das Pessoas com Defi-

ciência do Estado do Ceará – CEDEF-CE (2003), integrante da Comissão que representou o Ceará, em Brasília, na I Conferência Nacional de Direitos das Pessoas com Deficiências, e representante do Estado na Câmara Técnica “A Década das Pessoas com Deficiência - 2006-2016”, eventos promovidos pela Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, em subsídio a texto da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovado pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Membro fundador do Movimento de Autistas no Ceará, na direção da Associação de Pais e Amigos de Autistas- APAAP-CE de 1989 a 1995; membro do Conselho Consultivo da Presidência da Associação Brasileira de Autismo - ABRA, em seguida, Diretora Técnica (1990 a 1994). Contato: lindapsy03@yahoo.com.br

CAPOEIRA CEARENSE CANTA O HINO NACIONAL

Em telefonema de Robério Batista de Queiroz, conhecido no mundo da capoeiragem como Mestre Ratto, Centro Cultural Capoeira Água de Beber – CECAB, recebo a missão de, na Câmara Municipal de Fortaleza, dia 18.02.2014, ocupar a tribuna para falar sobre os benefícios da prática do esporte, na inclusão social dos praticantes, incluindo aqueles com deficiências.

Tenho acompanhado eventos promovidos pelos capoeiristas. Organizados e conscientes da sua importância, na sociedade contemporânea, criaram a Rede de Desenvolvimento Econômico da Capoeira Cearense – REDE, que congrega: Escola de Capoeira (contramestre Olímpio), Pura Arte (Mestre Maizena), União Capoeira (Mestre Marrom), Nação Brasileira (Mestre Envergado), Legião Brasileira de Capoeira (Mestre Zebrinha), Arte Capoeira (Mestre Marrudo), Grupo Zumbi de Capoeira (Mestre Ulisses), Capoeira Brasil (Mestre Paulão), Associação Zumbi (Mestre Lula), Capoeira em Movimento (Mestre Auricélio), Luz Viva (Contramestre Aramola), Equipe Cultural de Capoeira (Contramestre Piolho), Capoeira Água de Beber (Mestre Ratto) e Grupo Confiança Brasil, atualmente com 15 mestres.

Fiz breve retrospectiva histórica, lembrando que um dos principais debates da historiografia sobre a capoeira, durante muitos anos, girou em torno da origem da palavra que dá nome à luta. Pelo menos três etimologias são apresentadas, ora apontando para a origem tupi, ora portuguesa ou africana.

Apesar das escassas fontes de informações, no período colonial e imperial, principalmente, devido à falta de registro dos praticantes - era baixo o índice de escolarização na época - sabe-se que capoeira significa *gaiola, cesto ou terreno com vegetação secundária*. A primeira utilização do vocábulo, na língua portuguesa, data de 1577, feita pelo Padre Fernão Cardin, na obra “Do clima e da terra do Brasil”, com a conotação de vegetação secundária, roça abandonada.

No século XVI, a capoeira era praticada em fazendas, terreiros, feiras, mercados e povoados, quando os escravos exercitavam-se para enfrentar proprietários, o braço armado do branco. A clara identificação da capoeira, com a resistência dos escravos ao cativo, criou nas elites brasileiras do período colonial, sentimento racista, que repudiava esta manifestação cultural. Houve época em que sua prática era considerada ocupação de bandidos, classificada como contravenção. Os “mestiços delinquentes” se acumulavam nas “delegacias de costumes”, que perseguiram também cultos afro-baianos, terreiros de candomblé e umbanda. Açoites, humilhações, em praças públicas, detenções e degredos eram constantes. O Código Penal Brasileiro a enquadrava como contravenção, com os praticantes sujeitos à prisão de dois a seis meses.

Para reverter o quadro de marginalização, mestres baianos, sob a liderança de Mestre Bimba e Pastinha, iniciaram um processo de regularização da prática, favorecendo a fundação de academias e dando à capoeira feições de esporte e luta, retirando-a do gueto em que se encontrava. Isso foi possível, com a criação da Capoeira Regional, entre as décadas de 30 e 50.

Chega-se ao século XXI e, com ele, o reconhecimento da importância da capoeira, no sentido de incluir socialmente grupos vulneráveis, secularmente marginalizados. Prática de esporte extraordinário, rico em movimentos e expressões corporais. É um espaço de acolhimento, independente da condição étnico-racial, crença religiosa ou econômico-social do indivíduo. Tribo, berimbaus e tambores cantam a beleza em respeito às diferenças individuais e união entre os povos. De poder reabilitador, reforçam o pedido de reconhecimento pelo Poder Público, em forma de subvenções sociais.

Na Câmara Municipal de Fortaleza, Mestres e Contramestres, entre líderes da capoeira cearense não menos importantes, expressam-se em português fluente, com vocábulo ricamente elaborado e convincente. Lembram que a capoeira é uma expressão máxima da cultura brasileira, a divulgar nossos costumes e folclore, amparada pelo artigo 215 da *Carta Magna*. Cantam o hino nacional brasileiro ao som de berimbaus, atabaques e tambores.

Meu filho, não verbal, sabe falar a língua da tribo, na qual convive há 25 anos. E é compreendido.

O reconhecimento da capoeira como patrimônio cultural é um avanço. Sabe-se que a preservação e proteção do patrimônio cultural não se restringem apenas a monumentos magníficos, com valor histórico, mas também aos valores configurados por nossas paisagens, particularidades regionais e geográficas, ambientes urbanos e rurais, bem como traços da manifestação cultural, modos de vida, expressões de arte popular, saberes e fazeres, aspirações, símbolos e mitos, enfim, tudo o que reforça a identidade cultural de um povo.

No dia 15 de julho de 2008, a capoeira foi registrada como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pela inclusão do ofício dos mestres de capoeira no Livro dos Saberes, e da roda de capoeira, no Livro das Formas de Expressão. Esse registro traz como demanda ao Poder Público o maior desenvolvimento de políticas públicas, de suporte e incentivo à comunidade capoeira, e, principalmente, de amparo aos velhos Mestres.

Esta foi a mensagem deixada na Câmara Municipal de Fortaleza.

TRIBOS, BERIMBAUS E TAMBORES INCLUSIVOS

O principal debate da historiografia sobre a capoeira, durante muitos anos, girou em torno da origem da palavra que dá nome a luta. Não é de estranhar que tenham surgido três etimologias, apontando ora para a origem tupi ora portuguesa ou africana.

É a capoeira brasileira, africana ou afro-brasileira? Surgiu na África e foi aperfeiçoada no Brasil? É prática brasileira, levada para o continente africano, por escravos que aqui chegaram e retornaram a sua terra natal?

Segundo Vieira (2005), a primeira utilização do vocábulo na língua portuguesa data de 1577, feita pelo Padre Fernão Cardin, na obra “Do clima e da terra do Brasil”, com a conotação de vegetação secundária, roça abandonada.

O etnólogo baiano Waldeloir Rego (1968) afirma que o termo foi registrado, pela primeira vez, em 1712, por Rafael Bluteau. A verdade é que as hipóteses são muitas e não há consenso sobre a origem do misto de luta e dança denominada capoeira.

Segundo Zulu (1995), a capoeira era praticada no século XVI, nas fazendas, terreiros e povoados, quando os escravos se encontravam em largos, feiras e mercados, enfrentando a resistência de proprietários. Treinada nas fazendas como coreografia, simulava dança inocente aos olhos dos feitores e senhores de engenho. O acompanhamento musical, ainda hoje nas rodas de capoeira, converteu-se em forma de os escravos camuflarem sua verdadeira intenção - exercitar-se para enfrentar, em época oportuna, o braço armado do branco.

No Brasil, houve época em que a prática da capoeira era ocupação de bandidos, classificada como contravenção. O aparelho repressor do estado brasileiro, através das delegacias de costumes, perseguem cultos afro-baianos, terreiros de candomblé e de umbanda e rodas de capoeira. Açoites, humilhações, em praças públicas, detenções e degredos eram constantes.

Para reverter o quadro de marginalização, mestres baianos, sob a liderança de Mestre Bimba e Pastinha, iniciaram processo de regularização da prática, favorecendo a fundação de academias e dando à capoeira feições de esporte e de luta. Entre os anos de 1930 e 1950, cria-se a Capoeira Regional, retirando a luta do gueto. O Código Penal Brasileiro tira-a da marginalidade, antes enquadrada como contravenção, com os praticantes sujeitos à prisão de dois a seis meses.

Chega o século XXI e com ele o reconhecimento da importância da capoeira no sentido de incluir grupos socialmente vulneráveis. É um espaço de acolhimento, independente da condição étnico-racial, crença religiosa ou econômico-social do indivíduo. Na tribo CECAB, ter déficit intelectual não é tabu. Tribo, berimbau e tambores cantam o hino da solidariedade, lamento à exclusão e beleza pela união entre os povos. Ao longo de 25 anos, meu filho pratica capoeira, trazendo e levando alegria aos companheiros desportistas e Mestres: Biscuim, Envergado e Ratto. Certamente, exerce sua cidadania, direito ao lazer e à socialização.

No Brasil, a capoeiragem ocupa três grandes centros: Salvador, Rio de Janeiro e Recife mas é Fortaleza que sedia o V Festival Internacional de Capoeira e Tradições Afrodescendentes, de 23 a 29 de julho de 2012. O compromisso de difundir e fortalecer a cultura negra consolida-se com o encontro de pessoas vindas da França, Hungria, Venezuela, entre outros países, somando 180 participantes, na celebração e valorização dos costumes e tradições.

Uma programação diversificada concretiza-se com palestras, debates, oficinas, feiras, exposições de arte e artesanato, exibição de filmes, shows e outras apresentações culturais. Alunos, professores e mestres da capoeira do Brasil e do exterior, brincantes de folguedos, artistas, educadores, pesquisadores da cultura popular, militantes de entidades negras e interessados estimulam a discussão em torno dos principais temas: Educação e Sustentabilidade. E, assim, expõem de forma espontânea, democrática, bonita, atividades educativas, científicas e artístico-culturais mobilizadoras, informativas e socializadoras, numa mistura de culturas e expressões que caracterizam o Brasil.

Ao importante personagem da capoeira do Brasil, Fortaleza-Ceará, Robério Batista de Queiroz - Mestre Ratto, fundador e dirigente da entidade que sediou o evento, Centro Cultural Capoeira Água de Beber – CECAB, registre-se nossa apreciação e reconhecimento ao trabalho.

O CARRO DE GESSO

Numa tarde de domingo, na calçada, aguardava a amiga, que chegaria em segundos. Acompanho com o olhar a caixa de madeira, medindo aproximadamente 1m x 1m, sobre rodas de uma bicicleta enferrujada. O meio de transporte era, com certeza, a adaptação de um trabalhador autônomo, para auxiliá-lo na labuta diária.

O letreiro sobre a caixa, em vermelho, fora rabiscado com pincel de pelos ralos, desgastados pelo uso, conduzido por alguém inábil na arte de escrever. Lá estava a palavra *GESSO*, torta e desfigurada, como as pernas magras de um cabrito, em época de seca. Sobre a geringonça em disparada, crianças gargalhavam, ao ritmo das rápidas pedaladas do condutor.

Puras e inocentes, contagiavam o ambiente, com forte energia infantil. Mostravam cabelos despenteados e ressecados, ao vento, no asfalto que também abrigava carros bonitos e caros. Como “a inocência não se envergonha de nada”, a alegria transbordava por entre bocas banguelas, que anunciavam a mudança da dentição, própria da idade. As gargalhadas dobravam: crianças verdadeiramente livres e felizes. Alegria personificada, que só os anjos são capazes de irradiar.

Para o filósofo do iluminismo Jean Jacques Rousseau, o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe. Da mesma forma, o homem nasce livre, mas por toda parte se encontra acorrentado, por fatores como a sua própria vaidade, fruto da corrupção do coração. O indivíduo torna-se escravo de suas necessidades e dos que o rodeiam, o que, em certo sentido, refere-se a uma preocupação constante com o mundo das aparências, do orgulho, da busca por reconhecimento e status.

Entre as obras do intelectual francês do século XVIII, que abrangem investigações políticas, romances, análises na área da religião, literatura e educação, uma merece destaque: Rousseau acreditava na amabilidade produzida pela natureza. Para ele, in-

citada a afabilidade, a benevolência espontânea da pessoa pode ser preservada da influência corrompida do meio.

Registro aqui minha admiração ao amável condutor do carro de gesso, incitador da afabilidade nos passageiros mirins. A cena me fez lembrar que há inocência na admiração pois “cada criança, ao nascer, traz a mensagem de que Deus não perdeu as esperanças nos homens”(Rabindranath Tagore).

COLETÂNEA RARA

A palavra coletânea significa conjunto de atos diversos: músicas, leis, contos, crônicas, poemas, artigos etc. Pela seleção, escritores expõem criatividade, afetos, preocupações, amores, paixões, interesses, vontades, sonhos, ilusões, lamentos, angústias, súplicas, entre uma infinidade de sentimentos próprios enquanto se reportam a pessoas, objetos, lugares... e outros temas de suas escrituras.

Naturalmente, uma coletânea musical de Chico Buarque de Holanda é arquivo de verdades político-social-brasileiras. Suas composições refletem o lamento do Brasil, gritos musicados. Em forma de sonhos infantis, têm-se os contos dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, nascidos há 200 anos, em Hanau, na região do rio Meno. Na Alemanha e muito além, quase todo mundo conhece as narrativas compiladas: *A Gata Borralheira*, *A Bela Adormecida*, e *Os três porquinhos*. Um mundo distante com personagens fantásticas.

A biografia de Fernando Pessoa é, na verdade, uma coletânea de biografias: dele próprio, e tantas dos seus heterônimos: Alberto Caeiro, Álvaro de Campo, Ricardo Reis, Bernardo Soares, só para citar alguns pseudônimos, na verdade, escritores com personalidade e estilo próprios, com vida e história independentes. A genialidade de Pessoa era tamanha que não cabia em um só homem: eram necessários vários, várias cabeças para dar vazão a tanta criatividade, ao transbordamento de ideias. Grande conhecedor da língua portuguesa, ele próprio brincou com o sobrenome Pessoa. Talvez, Pessoas fosse mais adequado, para um poeta habitado por tantos outros.

A coletânea de pensamentos é uma farmácia moral em que se encontram remédios para todos os males, diz François Marie Arouet (1694-1778), detentor de obras que somam noventa e nove volumes. Brilhante, querido por todos, admirado pela inteligência e escritos, na Bastilha, a prisão parisiense, adota o nome de Voltaire, e tem tratamento racional para desvendar os mistérios

da consciência humana. Dá a entender que Descartes estava errado com seu inatismo, e prefere a teoria de John Locke, de que tudo deriva das sensações. A sensação é tão importante quanto o pensamento, e o mundo é uma sensação contínua.

Coletânea de emoções: brinco lilás, farmácia moral, justiça social e seu oposto, dança de cores suadas, tendões que se esgarçam ao vento, trocas, viver enfim, um mundo de sensações contínuas, registradas na singeleza das palavras. Nem todos, em todos os momentos da vida são racionais, às vezes, apenas portadores de emoções incontidas.

A ROSA QUE ENCANTOU O MUNDO

No Dia Internacional da Mulher, a Casa de Juvenal Galeno, palco de recitais, palestras, conferências, números de cantos, audições ao piano, concertos de violões, danças, lançamento de livros, entre as atividades artístico-literárias, sedia solenidade festiva.

No decorrer da festividade, promovida pela Academia de Letras Juvenal Galeno - ALJUG, nomes de personalidades importantes no cenário nacional e internacional vieram à tona, principalmente, grandes mulheres com atuação na vida política, social e acadêmica.

O pensamento levou-me a Rosa Parks, costureira negra, 42 anos, que entrou para a história, no dia 1º de dezembro de 1955, quando, em Montgomery- Alabama-USA, recusou-se a ceder lugar a homem branco, por serem as primeiras filas dos ônibus, pela lei, reservadas a passageiros brancos. Rosa permaneceu sentada e, conseqüentemente, detida, levada à prisão e condenada a pagar multa.

Poucos dias depois da atitude de Parks, milhares de negros se recusaram a tomar ônibus a caminho do trabalho. Pontapé inicial que levou o pastor da Igreja Batista, localizada na Avenida Dexter, Nº 454, reverendo Martin Luther King Jr, a organizar boicote em massa, de 381 dias, contra as companhias de ônibus locais. Inicia grande reviravolta na história dos EUA.

Empresas de transporte coletivo tiveram prejuízos cada vez maiores, enquanto os negros caminhavam quilômetros, acenando e cantando pelas ruas, frequentemente, xingados, insultados e até agredidos por brancos.

Rosa enfrenta ameaças de morte, humilhações e teve que mudar de estado por não conseguir arranjar emprego, mas estava registrado o seu papel na história. O simples e grandioso gesto foi de grande significado para a conquista dos direitos civis dos negros pela igualdade racial, marco no movimento antirracista nos Estados Unidos.

No dia 13 de novembro de 1956, a Corte Suprema norte-americana aboliu a segregação racial nos ônibus de Montgomery e, conseqüentemente, foram revogadas as leis que proibiam ou restringiam o acesso dos negros a acomodações, em locais públicos e restaurantes.

Em junho de 1999, Rosa Parks, com 88 anos, recebe das mãos do então presidente Bill Clinton, a mais alta honraria oficial concedida pelo governo a um civil norte-americano, Medalha de Ouro do Congresso. Outras honrarias incluem a Medalha Presidencial pela Liberdade, em 1996 e em 2000, a inauguração do museu com seu nome, em Montgomery-AL, onde cumpria temporada de estudos, na Auburn University, costumando transitar pela *Rosa Parks Avenue*, na doce lembrança da Rosa que encantou o mundo, determinada mulher que nada lembra o estereótipo de *sexo frágil*. Cinco anos depois, veio a falecer, em 24 de outubro de 2005, aos 94 anos, em Detroit.

DIA MUNDIAL DA CONSCIENTIZAÇÃO DO AUTISMO

Dois de abril foi decretado pela ONU Dia Mundial de Consciência sobre o Autismo, com intuito de instigar Governo e Sociedade a discutir e repensar a situação das pessoas acometidas, sob a ótica dos direitos humanos.

A Síndrome foi mencionada pela primeira vez em 1943, pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner, reportando-se a onze casos de crianças, nos Estados Unidos, que tinham em comum “um isolamento extremo, desde o início da vida e, um desejo obsessivo pela preservação da mesmice”, denominando-as “autistas”.

Em 1944, o pediatra austríaco Hans Asperger descreveu crianças com dificuldades na comunicação não verbal, pouca capacidade empática, tendência a intelectualizar as emoções, porém, com habilidades intelectuais preservadas: “Falamos de forma prolixa e formal, têm intensos interesses por tópicos não usuais e certa incoordenação motora”.

O autismo é uma disfunção global do desenvolvimento, manifestada pela alteração que afeta a capacidade de comunicação do indivíduo (falta de uso social da linguagem, ou seja, de reciprocidade no intercâmbio de conversação), de socialização (estabelecer relacionamentos) e de comportamento (responder apropriadamente ao ambiente).

A expressão *Transtorno do Espectro Autista* – TEA – é devido à gama de possibilidades de manifestação dos sintomas, que vão de casos severos, com comprometimentos absolutos, como os descritos por Kanner, aos leves, descritos por Asperger. Variam de pessoas que não se comunicam verbalmente e têm deficiência intelectual aos gênios com habilidades específicas, verdadeiro arco-íris se considerada a diversidade de apresentações.

Descoberto como entidade clínica há setenta anos, o autismo continua envolto em mistérios. Diz-se que está ligado a causas

genéticas, associado a fatores ambientais. Entre as possíveis causas ambientais, a contaminação por metais pesados, mercúrio e chumbo, assim como problemas na gestação: uso de drogas ou infecções. O fato é que, apesar do grande número de pesquisas e investigações, não se pode dizer que o autismo seja um transtorno claramente definido.

O diagnóstico é feito, basicamente, pela avaliação do quadro clínico. Não existem testes laboratoriais específicos para a detecção. Instrumentos formais para diagnóstico da desordem: Classificação Internacional de Doenças – CID-10, da organização Mundial de Saúde, e Manual de Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais, da Associação Americana de Psiquiatria - DSM-V.

O diagnóstico precoce é importante (antes dos três anos) para que se inicie a intervenção o mais rapidamente possível. Embora não exista cura ou remédio, a intervenção precoce pode mudar drasticamente o destino das pessoas acometidas. Registre-se que todo apoio e suporte oferecidos devem obedecer aos princípios fundamentais da dignidade, não discriminação, participação, inclusão, autonomia e respeito às diferenças.

No Brasil, não há estatística, mas pesquisas, em outros países, apontam prevalência de um autista em cada cem habitantes, maior incidência do sexo masculino, na proporção de 4:1, e da Síndrome de Asperger, 10:1; em média, uma em cada 110 crianças nascidas nos Estados Unidos, e, segundo a ONU, em 2010, cerca de 70 milhões de pessoas em todo o mundo.

O diagnóstico do autismo, para os pais, significa o desmoronamento das habituais fantasias acerca de filhos e xequemate à própria vida. Do luto à luta leva tempo. À culpa segue-se a indignação pela discriminação.

No Jornal Folha de S. Paulo, 19 de março de 2013, o jornalista Luiz Fernando Vianna, pai de autista, externa preocupação com o tratamento que os meios midiáticos têm dado às pessoas acometidas pela Síndrome. Ele vem fazendo apanhado dos discursos sobre o assunto, no campo social e midiático e nos estudos científicos. E encontrou um rosário de barbaridades: o jornalista Jairo Marques (no site da Folha de S. Paulo, assimcomovoce.blogfolha).

uol.com.br) chama os autistas de “povão tchubirube”, entre outras “brincadeiras”. Centenas de pais protestaram junto ao jornal e redes sociais. “Humor que agride quem não pode se defender não é humor”.

A estupidez é democrática: o adjetivo também é usado pelo intelectual Emir Sader e Ana de Hollanda, ex-ministra da Cultura. No quadro “Casa dos Autistas”, a MTV apresentou, em 2011, propaganda do *bullying*. A emissora, mesmo relutante, teve que se retratar. A TV Globo, após desastrosa abordagem sobre o tema, no programa “Domingão do Faustão”, diante da indignação dos pais, promete tratar do assunto na próxima novela das 21h, ótima oportunidade para divulgação e esclarecimento sobre a Síndrome. A novela veio pior do que se desejava.

Apesar de progressos pontuais, como a Lei Nº 12.764/12, sancionada em 27 de dezembro de 2012, a carência de políticas públicas no país e a desinformação alimentam o preconceito vigente. A nova lei dá direito a atendimento especializado e obriga o Estado e entidades privadas a garantir o acesso à educação e ao mercado de trabalho, entre outros direitos. Escolas e planos privados de saúde não poderão rejeitar pessoas com autismo, que têm como reivindicar prioridade no atendimento.

Registre-se, em Fortaleza-CE, a experiência da Casa da Esperança, referência internacional em atendimento a autistas. A Casa vem lutando para não fechar as portas, pois depende do repasse de verbas do SUS, pela prefeitura da capital cearense que nem sempre chega a tempo. No mesmo nível de qualidade e comprometimento com a causa, trabalham instituições: Fundação Projeto Diferente e Perspectiva TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children).

Ao concluir a escritura, vale salientar a própria voz do autismo: O livro “O Estranho Caso do Cachorro Morto” [trad. Luiz Antônio Aguiar, Record, 2006] escrito pelo inglês Mark Haddon, trata-se de belíssimo romance, narrado por adolescente obcecado por cálculos.

Caso paradigmático de sucesso é o da norte-americana Temple Grandin, 65 anos, PhD, professora universitária. Seu primeiro

livro autobiográfico, “Uma Menina Estranha” [trad. Sergio Flaksman, Companhia das Letras, 200 págs,1986] é considerado um clássico no campo do autismo. O segundo, “Thinking in Pictures”, tem a atenção da comunidade científica, pois ajuda a entender peculiaridades da Síndrome. Grandin define autista como “Um Antropólogo em Marte” [trad. Bernardo Carvalho, Companhia das Letras, 1986], livro do médico neurologista e escritor inglês Oliver Sacks.

Ressalte-se que a palavra “autista” vem sendo banida dos discursos de pais e profissionais, por a considerarem estigmatizante, uma vez que transforma uma característica em algo que define totalmente a pessoa. Em vez disso, usa-se o termo TEA, devido à gama de possibilidades de manifestação dos sintomas.

A TROCA

Abro minha caixa de e-mails, nas últimas horas de sexta-feira, após uma semana de trabalho, véspera do “Dia Nacional de Luta das Pessoas com Deficiência”, 21 de setembro de 2010. Entre as notícias do dia, me chamou a atenção matéria escrita pela médica Luciane Nascimento Lubianca, publicada no Jornal Zero Hora, Porto Alegre, título: “Por um olhar mais generoso”¹:

“Ser mãe ou pai de uma criança especial” exige muita paciência. Ser humano não é fácil. Ando com meus filhos, que têm dificuldade motora, por todos os lugares. Por mais difíceis que sejam as condições de acesso, insisto em não me deixar intimidar pelas barreiras impostas pelo que a vontade possa superar. Pelas ruas, a toda hora, vemos carros estacionados em rampas de acesso e cidadãos saltitantes desembarcando em vagas de estacionamento reservadas para deficientes físicos. Meus filhos reclamam: “Mãe, liga para a polícia!”. Repito sempre o mesmo discurso sobre ética e respeito aos direitos de todos.

Além dos obstáculos físicos, existem os olhares contundentes de estranheza. Em vários momentos, pessoas depositam, sem delicadeza, sua curiosidade sobre o que não lhes é familiar. Viram o pescoço mirando as pernas titubeantes das minhas crianças e eventualmente tascam: “Ele é deficiente!”. Guilherme cumprimenta a todos que o olham. Na tentativa de protegê-lo, já expliquei várias vezes que não devemos responder a todos os olhares com um “oi”, e, na rua, devemos cumprimentar somente aqueles a quem conhecemos.

Certo dia, durante espera para corte de cabelo, ele brincava com cubos, tentando colocar um sobre o outro, sem muito sucesso. Eu estava um pouco distante, com outro filho, quando percebi uma senhora sentando ao seu lado, fitando-o fixamente. Ela de boca aberta e com um olhar agudo, meu filho concentrado na sua missão aparentemente impossível. Após alguns minutos, de súbito, Guilherme virou-se, olhou para a mulher e disse: “Oi, tudo bem? Te conheço, né?!”. A senhora desconcertada

¹ Disponível no site: www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1993, acessado em 17 de setembro de 2017.

saiu rápido, sem responder nada, como se ele não devesse ter percebido o óbvio.

Aos olhares indiscretos, lembro que a sensibilidade daqueles que parecem nada perceber permanece conectada, independentemente do grau de comunicação que pensamos poder ou não existir.

Meus filhos têm sete anos e paralisia cerebral. Não correm, nem pulam como a maior parte das crianças. Inicialmente, pode ficar a impressão de que são pequenos menos alegres, não é verdade. O que normalmente deixaria a maioria deprimida, os impulsiona. Desde cedo já sabem que ser parte do usual não é o único meio possível de ser feliz. Como todas as mães, quero um mundo melhor para meus filhos, por isso escrevo, compartilhando meu aprendizado. Aos olhares que acolhem, mando meu terno abraço, aos que tem piedade, meu desejo de crescimento. E para aqueles que acham fazer parte de um mundo paralelo, solicito, pelo menos, um olhar mais generoso” (Jornal Zero Hora, 16 de setembro de 2010).

Num ímpeto solidário, respondo à autora da matéria:

Sei exatamente o que você e seus filhos passam. É que já senti olhares que variavam da rejeição, pena, espanto, medo à admiração. Tenho um filho com “déficit” intelectual, espectro autista. Hoje adulto, tranquilo, socialmente adequado ao “mundo dos normais”. Para chegar até aqui, sofri, chorei, briguei, lamentei a mediocridade de alguns, senti pena da atitude mesquinha de tantos outros ou simplesmente os ignorei. E assim vivi estes 30 anos, ao lado de um ser humano sensível, amigo, que me fez crescer e motivou a vencer obstáculos que cheguei a julgar intransponíveis. Agradeço viver ao lado de pessoa que me possibilita viver a vida em toda a plenitude, compreendendo e aceitando as diferenças individuais, e até louvando-as. Aprendi não só a entender mas, principalmente, respeitar a diversidade humana. Com ele aprendi que o silêncio pode causar um barulho imenso; que a visão independe dos olhos; que as mãos, bem como os olhos e o coração têm o poder de falar bem alto quando necessário.

Os que não puderam nos alcançar, infelizmente ficaram para trás. Perderam-se em meio à curiosidade, indiscrição, pobreza de espírito, enquanto nós, pais, olhávamos para frente, em busca de

esperança e alegria, porque, em nossos corações, não há espaço para sentimentos negativos. Para nós, o mundo é muito mais do que um olhar indiscreto, atrapalhando o brincar de uma criança feliz.

E a troca de experiências continua com o registro da mãe, a auditora fiscal Sandra Tavares:

“Sei como a autora se sente. Aqui em casa somos quatro: eu, meu marido e os meninos: Guilherme e Alexandre. Alê, como a maioria já sabe, tem Síndrome de Down e meu marido (alguns devem lembrar) teve um AVC, em 2008, que o deixou com algumas sequelas. Ele está sem os movimentos do lado direito do corpo. Caminha com uma órtese na perna e uma bengala. O braço direito fica livre, mas como está sem movimentos percebe-se esse fato só de olhar. Então, você imagina o que acontece quando saímos os quatro para uma praia ou a um restaurante, por exemplo. A chegada é sempre triunfal. É uma chuva de olhares curiosos e invasores. Alguns disfarçam com uma olhada rápida, enquanto outros insistem em continuar investigando, até que também passam a ser investigados. Por mim. Mas, na maioria esmagadora das vezes, não ligo (já estamos acostumados) e passamos simplesmente a aproveitar nosso momento família” (Jornal Zero Hora, 16 de setembro de 2010).

Concluem-se das três experiências relatadas que, no século XXI, as barreiras “atitudinais” são obstáculos a serem superados para que se possa sonhar com uma sociedade mais justa, humanizada, com pessoas incluídas, social, econômica e politicamente, no processo de desenvolvimento do país e do planeta.

CAPOEIRA E MESTRES

*“Capoeira é luta de dançarinos. É dança de gladiadores (...).
A submissão da força ao ritmo. Da violência à melodia.
A sublimação dos antagonismos (...).
O capoeira é um artista e um atleta, um jogador e um poeta.”*

Poeta Dias Gomes

Alguns eventos trágicos, desastres naturais ou não, jamais serão esquecidos na história da humanidade: holocausto, efeitos da explosão da bomba atômica, terremotos, tornados, inundações.

Falar em Capoeira é reportar-se ao início da colonização no Brasil, quando o trabalho escravo foi considerado instrumento para o desenvolvimento da economia da colônia portuguesa. Evento trágico, desastre antropológico, vergonha do ponto de vista sociológico.

O tráfico de homens negros, trazidos do continente africano, marca a sociedade brasileira pelas repugnáveis práticas reguladoras das relações de trabalho. Nenhum povo vive sob o jugo da escravidão sem revolta. Com os negros, no Brasil, não foi diferente. Planejavam fugas e começam a pensar formas de luta para libertação. Fugiam e eram capturados pelos “capitães do mato”, e levados aos “quilombos”, tornando-se “quilombolas”; o mais famoso e importante da história brasileira, o Quilombo de Palmares, século XVII, localizado no Estado de Alagoas.

Mesmo no período da escravidão, os negros juntavam-se em cantorias, danças e culto aos orixás. Os encontros festivos não eram reprimidos pelos donos de escravos. Feitores e capatazes passavam ao lado da festança e acreditavam tratar-se apenas de encontro para a “Dança de Angola”, nome dado em função da nação africana, que mais cedeu negros ao tráfico de escravos.

Para a “*Abolição da Escravatura*”, em 1888, a capoeira desempenhou importante papel, ao apressar o fim da escravidão. Luta, resistência, instrumento que apavora os opressores. Reunidos em grupos, os negros formavam as “*maltas*”, conjunto de capoeiristas temíveis que investiam contra fazendas e engenhos para libertação de negros.

Porém os problemas não terminam com a assinatura da Lei Áurea. A falta de trabalho, o difícil acesso à educação e mesmo à exploração dos que conseguiam alguma forma de emprego continuavam existindo e marcam nossa história, até os dias de hoje.

Atualmente, a capoeira vem sendo mais que luta: como esporte, oportunidade de inclusão social e até filosofia de vida. As características dotam-na de grande beleza.

Nosso reconhecimento aos mestres: Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha, criador da Capoeira de Angola), Bimba (Manoel dos Reis Machado, criador da Capoeira Regional), e ao cearense Mestre Ratto (Robério Batista de Queiroz, criador da Capoeira Inclusiva), que desenvolve belo trabalho de inclusão social das pessoas com deficiência, em um mundo real, pela capoeiragem.

Ela proporciona muito em termos de equilíbrio, concentração, aumento de reflexos e de coordenação motora. Além disso, o contato com a capoeira é um mergulho na história do país: incentivo à visão de mundo solidário e humana, no conturbado contexto em que vive a sociedade do século XXI.

AS QUEDAS

O escritor e jornalista paulista Diogo Mainardi escreveu as memórias de um pai, em 424 passos: “A Queda”. Se a história da arte pode ser dividida entre os que cultuam Deus e os que cultuam o homem, o livro de Mainardi é uma obra de arte que reporta fantástica história de vida, que inicia no ano 2.000, na Itália renascentista. Resultado de erro médico, seu filho primogênito, Tito, sofre lesão cerebral ao nascer.

O livro me chega às mãos pelo amigo e editor Dorian Sampaio Filho. Sou-lhe grata pelo valioso presente. O conteúdo lembrou-me, pelo menos, 848 passos dados ao lado do meu filho nascido em 1979. A recuperação, longa e exaustiva batalha que inicia ao nascer.

Conheci Ruth Cavalcante, recém-chegada de exílio na Alemanha, trazendo, na bagagem, o conceito de “estimulação precoce.” Em prática, o método Bobath, criado pelo casal judeu Karel Bobath, ortopedista, e esposa, Berta Busse, professora de ginástica, refugiados na Inglaterra, fugidos da perseguição de Adolf Hitler.

Músculos alongados, S. era chacoalhado na rede. Posto dentro de cilindro, rolado pela sala. O quadril atado com faixas elásticas. Levado a torcer o tronco com pernas imobilizadas. Tinha os lábios contornados pelo adesivo, para estancar a baba. Pressionava-se sua língua, para minimizar a protusão. Mantido em postura ereta diante de espelho. Tinha de sentar-se com os joelhos esticados. Estendido em grande bola vermelha e rolado para frente e para trás. Arremessado no colchonete de espuma. Ele era estimulado a produzir movimento de engatinhar. E mais... e mais estímulos, em busca de sua sobrevivência.

Os pais são tomados pelo sentimento de felicidade quando evitam as quedas dos filhos. Aprender a cair torna-se para nós, pais de crianças com limitações físicas ou intelectuais, tão valioso quanto saber caminhar. Cada passo do filho torna-se unidade de medida para a nossa felicidade.

Pela literatura, compartilha-se a condição de saúde dos que amamos incondicionalmente, e refletimos sobre ações e emoções que clamam por justiça, respeito e dignidade. Escrever sobre tais sentimentos dá sentido à vida. Entre fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, psicólogo, técnicos da equoterapia, assistente de classe, ortopedista, neurologista, cuidadores e exames médicos, trilham-se caminhos em busca de novas descobertas. Tito, entre Veneza e Rio de Janeiro. S., entre Fortaleza e Palm Beach Gardens-USA. Longa caminhada. Muitos passos, inúmeras quedas.

Segundo reportagem do Jornal Il Gazzettino, o Tribunal Civil de Veneza condenou o Hospital de Santi Giovanni e Paolo ao pagamento de mais de 3.000.000 euros a Tito, pela “impropriedade da conduta do pessoal médico”. Manchete: “Menino ficou tetraplégico, ressarcimento milionário”. O pai de Tito diz: “em seus primeiros 10 anos de vida, Tito custou-me 3.497.916 ovos”, uma referência aos economistas do Terceiro Reich que avaliavam a economia com aniquilamento de inválidos ao longo de uma década, em ...batatas, quilos de carnes, salsichas...e por último, em ovos. Sob comando de Franz Stangl, foram 70.273 inválidos aniquilados até 1º de setembro de 1941: economia de 33.731.040 ovos.

Para os pais, é difícil calcular o preço da invalidez porque sua unidade de cálculo é o amor e incalculável, o preço.

CABIDE QUE FALA

Como a pessoa cega pode escolher roupa no armário? É tarefa difícil para quem não enxerga. No mínimo, tem que memorizar a posição e a textura do que ela guardou no armário.

E se o cabide avisasse o que está pendurado? “Bom dia, eu sou seu blazer rosa”, anuncia a voz, no cabide, o que se tornou possível com a invenção do cabide que fala. Ferramenta que auxilia deficientes visuais na escolha. O segredo está em chip instalado no interior do cabide, que armazena mensagens, ligado a um alto-falante. É preciso apertar um botão para gravar: “Esta é a sua camisa azul turquesa?”, ouvir sim, ao acionar botão à frente.

A ideia surgiu das irmãs, donas de uma fábrica em Petrópolis, região serrana do Rio de Janeiro. Uma é pedagoga e trabalha com deficientes visuais. Os alunos se queixavam muito da necessidade organizacional, de como vestir, como melhor aproveitar o dia a dia”, lembra Adriana Sêmola, dona da fábrica.

O cabide também tem conceito de sustentabilidade, feito com sobras de madeira reciclada. A dificuldade, por enquanto, é encontrar empresa brasileira que fabrique chip semelhante. O atual é importado da China. A fábrica produz apenas 500 peças e distribui pelas instituições de atendimento a deficientes visuais que acolhem parte dos mais de 6,5 milhões de brasileiros cegos ou com grande dificuldade de enxergar.

Para o fenômeno da cegueira emocional, a ciência ainda não descobriu solução. Fenômeno universal ocorre com pessoas expostas a imagens violentas ou eróticas, fazendo-se incapazes de registrar estímulo visual por um curto, mas crítico período de tempo, fato que não ocorre com imagens que elicitam emoções menos fortes.

O fenômeno “bloqueio emocional” pode ter, segundo pesquisadores, valor evolutivo: a necessidade de sobrevivência faz com que as pessoas foquem nos sinais físicos de perigo ou nas possibilidades de reprodução, enquanto filtra a informação emocional.

VENDO A MATEMÁTICA COM DIFERENÇA

Registro o destaque pela imprensa nacional, do varzealegrense Ricardo Oliveira da Silva, condecorado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com a quinta medalha de ouro das Olimpíadas Brasileiras de Matemática das Escolas Públicas - OBMEP, do Ministério da Educação, Ministério da Ciência e Tecnologia, e Instituto de Matemática Pura e Aplicada. Na 5ª edição da Olimpíada, com resultados divulgados em dezembro de 2009, Ricardo ficou em terceiro lugar no resultado geral, e em primeiro lugar, entre os alunos de escolas públicas municipais, em disputa que participaram dezenove milhões e trezentos mil alunos de escolas públicas federais, estaduais e municipais.

Conheci Ricardo Oliveira da Silva no dia do seu aniversário, 21 anos, terça feira de carnaval, ano 2010, em sua casa, no município de Várzea Alegre. Recebida pelo pai, Joaquim Oliveira da Silva, e mãe, Francisca Antônia da Conceição. O irmão Romildo, também campeão de olimpíada e de solidariedade, encontrava-se em casa. Fui muito bem acolhida pela família, de vida nem sempre fácil, sobrevivendo, durante décadas, da plantação de arroz, feijão e milho.

Devido à condição física (vítima de amiotrofia espinhal), Ricardo sempre teve dificuldade de acesso à escola. Vivendo no Sítio Vacaria, distrito de Ibicatu, para chegar aos bancos escolares, enfrentava “estrada de barro e pedra, repleta de ladeiras”, levado pelo pai, agricultor, num carrinho de mão, por cerca de 1 km. “Quando chove, fica impossível andar por ali”, diz o pai. Alfabetizado em casa, pela mãe que cursou até a sexta série, ajudado pelo irmão, que trazia da escola os livros de ambos, Ricardo ia sedimentando a vida acadêmica. Somente pensa em frequentar a escola formal em 2006, após concessão da primeira medalha de ouro, na olimpíada nacional de matemática. Na Escola Municipal Joaquim Alves de Oliveira, no Sítio onde morava, distante de sua casa, Ricardo deveria cursar a 6ª série.

Após o prêmio, a renda familiar melhorou, pois Ricardo passou a receber R\$ 100,00 (cem reais) da bolsa de iniciação científica, pela conquista das olimpíadas, somados aos R\$ 76,00 (setenta e seis reais) do Programa Bolsa Família. A medalha de ouro lhe garantiu aulas particulares com o professor de matemática Valberto Ramos Feitosa, que declara: “Ele consegue, com livros simples, criar teorias matemáticas” (Jornal O Povo, 2009).

Ricardo passou a morar na sede do município, com toda a família, aos 19 anos e se preparava para cursar a 7ª série na Escola de Ensino Fundamental Presidente Castelo Branco, em frente a sua casa. Atualmente, com 21 anos, tem cadeira de rodas motorizada, “I-phone”, computador, internet e direito de escolher se quer ir morar perto da Escola de Ensino Fundamental e Médio Prof.^a Maria Afonsina Diniz Macedo, que frequentará em 2010, ou permanecer no bairro onde reside, apanhando transporte, fornecido pela Prefeitura Municipal.

O assunto em questão, certamente, merece reflexão, no que diz respeito à educação para todos, como direito garantido. Principalmente, sobre um dos maiores desafios da educação inclusiva - *O Combate ao ciclo de invisibilidade* - o qual obedece à seguinte lógica: 1º. Pessoas com deficiências não conseguem sair de casa e, portanto, não são vistas pela comunidade; 2º. Por não serem vistas pela comunidade, deixam de ser reconhecidas como parte dela; 3º. Por não serem reconhecidas como parte dela, garantir o acesso a bens, direitos e serviços não é considerado problema para a comunidade enfrentar e resolver; 4º. Sem ter acesso a bens e serviços, não há como serem incluídas na sociedade; 5º. Uma vez não incluídas na sociedade, continuam invisíveis, alvo de constante discriminação ou tendo acesso, passivamente, a programas de governo nem sempre inclusivos. O Ricardo rompeu com o ciclo da invisibilidade, ou seja, o Brasil resgatou o gênio. E quanto aos demais, pessoas comuns? Deixo com você a resposta e tantas outras que não consegui responder.

Experiência e estudos mostram que a alfabetização pode ter papel essencial na erradicação da pobreza, no aumento de possibilidades de emprego, na promoção da igualdade entre os sexos,

na melhora da saúde familiar, na proteção do ambiente e na promoção da participação democrática.

Deus! Meu Deus, ilumina a mente dos homens.

HOMENAGEM A VITÓRIA

Figura 1 – Da esquerda para direita: Maria Linda e a Srta. Vitória, em São Gonçalo do Amarante-CE.



Fonte: arquivo particular da autora.

A Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), pela Resolução 47/3, de outubro de 1991, declarou 3 de dezembro Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, comemorado a partir de 1992, com vistas a dar visibilidade e fomentar a efetiva inclusão do segmento na sociedade.

A data não se resume a um único dia de celebração. Funciona como ponto de referência para realização de uma série de atividades, durante os 12 meses do ano. Como resultado, tem gerado maior conscientização a respeito da imagem, potencialidades, necessidades, possibilidades das contribuições das pessoas com deficiência, para a sociedade.

Em 2009, o tema escolhido pela ONU, para exploração do assunto: “Tornando Inclusivas as Metas de Desenvolvimento do Milênio: Empoderando as pessoas com deficiência e suas comunidades ao redor do mundo”, lembrete sobre pessoas que não podem ser esquecidas, no processo de desenvolvimento econômico, e convite a pensar a inclusão das mesmas, de forma sustentável e articulada.

Dados estatísticos da deficiência no mundo, nas Américas e no Brasil, mostram estreita relação entre deficiência e pobreza. As desigualdades são socialmente produzidas. A experiência e os estudos efetuados mostram que a alfabetização pode ter papel essencial na erradicação da pobreza, no aumento das possibilidades de emprego, na promoção da igualdade entre sexos, na melhora da saúde familiar, na proteção do ambiente e na promoção da participação democrática.

Em minhas andanças, como professora de unidades de ensino superior que invadiram o interior do Estado, conheci a Srta. Vitória (figura 1), no município de São Gonçalo do Amarantes-CE. Ela consta no “guiness book”, de 1994, como a menor mulher do mundo, medindo 78 cm de altura. Irmã do Prefeito Municipal, é exemplo de cidadã ativa, determinada e sobretudo, muito querida. Atendeu ao convite, para discutir “a inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho e o exercício da cidadania”, com alunos do curso de Gestão de Recursos Humanos, da Universidade Estadual Vale do Acaraú, na localidade. Confirmada a afirmação do parágrafo anterior.

Vitória faleceu em 2009, deixando saudades e merecendo destaque. Na oportunidade, presto-lhe homenagem póstuma, esperando o dia em que a minha homenagem possa tornar-se vitória, em relação aos direitos humanos.

O LIVRO ACESSÍVEL

O que é livro acessível? Livro a custo zero, para que as pessoas, independente de condição financeira, tenham acesso? Livro sem censura, que pode ser lido e entendido pelas pessoas, independentemente da idade, grau de maturidade ou conhecimento acadêmico? Livro escrito em figuras, para ser traduzido pelo próprio leitor, à sua maneira? Enfim, poder ser tudo isso e muito mais...

Meu primeiro texto publicado no site “Recanto das Letras” é sobre o livro acessível. Na semana da posse na Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará, ALMECE, em 01.09.2009, uma matéria me chamou a atenção. O conteúdo tratava da impossibilidade de a jovem Sara Barnes dar continuidade ao trabalho monográfico, por falta de livros acessíveis sobre os assuntos que ela precisava pesquisar. Hoje, tenho boa notícia: cadastrada na lista de newsletter do site <http://livroacessivel.org>, tomo conhecimento, pelo Boletim nº 5, de janeiro de 2010, da existência do MOLLA - Movimento pelo Livro e Leitura Acessíveis no Brasil.

Outras manchetes no referido boletim incluem notícias do tipo:

- 1 O futuro chegou antes: Empresas brasileiras correm para se adaptar aos livros digitais, novidade que se concretizou mais rápido do que o esperado (...), em 07/12/2009. Outra manchete: Zahar disponibiliza, a partir de hoje, algumas das obras de seu catálogo em versão eletrônica (...), em 19/12/2009.
2. O site está aberto e até sugere que se enviem notícias que circulam na imprensa em geral, sobre temas que dizem respeito à diversidade. Livros e leituras acessíveis, educação inclusive, podem ser publicados em nosso site, informam.

Contudo é preciso avançar em busca de uma sociedade justa, igualitária. É importante que o livro seja produzido, respeitando o desenho universal, para que ele possa ser lido por qualquer pessoa que deseje ou precise, tenha alguma deficiência ou não.

No site, você encontrará lugar para se informar, compartilhar e comemorar a inclusão, denunciar falta de acesso e exclusão, sempre no sentido de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e melhor para todos, diz Naziberto Lopes de Oliveira, com cegueira.

*Los Angeles, CA, em 14/01/2010.

SONHO EM CORES

Dia 3 de dezembro de 2010, pelo elevador, chegava ao local de trabalho. Não foi um dia comum. No pequeno espaço, as pessoas tinham a difícil tarefa de acomodação a fim de chegar ao destino: uma de duzentas e vinte salas, no Harmony Medical Center, dedicadas a cuidar da saúde física ou emocional das pessoas. Pedi a alguém a apertar o botão correspondente ao andar de destino, pois não alcançava fazê-lo. Em seguida, ouvi uma voz suave e doce: “Doutora, a Senhora lembra-se de dez pessoas que bateram a sua porta? Talvez nem saiba, mas estão todas trabalhando e devem isso à Senhora”. Voz de um jovem pai, com criança nos braços. Virei o rosto e reconheci o líder do grupo que, em 2007, chegou ao consultório, trazendo nove pessoas com algum tipo de deficiência. Queriam ser ouvidos. Todos insatisfeitos com o resultado de uma das etapas do concurso público da Guarda Municipal de Fortaleza, a avaliação psicológica, na qual haviam sido considerados inaptos para desempenhar as funções anunciadas em edital. Vinham de profissional que não pode atendê-los.

O exíguo tempo, entre o anúncio do resultado dos concursos públicos e o prazo dado para o candidato entrar com recurso administrativo ou judicial, normalmente dois dias, sempre foi um desafio para nós, profissionais: às vezes temos apenas o final de semana para realizar retestes; quando não faltam testes no mercado local. Preparar, em tempo hábil, novos laudos, com as devidas exposições de motivos ou justificativas pertinentes, é tarefa difícil. Cada caso é único, pois diversas são as peculiaridades individuais. Além disso, candidatos, não tendo assumido emprego, nem sempre dispõem de meios financeiros para custear despesas processuais e advocatícias. As dificuldades são evidentes.

No grupo específico, vislumbrei luz de esperança: a certeza de que eu faria tudo ao meu alcance para compreender o que havia acontecido a cada pessoa, que me confiava o sonho de ter acesso ao mercado de trabalho brasileiro.

Depois de ouvir, ver e aplicar instrumentos que me permitiam fazer prognósticos do desempenho no trabalho, e, de posse das procurações que me confiaram, fui fazer *as vistas dos testes* que a Comissão de Avaliação Psicológica responsável pelo concurso havia aplicado. Convenci-me de que aquelas pessoas eram capazes sim de desempenhar as funções estabelecidas no edital.

Para chegar a esta conclusão, como profissional psicóloga, tive de me despir do estigma do preconceito que, infelizmente, ainda ronda a nossa volta, em pleno século XXI. O balizamento ético, os psicólogos precisam buscá-lo no exercício profissional. É verdade que há limitações para cumprir a legislação brasileira em vigor, pois a lei de cotas, com vagas no mercado de trabalho para pessoas com deficiência existe, enquanto inexitem instrumentos de avaliação psicológica suficientes, validados no Brasil, para permitir-lhe o acesso.

Quanto ao assunto igualdade de oportunidades para todos, faltam testes específicos para cegos, por exemplo. É óbvio que não se podem considerar as pessoas inaptas com base em simples entrevista. Assim, usando o mesmo raciocínio, para ser justo, poder-se-ia considerá-las aptas, em face do mesmo recurso. Vale registrar que, nos Estados Unidos da América do Norte, existem, pelo menos, quatro instrumentos psicológicos, amplamente utilizados, com este segmento da população.

Entre discussões e divergências de opiniões do psicólogo perito que representava dez desclassificados, e a Comissão de Avaliação Psicológica do concurso, prevaleceu o bom senso. Conseguimos ser ouvidos e os dez candidatos estão trabalhando sim, segundo afirmou o líder do grupo, no elevador apinhado de gente, na sexta-feira que marcou minha carreira e vida.

A Organização das Nações Unidas adotou 3 de dezembro como *Dia Internacional das Pessoas com Deficiência*, por meio da resolução A/RES/47/3, esperando as entidades mundiais da área comemorem a data, gerando conscientização, compromisso e ações que transformem a situação desfavorável de exclusão de pessoas no mundo. Estou fazendo a minha parte. Peço desculpas pela falta de modéstia, mas tenho compromisso com a minha consci-

ência. Lembro que a omissão, no caso, é mais grave que a pouca modéstia e, naturalmente, inadmissível. Há dez pessoas trabalhando, uma com cegueira, vivendo o sonho em cores, no apogeu de emoções.

Finalizo esta escritura citando dispositivo do Decreto-Lei n. 3.298 (Art. 35, incisos I e II e § 3º) que regulamenta *o acesso* das pessoas com deficiência *ao trabalho*, assegurando o direito do candidato a ter *apoios especiais* ao submeter-se a concurso, desde que informado no ato da inscrição. Entende-se que a concessão de recursos e cuidados aos segmentos situados em *desvantagem objetiva*, frente aos demais, não poderá ser caracterizada como simples favorecimento a parcelas da sociedade, mas sim, como a criação de condições necessárias para que todos estejam em situação objetiva de igualdade, para o uso das oportunidades existentes. Buscar reparar as desigualdades, na verdade, não se trata de privilégio. No caso, fala-se de reparação de injustiças seculares e de direitos humanos.

QUAL COR VESTE O SEU FILHO?

A Organização das Nações Unidas adotou 3 de dezembro como *Dia Internacional das Pessoas com Deficiência*. O 10 de dezembro, dia Internacional dos Direitos Humanos. Os Chefes de Estado e Governo dos países ibero-americanos, reunidos em Cádiz, Espanha, nos dias 16 e 17 de novembro de 2012, deram atenção especial à pessoa com deficiência, declarando 2013 Ano Ibero-americano de inclusão de PCD no mercado de trabalho.

Meu filho vestiu azul no segundo dia do mês de abril. Nessa data, Fortaleza, azulada, vibrou. Xuxa Meneghel, olhos azuis, encantou a Praia do Leblon. Celebrava-se o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, 2 de abril de 2013, oportunidade para reflexão sobre avanços, desde que se falou, pela primeira vez, na Síndrome, em 1940, conforme os austríacos Leo Kanner (1894-1981) e Hans Asperger (1906-1980).

A origem é fundamentalmente genética, embora não seja ainda possível isolar os genes causadores, pois são incontáveis e funcionam em variadas combinações entre eles. Por isso nos referimos ao “espectro autista”, encontrando-se desde casos severos, com comprometimentos absolutos, aos de alto funcionamento, que podem desenvolver sofisticadíssimos *softwares*, como acontece no Vale do Silício, Califórnia, Estados Unidos, região de polo industrial, onde se concentram empresas de tecnologia da informação, computação e componentes eletrônicos. Ressalte-se que o nome Silício é utilizado em homenagem ao elemento químico (Si), matéria-prima básica e de fundamental importância na produção da maior parte dos circuitos e chips eletrônicos.

O autismo caracteriza-se por problemas na comunicação (mesmo as pessoas verbais têm fala atípica e dificuldade para expressar ideias e sentimentos); na socialização (dificuldades nas interações sociais, pouco contato visual e compreensão por vezes precária das conversas); e no comportamento (padrões repetitivos e movimentos estereotipados, como balançar o corpo, e movimentar as mãos).

O diagnóstico significa para os pais o desmoronamento de habituais fantasias acerca de filhos. Do luto à luta leva tempo. Antes da vergonha, vêm luto e culpa. Depois vem indignação. É difícil escapar desta divisão esquemática. Aprende-se cedo a dar importância a certas atitudes discriminatórias, motivo de indignação. Em nome dos filhos que tanto amamos, adere-se à ideia da ONU e ao grito: 2 de abril, Dia Mundial de Conscientização do Autismo. Dignidade para nossa luta!

Num gesto contra o preconceito e isolamento, a presidente Dilma Rousseff sanciona, em 27 de dezembro de 2012, a Lei nº 12.764/12, que dá direito a atendimento especializado e obriga o Estado e entidades privadas a garantir acesso à educação e ao mercado de trabalho, entre outros direitos. Escolas e planos privados de saúde não poderão rejeitar pessoas com autismo, que terão como reivindicar prioridade no atendimento. O gestor escolar que recusar matrícula de aluno com deficiência pode receber multa de 3 a 20 salários mínimos.

Os pais e profissionais que defendem ensino especial (por acharem que os alunos aprendem mais nas escolas especiais e ficam protegidos de *bullying*) vêm se queixando de desvalorização dos trabalhos voltados diretamente a autistas. A redação da lei supracitada não impede que escolas especiais continuem a existir. Porém não tem incentivo público a essa ala da educação, opção que precisa continuar a ser debatida. Apesar de progressos pontuais, como a lei aprovada em dezembro passado, a carência de políticas públicas no país e a desinformação alimentam o preconceito vigente.

DIREITO À PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO PROCESSO ELEITORAL

A Constituição Federal do Brasil estabelece que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”. A ratificação da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, no artigo 29, garante-lhes “direitos políticos e oportunidade de exercê-los em igualdade de condições com as demais pessoas”, assegurando que “os procedimentos, instalações e materiais de votação” sejam “apropriados, acessíveis e de fácil compreensão e uso”.

A base legal para o exercício da cidadania, na hora do voto, não para por aí. As Leis Nº 12.034/2009 e Nº 9.504/1997 estabelecem que “a propaganda eleitoral gratuita na televisão deverá utilizar a Linguagem Brasileira de Sinais – LIBRAS – ou o recurso de legenda, que deverão constar, obrigatoriamente, do material entregue às emissoras”. O artigo 53 do Decreto 5.296/2004, que regula a Lei nº 10.098/2000, estabelece como recursos mínimos de acessibilidade, a “subtitulação, por meio de legenda oculta; a janela, com intérprete de LIBRAS; e a descrição e narração em voz de cenas e imagens”. Considere ainda a Norma Brasileira - NBR 15.290, sobre a Acessibilidade em Comunicação na Televisão, elaborada pelo Comitê Brasileiro de Acessibilidade-CB40. Está portanto, materializado o direito à remoção das barreiras arquitetônicas e comunicacionais na hora de votar.

Apesar do aparato legal, o direito legítimo de acessibilidade e participação das pessoas com deficiência na vida econômica, política e social do país parece, algumas vezes, negligenciado. Pelo menos foi o que se presenciou, no último dia 16/10/2010, em reunião no auditório do SESC-Fortaleza, por ocasião do Encontro de Web-ativismo e Cidadania Ativa das Pessoas com Deficiência, transmitida via internet, com a participação de entidades

representativas do Movimento, em vários estados da Federação. Na oportunidade, foram trazidos ao conhecimento de todos os seguintes fatos, ocorridos no último pleito eleitoral, no dia 03/10/2010:

1. A violação do direito à informação sobre os candidatos é uma infração que fere o princípio da igualdade: No período de propaganda eleitoral, no 1º Turno, a comunidade surda não teve acesso às informações sobre candidatos, bem como às suas propostas, uma vez que apenas a minoria disponibilizou a janela de Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS para programas televisionados e as legendas de rodapé, além de minúsculas, eram passadas em velocidade difícil de acompanhamento. Constata-se, sem dúvida, que a ausência da janela com intérprete de LIBRAS causou prejuízos ao direito de informações sobre os candidatos, ensejando, assim, desequilíbrio entre os eleitores, uma vez que uns tiveram acesso livre a informações e outros não
2. Falta de acessibilidade aos locais de votação, bem como falta de equipamentos adequados para garantir o sigilo eleitoral: Grande parte dos eleitores com deficiência foi lotada em zonas com barreiras arquitetônicas quase intransponíveis. Observou-se falta de equipamentos adequados à garantia do sigilo eleitoral. A maioria das seções não foi equipada com fones de ouvido, a fim de preservar a inviolabilidade do voto dos que têm deficiência visual. Os problemas de acessibilidade incluem largura estreita das portas (impedem ou dificultam o acesso ao local de votação das pessoas com mobilidade reduzida), indisponibilidade de vagas preferenciais em estacionamentos, escadarias, patamares etc.
3. Falta de informações dos mesários: O Tribunal Superior Eleitoral lançou campanha de cadastramento e, nessa linha, o TRE/CE informou às diversas instituições de e para pessoas com deficiências, inclusive ao Conselho Estadual de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiências-CEDEF-CE, que haveria formulários a serem preenchidos,

com a finalidade de facilitar o acesso do eleitorado à Zona. No entanto, houve depoimentos ressaltando o completo desconhecimento dos mesários acerca do formulário e dos direitos dos eleitores com deficiência, no momento de votação. Com certeza, o fato violou, diretamente, normas emanadas pelo próprio Judiciário Eleitoral, bem como sua legislação específica.

Diante do exposto, conclui-se que deve haver viabilização de acesso universal em zonas eleitorais, sem prejuízo ou constrangimento para o eleitor. Assim, solidarizo-me com “O Movimento de Luta das Pessoas com Deficiências” que, publicamente, protesta contra a situação de violação dos direitos civis e políticos do segmento, durante o processo eleitoral. Espera-se a igualdade de condições no processo político brasileiro. E fica o lembrete do segmento: Não nos conformaremos com a “dispensa” do nosso voto como já foi ventilada em eleições anteriores. Queremos sim participar do processo político, democrático brasileiro e escolher nossos representantes. Não pretendemos abdicar desse direito.

*Em novembro/2011

EVOLUÇÃO, SÍMBOLOS DA ACESSIBILIDADE

Figura 2 – Velho símbolo internacional da acessibilidade.



Fonte: sites da ONU e Inclusive², acessados em 2 de maio de 2016.

Estávamos acostumados com o velho símbolo internacional de acessibilidade (figura 2), que traz um personagem estático, numa cadeira de rodas. Foi criado pela desenhista dinamarquesa Susanne Koefoed e adotado no 11º Congresso Mundial sobre Reabilitação de Pessoas Deficientes, em setembro de 1969. Somente em 1985, os brasileiros o adotaram oficialmente, através da Lei Nº 7.405, de 12/11/85, que regulamenta o seu uso e estabelece que nada pode ser acrescentado ou modificado o desenho.

O símbolo seguinte, figura 3, evolui no conceito de indivíduo com deficiência, já que mostra um personagem dinâmico, ativo, independente, com os braços prontos para qualquer ação.

Chega agora o mais novo símbolo (figura 4), desenhado pela Unidade de Desenho Gráfico do Departamento de Informação Pública das Nações Unidas, em Nova York, trazendo a figura simétrica conectada a um círculo, com os braços abertos, para representar uma harmonia entre os seres humanos em sociedade, a inclusão social das pessoas com todos os níveis de deficiência, em todos os lugares do mundo.

² ONU: <http://www.un.org/webaccessibility/logo.shtml> e Inclusive: <http://www.inclusive.org.br/?p=28238>, acessados em 2 de maio de 2016.

A definição de acessibilidade refere-se à possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização, com segurança e autonomia de edificações, espaços, mobiliários, equipamentos urbanos e elementos. Desta forma, podemos dizer que acessibilidade, além de proporcionar a TODA população o direito de ir e vir com segurança e o melhor grau de independência possível, ela garante a inclusão em todos os ambientes, necessários para qualquer indivíduo.

Segundo a NBR 9050, a representação da figura 4 indica que serviços, espaços, edificações, mobiliário e equipamentos urbanos são acessíveis às pessoas com deficiência (deficientes auditivos, visuais e cadeirantes) ou com mobilidade reduzida (idosos, gestantes e obesos), desmistificando a ideia de que o símbolo de acessibilidade representa apenas o cadeirante.

O logotipo foi criado para uso em produtos de informação pública, impressos e eletrônicos, com objetivo de aumentar a conscientização sobre as questões relacionadas à deficiência. Pode ser usado para simbolizar produtos, lugares e tudo o que seja favorável à acessibilidade, à informação, serviços, tecnologias de comunicação, acesso físico etc. Simboliza sobretudo a esperança e a igualdade de acesso para todos.

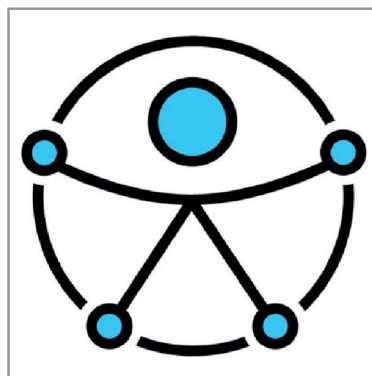
Registre-se que este não é o único símbolo utilizado para informar e determinar a inclusão de tipos de deficiências. Vários outros são utilizados.

Figura 3 – Segundo símbolo.



Fonte: sites da ONU e Inclusive, acessados em 2 de maio de 2016.

Figura 4 – Terceiro e atual.



Fonte: sites da ONU e Inclusive, acessados em 2 de maio de 2016.

V CONFERÊNCIA ESTADUAL DE DIREITOS HUMANOS

Em 1946, a Organização das Nações Unidas criou o Comitê responsável pela redação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que expressa uma visão de mundo até hoje atual, desejada pela comunidade internacional.

O documento tem por missão exclusiva contribuir para a construção da paz, por meio da cooperação entre as nações, visando fortalecer o respeito universal à justiça, ao estado de direito e liberdades fundamentais.

Nos dias 11 e 12.03.2016, aconteceu a V Conferência Estadual de Direitos Humanos, em Messejana, grande Fortaleza-CE. Tema: *Direitos Humanos para Todos e Todas*.

Compuseram a mesa diretiva: Promotora de Justiça da Saúde Isabel Porto, Antônio José do Nascimento, na qualidade de Secretário Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, Secretário Especial para Assuntos de Direitos Humanos no Ceará Acrísio Sena, Deputado Estadual José Ailton Brasil, Chefe de Gabinete do Governador Hélcio Batista, Presidente e Vice-presidente do CEDDH, Marileide Luz (sociedade civil) e Demitri (governo), Secretário de Justiça Hélio Leitão, Secretário de Educação Maurício Holanda, Vice Presidente do Conselho Nacional de Direitos Humanos Ricardo Barreto. Preciosas às participações de Marcelo Uchoa, Secretário Adjunto das políticas sobre drogas e Dra. Michele, representando a Defensoria Pública.

O Ceará será representado, na Conferência Nacional por 19 delegados/governo e 29/ sociedade civil, segundo o capítulo XIII, do Regimento Estadual original, Art. 29, o qual estabelece dois representantes para cada segmento: mulheres, LGBTs, negros, pessoas em situação de rua, em defesa dos direitos à terra e à moradia adequada, à liberdade de crença e culto, dos direitos dos estrangeiros, refugiados e migrantes, criança e adolescente, juventude,

povos tradicionais, idosos, indígenas e conselhos profissionais. Chamou a atenção a alínea h), que se referia a “pessoa com deficiências ou pessoa com transtorno mental”, disponibilizando duas vagas neste item, o que significa um representante por segmento. Questiona-se: direitos negados na própria Conferência Estadual ou desinformação?

O fato é que os profissionais da área que atuam diretamente com Deficiências e Transtornos se deparam, frequentemente com pessoas que confundem as duas categorias: Deficiência Intelectual e Transtorno Mental. Há muitos séculos, essas duas modalidades andaram juntas e eram indissociáveis, porém com os avanços das pesquisas na área de neurociências, já é possível ter-se uma compreensão melhor desses dois distintos processos neuropsicológicos. Esclareçamos as interfaces e as diferenças entre a Deficiência Intelectual e o Transtorno Mental.

A pessoa com deficiência intelectual caracteriza-se por ter um funcionamento intelectual significativamente inferior à média, acompanhado de limitações significativas no funcionamento adaptativo, em pelo menos duas das seguintes áreas de habilidades: comunicação, autocuidados, vida doméstica, habilidades sociais/interpessoais, uso de recursos comunitários, autossuficiência, habilidades acadêmicas, trabalho, lazer, saúde e segurança.

Em 1995, a Organização das Nações Unidas – ONU – altera o termo deficiência mental para deficiência intelectual, com o objetivo de diferenciá-la da doença mental (transtornos mentais que, não necessariamente, estão associados ao déficit intelectual, ex transtorno de ansiedade: fobias, transtorno obsessivo-compulsivo-TOC, pânico; depressão, transtorno bipolar, esquizofrenia, transtornos alimentares, entre outros).

Segundo a Organização Mundial de Saúde, não é possível se construir uma única definição destes conceitos uma vez que o entendimento de saúde mental também está associado à construção de critérios subjetivos, pautados em valores e diferenças culturais.

Para efeito de políticas públicas, é importante criar programas específicos municipais, estaduais e nacional para pessoas em situação de vulnerabilidade quanto à saúde mental, a fim de

combater a violência, garantindo que a Rede de Saúde Mental atenda os que dela necessitem; elaborar e implementar estratégias de fiscalização efetivas da situação dos institucionalizados em equipamentos de saúde da Rede de Atenção Psicossocial (hospitais psiquiátricos, residências terapêuticas, hospitais com leitos psiquiátricos; construir/fomentar políticas intersetoriais que promovam direitos das pessoas com comprometimento da saúde mental a fim de combater toda forma de discriminação e estigma.

Registre-se “*gap*”³ na bela, encantadora e produtiva Conferência, para que não se misturem categorias, afinal as políticas públicas são perfeitas quando elaboradas observando-se os *Direitos Humanos para Todos e Todas*.

³ Gap: por tradução livre, é uma palavra inglesa que significa lacuna, vão ou brecha.

A GRAVATA

Provavelmente, o uso de objetos, em volta do pescoço, semelhantes a gravata hoje conhecida, foi identificado entre os egípcios. Arqueólogos encontraram, em múmias egípcias, uma espécie de amuleto conhecido como “Sangue de Ísis”. Em ouro ou cerâmica, possuía a forma de um cordão arrematado com um nó cuja função seria de proteger o finado dos “perigos da eternidade”.

Outra possível origem da gravata remonta a milhares de anos, quando os guerreiros do imperador chinês Shih Huang Ti usavam um *cachecol*, com um nó, símbolo de status e de elite entre as tropas.

Até época recente, imaginava-se que os romanos fossem os pioneiros no uso da gravata, conhecida como *focale*. Acredita-se que o acessório tenha sido utilizado pelos oradores romanos, com o objetivo de aquecer as gargantas.

Os soldados mercenários croatas, a serviço da França, durante a Guerra dos Trinta Anos, por volta do ano 1635, chegaram para dar suporte ao rei Luís XIV e ao Cardeal Richelieu, usaram cachecóis incomuns e pitorescos, enlaçados no pescoço, feitos de vários tecidos, variando de material grosseiro, para soldados comuns, seda e algodão para oficiais. Os franceses logo se encantaram com o elegante adereço que chamaram de “cravate”, corruptela de “*croat*”, em referência aos mercenários croatas. O próprio Rei Luís XIV ordenou que seu alfaiate particular criasse uma peça semelhante a dos croatas e que a incorporasse aos trajes reais.

Atualmente, o uso da gravata está associado a ocasiões marcantes, solenes. Na maioria das vezes, dignificante e alegre: casamentos, festa de formatura, aniversário de 15 anos, serviços religiosos/culto em igrejas e plenário de Assembleias Legislativas, entre outros.

O estilo varia do slim (fino), tradicional, à borboleta. Os preços, tanto quanto a estampa: listrada, texturizada ou mesmo lisa. Roxa texturizada, cinza grafite e chumbo estampada, na visita ao cliente. A rosa chá ou champanhe, em ocasiões que exigem sobriedade. Um par de sapatos social clássico e uma fragrância, no mínimo agradável, compõem o quadro. Você pode adquiri-las à vista, em Paris, ou em sete prestações mensais de R\$ 5,71. Entrega expressa, com frete pago ou comprada direto na loja.

A gravata do Samuka, como as demais, é usada em ocasiões especiais. Sempre que a usa, recebe elogios e muitas curtidas no *facebook*. É graciosa e chama a atenção pela mensagem que traz no verso: “Save our Earth” - Salve nosso planeta terra. Foi desenhada por Whitney, de 8 anos. É uma das peças da Coleção Salve as Crianças - “The Save the Children Collection”.

Samuka é um jovem espontâneo. Seu comportamento varia, com demonstração de uma maturidade exemplar, de um homem de 37 anos, ora com atitude infantil, como cada um de nós, em algum momento de nossas vidas. É queridíssimo, com ou sem gravata. Os laços que o prendem aos amigos e, principalmente, à família estão no âmago, fundo do coração.

FELIZ ANIVERSÁRIO, SAMUKA!

Em nossa caminhada pela estrada da vida, fizemos algumas paradas. Respiramos fundo, nos enchemos de fé e continuamos a jornada. Aqui chegamos. Hoje, 4 de dezembro de 2016, você Samuka, completa 37 anos. Milagre de Deus? Talvez, pois, em alguns momentos, pensamos que não se demoraria entre nós. Quando pegamos um voo de Roma para Fortaleza, em 1981, nós, pais, viemos para nos despedir da vítima que lutava contra um quadro neurológico devastador, agravado por uma pneumonia sem precedentes, que ameaçava levá-lo para outro plano. Pesava 5 kg, 16 meses de vida, olhos imensos em corpo esquelético, que diziam “não me deixem morrer”.

Precisava viver sim, para MUITO ensinar a todos nós. Ensinar valores nunca antes imaginados pelas pessoas que o cercam. Veio ao mundo no século XX, quando não se aceitavam pessoas que diferem de um padrão de normalidade desejado pela sociedade. Samuka foge, totalmente, a este padrão. Distante estava do ideal, naquela época. Resultado: se a sociedade não o aceitasse como é ou se não fizesse um esforço para a garantia do atendimento às suas necessidades imediatas, ele estaria condenado à exclusão deste mundo dos mortais. Lutou como um bravo, como um herói que volta da batalha, como um guerreiro que sentiu de perto os anseios da morte e sobreviveu, para nos dizer: estou aqui, pedalando minha bicicleta, jogando capoeira, curtindo um forró animado com meu pai, acompanhando minha mãe nas suas andanças, fazendo muitos amigos e concordando com Almir Satter, quando diz: “penso que cumprir a vida seja, simplesmente, compreender a marcha e ir tocando em frente, como um velho boiadeiro eu vou tocando os dias pela longa estrada vou, estrada sou...” Vivo estou e FELIZ.

De parabéns, como todos os que o ajudaram na caminhada da vida. Meus amigos e familiares, que DEUS os ilumine e abençoe!

PARTE II
APRECIACÃO DE
LIVROS E OUTROS

APRECIÇÃO DE LIVROS E OUTROS

Amigos têm publicado regularmente. As entidades literárias às quais pertencem lhes dão a oportunidade de uma produção acadêmica, significativamente, importante. Alguns pedem opinião sobre seus escritos, o que não me furto a fazê-lo e sinto-me honradíssima com tais solicitações. Pertença a 11 entidades literárias, como membro efetivo, honorário ou emérito. O que segue são apreciações e apresentações de livros, prefácios, orelhas, posfácio ou comentários sobre obras publicadas.

Linda Lemos

OLHANDO DE MINHA JANELA

A autora do livro “Olhando de Minha Janela”, Rosemary Amorim Gonçalves de Lemos, nascida no Rio de Janeiro, foi uma criança saudável, alegre e bonita. Jovem advogada, inteligente, sabia cativar as pessoas. Alta, postura elegante, vestia-se bem e sabia pisar no chão com dignidade. Cabelos grandes, lisos, claros e bem hidratados, refletiam o vigor da juventude, confirmada na cor da pele levemente bronzeada.

Ao longo da vida, minha prima Rosemary recebeu amor dos pais, João Gonçalves de Lemos e Maria Ilza, irmãs, Ercília e Izabel, e muito carinho de todos os familiares. À demonstração desse afeto ela retribuía com o sorriso marcante e expressivo que trazia da terna infância. Olhos que riam carinhosamente para a vida.

Rosemary nos deixa, aos 39 anos, quando o coração silencia num fim de tarde, 02 de fevereiro de 2009, em pleno carnaval. E assim perdemos a alegria e beleza jovial, a garota que sabia sorrir com os olhos.

Após “brigar” com Deus, por não conseguir assimilar a perda da filha, João Lemos consegue, finalmente, entender que a sua estranheza com o mundo cotidiano é que ele é todo montado em cima da ilusão da “vida total”, plena. O mundo cotidiano que criamos é todo voltado para a vida, como se ela não acabasse. A morte é disfuncional: quebra o encanto das mil e uma noites contemporâneas.

Após entendimento de que a morte é a certeza negada e o luto, o caminho para nova etapa de vida, o pai de Rosemary organiza os escritos da filha e constroi nova identidade, novas crenças, novos sonhos. E aqui está a prova: Esta linda obra, bela declaração de amor incondicional de um pai à filha. Se perder um filho é amputar a alma, arrisco dizer que João Lemos já compreende que “a vida e o amor não deixam de ser belos por serem finitos”. E passa esta mensagem às pessoas, através do livro “Olhando da minha janela”, onde se veem os escritos do coração de João Gonçalves de Lemos.

Algumas coisas na vida são difíceis de entender. A interpretação e compreensão do mundo a sua volta nada mais são do que um ponto de vista, e a vista de um ponto. Oportuno, talvez, frisar o escritor Leonardo Boff, com quem Rosemary comungava ideias e ideais. Exponente da Teologia da Libertação e professor universitário em universidades do Brasil e do exterior, sua produção literária é superior a 60 livros, um deles “*O casamento entre o céu e a terra*, publicado em 2001, composto de 30 contos indígenas e das principais contribuições desse povo à globalização”. Contos simples que falam do amor, do fogo, dos pássaros, da morte, da vitória-régia, da terra, do céu, das estrelas, da mandioca, do guaraná, do beija-flor e de tantos outros assuntos do dia a dia da gente simples.

O título da obra, inspirado nos índios samis, da Suécia. Leonardo Boff, em visita, ouve do cacique: casar o céu com a terra significa manter, juntos, Deus e a natureza, o homem e a mulher, os velhos e os jovens, o trabalho e a diversão, a vida e a morte. É combinar o cotidiano com o surpreendente, a imanência opaca dos dias com a transcendência radiosa do espírito, a vida em plena liberdade, com a morte simbolizada como um unir-se com os ancestrais, a felicidade discreta, nesse mundo, com a grande promessa na eternidade.”.

UM TRIBUTO A ROSEMARY

Rosemary Amorim Gonçalves de Lemos vive entre o Rio de Janeiro, onde nasceu, em 28 de julho de 1969, e Fortaleza, para onde mudou com os pais, João Gonçalves de Lemos e Maria Ilza Amorim de Lemos, aos oito anos.

Pequena, chamou a atenção pela desenvoltura e simpatia. Costumo dizer que ela sabia rir também com os olhos, tão expressiva era a sua comunicação. Sorriso largo, bonito, marcante, apertava os olhos brilhantes, quando estendia os lábios. Não bastasse a simpatia, era também uma moça de porte muito bonito. Alta, de formas bem torneadas, caminhava com elegância e brejeirice, destacando-se da média. Cabelos lisos, castanhos e sempre bem hidratados, brilho natural de juventude, interrompida bruscamente, num domingo de carnaval, em 2 de fevereiro de 2009. Quanta beleza resplandecente, meu Deus! Quantos dotes físicos em uma só pessoa!

O gosto pela leitura e talento para escrever garantiram-lhe homenagem póstuma da Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará – ALMECE, local que frequentou muitas vezes, antes de nos deixar, no vigor dos seus 39 anos. Ao pai, João Gonçalves de Lemos, 83 anos, com quem militou na advocacia, escreveu tocante mensagem: “Papai, o senhor me fez ver que o mundo é grande e que precisa de muito amor. Espero que... com sua paciência e amor, um dia, eu saberei quase tudo e você poderá se orgulhar de mim. Você é o pai que eu escolheria se pudesse. Te amo. Um beijo da filha, Rosemary”.

Com Rosemary, aprendi que a beleza maior estava no caráter: forte, marcante, arrasador. Sua força e potencialidade não se resumiam em ser bela, simpática e comunicativa. Compartilhando a fase de luto com o pai, compreendi que ela era muito mais do que conheci. Hoje arriscaria dizer, quem sabe, talvez, haver sido a pilastra que manteve a família viva. Reconhecendo com carinho o valor das irmãs, Isabel e Ercilia, posso dizer que Rosemary

foi única, singular. Ela marcou presença, neste mundo, e deixou marcas profundas.

Certamente, a homenagem prestada pelo pai, no dia do primeiro aniversário de morte, é mais uma prova de que todos reconhecem o seu valor e sentem muito a sua falta. Saudade que dói como diz o pai: grande demais para suportar. Talvez saudade gelada, cortante, invasiva, como a que sinto, neste momento, no inverno em Los Angeles-CA, de onde lhe presto esta singela, mas verdadeira e muito significativa homenagem.

LUTO

Estamos de luto: pais, irmãos, avós, amigos, colegas de trabalho, enfim... a comunidade sente profundamente a ausência de Juana Clementino, jovem talentosa, alegre, sorriso largo, símbolo de beleza e inteligência. Sua bondade em espírito a tornou ardorosa defensora dos Direitos Humanos, dos direitos à vida e aos meios de mantê-la com dignidade, bandeira que tremula na dedicação ao trabalho no Ministério da Justiça.

A vida é a soma continuada de alegrias, tristezas, mágoas, saudades, decepções, ilusões, surpresas e esperanças. Tudo vai se sedimentando nos escaninhos da interioridade, até explodir num grito silencioso. Explosão de consequências imprevisíveis. Dá medo olhar para dentro de si mesmo e abeirar-se dos abismos cavados na interioridade da alma. Abismos que abrimos e aprofundamos sem permissão da consciência.

A colega psicóloga Juana deparou-se com esta realidade e encontrou razões para fazer sua escolha – juntar-se a Deus Pai. Certa estava de que o homem jamais conseguirá ser feliz no tempo e no lugar onde está. Em qualquer período histórico ou cultural, estará sempre insatisfeito, a transferir de uma situação a outra, de uma idade para outra, sua felicidade. Este é o atestado eloquente de que o homem traz, na interioridade, a comprovação de que somente o infinito plenifica os desejos e anseios.

Meus caros Tizim, Rezula e filhos: Zaira, Vera, Josbertini, riamos e aprendamos com Juana como “combinar o cotidiano com o surpreendente, a imanência opaca dos dias com a transcendência radiosa do espírito, a vida na plena liberdade com a morte simbolizada, como um unir-se com os ancestrais, a felicidade discreta, neste mundo, com a grande promessa de eternidade. E, ao final, teremos descoberto mil razões para viver mais e melhor, todos juntos, como uma grande família, na mesma Aldeia Comum, generosa e bela, o planeta Terra.”⁴ Essa é a nossa mensagem para

⁴ BOFF, Leonardo. Casamento entre o céu e a terra. Salamandra, Rio de Janeiro, 2001.

que possamos suportar a grande perda, a ausência da Juana do nosso convívio terrestre e viver o luto, caminho para a nova etapa da vida.

CONVERGÊNCIAS

O livro *Convergências - Reunião de Textos Esparsos*, de autoria do escritor e historiador lavrense, João Gonçalves de Lemos, nos remete à invenção da escrita, um marco na conquista de um território ilimitado para o registro de experiências vividas. Os egípcios criaram instrumento que os preservaria contra os limites da memória. A cultura passaria de geração a gerações como soe acontecer.

Evoluímos desde os tabletes mesopotâmicos feitos de argila, onde se faziam inscrições, após o que eram cozidas para conservá-las, passando pelos papiros egípcios (formados por talos da planta comum nas margens do Nilo), pelos pergaminhos, feitos com peles de animais, pelas cópias manuscritas, livros em papel, até chegarmos ao livro eletrônico atual: lê-se em computadores, *tablets* ou *Ipads*.

A partir da fixação, por escrito, de sentimentos, as concepções de mundo e de vida, instaurou-se nova forma de comunicação que exigia que os conhecimentos acumulados fossem lidos. Assim, o surgimento da escrita determina o surgimento do leitor. E foi possível, no processo de evolução das civilizações, recuperar e conhecer toda herança cultural que o homem criou e registrou por escrito, legando-a à posteridade.

Na oportunidade, registro esta preciosidade: o livro *Convergências*. Na obra, o autor traz à tona temas de interesse da humanidade: desigualdade social, religiosidade, vocação humana, bem como registra costumes, hábitos, valores, crenças, interesses, atividades econômicas do século XIX. Escritos variados (53), inspirados “numa grande saudade”, como diz o próprio autor, que revive a memória de antepassados, especialmente sua vivência no Engenho Lages, na Vila de São José, distrito de Lavras da Mangabeira, onde nasceu e viveu até a ida para o Rio de Janeiro, para estabelecer-se como advogado, professor universitário, funcionário do Ministério da Educação.

“Convergências” reúne textos publicados no Jornal “O Catolé”, fundado em 08 de outubro de 1978, redator Professor Dias da Silva (Ivonildo), 27 livros publicados, idealizador da Sala de Leitura José Cândido Dias, cujo acervo em livros é o dobro da população da Vila de São José, País dos Amargosos, onde está localizada. Novo jornal circula, “Binóculo”, reunindo belos textos, na maioria, de “lavrenses ilustres”, que deixam valioso registro para gerações futuras, como o faz João Gonçalves de Lemos.

A comunidade do Salgado agradece, pela riqueza que CONVERGE em nossas mãos e meu coração, sentimentos de saudades do meu pai, médico humanista lavrense, Manoel Gonçalves de Lemos, ricamente citado na obra recém-lançada.

SEI QUE FOI ASSIM

Só sei que foi assim é o título do livro de contos do escritor contemporâneo Francisco Bernivaldo Carneiro, que aborda, entre os temas, a crescente desigualdade entre os povos, a pobreza endêmica, o elevado índice de desemprego, as migrações em ampla escala, a recorrência dos desastres naturais, o colapso dos ecossistemas, a degradação ambiental, enfim, os verdadeiros “eixos do mal” do planeta.

Associada à preocupação com o planeta terra, o autor consegue trazer à tona, em detalhes, a riqueza cultural brasileira, especialmente, da Região Nordeste.

Os contos contêm aspectos geofísicos e termos técnicos que refletem a personalidade do geólogo experiente e bem-sucedido profissionalmente. Sensível observador da condição humana, ele consegue falar de amores, desamores, acatos, desacatos, casos e descasos corriqueiros na vida social brasileira. Originalíssimo em essência, o livro encanta quem aprecia boa leitura.

A obra chama a atenção pela elegância vocabular e criatividade com que Bernivaldo descreve personagens, cenários e situações peculiares a uma grande nação sertaneja, que insiste em sua brasilidade. Funeral, feira livre, viagem a trabalho por estradas intransitáveis, perfuração de poços profundos ganham expressividade, sob o olhar do autor. Um dos personagens, o simpático animador de calçada, cujo riso flui facilmente pela janela dos caninos e incisivos ausentes, traz, a público, a macaca Sheilla Perez, que faz show para inglês ver, *at our beautiful* Canoa Quebrada *beach*. Naturalmente, uma sátira bem-humorada à invasão e exploração estrangeira, observada no continente sul-americano, especialmente, no litoral cearense.

E Bio, o porquinho injustiçado, é exemplo de colaboração à biodiversidade, que supera a importância política, costumeiramente, dada às questões de saneamento básico no Brasil. A hospedagem, em pequena comunidade interiorana, nos leva a refletir sobre o pacto feito há cinco anos, quando 191 Estados membros das Nações Unidas assumiram o compromisso de alcançar, até 2015, oito objeti-

vos do Desenvolvimento para o Novo Milênio, entre estes, eliminar a pobreza extrema, a fome e garantir a sustentabilidade ambiental.

Os contos refletem bom humor, mesmo quando abordam temas que retratam adversidades da vida. O preso, algemado a dois botijões de gás de cozinha, sentado no lastro de uma sucateada D-20, corjerimum, confirma a máxima popular “desgraça pouca é tiquim”. Mesmo com limitados movimentos, o meliante faz grande esforço, à procura de ângulo adequado para exercitar o lado indiscreto, talvez, esperançoso de encontrar cena mais animadora do que o monótono percurso a caminho do xilindró. Se a crise hídrica mundial é ameaça ao meio ambiente, talvez, a maior de todas, o prisioneiro assiste à água jorrar, abundantemente, à beira da estrada ressequida pelo sol. Quem sabe, preso por reconhecer que o ser humano é hóspede da natureza, não dono. Também por saber que, nos últimos cinco anos, doenças que podem ser prevenidas, ligadas à qualidade e disponibilidade de água, mataram cerca de 20 milhões de crianças, e milhões de pessoas continuam a viver, cotidianamente, na miséria e na sordidez, que derivam da falta de água potável e de medidas sanitárias apropriadas.

O escritor Bernivaldo Carneiro é brilhante ao apresentar os demorados banhos do Dr Fontourinha, em terra de estiagem prolongada; os amores de Benigna; a perda da joia falsa de Maroca, emergente no *High Society*; e várias outras histórias de vida, possibilitando-nos vivenciar uma gama de sentimentos que alternam entre lamento, indignação, pesar, decepção, tristeza, mas também esperança, paciência, tolerância, qualidades comuns a homens simples e puros cuja dignidade é o bem maior.

Por fim, o romancista circula confortavelmente pelo mundo literário com mais uma obra que vem somar-se às publicações: *Fofocas, futricas e folclore* (romance, 1998), *Satirizando o Cotidiano* (crônica, 1999), *Nas Garras de um Irreverente* (crônica, 2000), *Valentia-Felina* (registro histórico, 2007), *Devaneios, Delírios e Desamores* (2011).

Só sei que foi assim ganha concurso literário, premiado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza.

DEVANEIOS, DELÍRIOS & DESAMORES

D*evaneios, delírios e desamores*, romance do escritor contemporâneo Francisco Bernivaldo Carneiro, traduz o enlevo e encantamento que a vida possibilita. O autor projeta suas lentes sobre desamores e mazelas comuns ao dia a dia das pessoas. Através das citações de Victor Hugo, Fernando Pessoa, José Saramago, Nietzsche, Machado de Assis, Jorge Amado, Lya Luft..., o leitor convive com ilustres literatos e observadores da condição humana.

A obra chama a atenção pela elegância vocabular e criatividade com que o autor descreve personagens, cenários e situações cotidianas. O personagem jovem adolescente, Fred Júnior, trava diálogo corriqueiro, entre pai e filho que se amam. Bernivaldo Carneiro é brilhante ao apresentar Maçaroca, nome dado em referência ao estilo de cabelo encaracolado, “black power”, de marido traído. Histórias de vidas, envolventes, são descritas de forma originalíssima, e possibilitam vivenciar sentimentos que alternam entre pesar, medo, ilusão, esperança, paciência, tolerância, alegria, tristeza, indignação..., enfim, uma explosão de emoções e sentimentos.

O comportamento das personagens Dora e Tilda reflete como a integridade moral cede, em detrimento da sobrevivência. Carências afetivas, político-sociais e financeiras desencadeiam atitudes inesperadas, extremos da degradação humana, misérias travestidas de amores e, naturalmente, desamores. Diante de profundo sofrimento das vítimas, a religiosidade que aliena as consola, fazendo-se presente no desfecho final do romance.

Por fim, Bernivaldo Carneiro circula confortavelmente pelo mundo literário, em mais uma obra que vem somar-se às outras publicações: *Fofocas, futricas e folclore* (romance, 1998), *Satirizando o cotidiano* (crônica, 1999), *Nas garras de um irreverente* (crônica, 2000), *Valentia-Felina* (registro histórico, 2007).

Segundo Henry Van Dyke, o tempo é muito lento para os que esperam, muito rápido para os que têm medo, muito longo para os que sofrem, muito curto para os que se alegram. Mas para os que amam, o tempo é eterno. Bernivaldo eterniza o amor à vida e à literatura brasileira em *Devaneios, delírios e desamores* (2011).

ENCONTRO DOS ESCRITORES FERNANDO PESSOA E DOSTOIEVSKI EM LAVRAS DA MANGABEIRA

“Na sexta-feira festiva, 28 de junho de 2011, peço aos ouvintes da Rádio Vale do Salgado que ouçam com atenção a crônica da escritora varzealegrense Linda Lemos Bezerra, que retrata, com absoluta transparência, o acontecimento cultural vivido pela cidade de Lavras, no último dia 21 de maio/2011. Passo, pois, a palavra à autora de *Fragmentos da História de Várzea Alegre*. Assina: *Dimas Macedo*”.

Aconteceu, em 21 de maio de 2011, a posse da escritora Cristina Couto e do teatrólogo Aury de Araújo Correia, conhecido pelo nome artístico de Aury Porto, na Academia Lavrense de Letras, Cadeiras Nº 36 e 37, respectivamente. Os pronunciamentos dos novéis acadêmicos, belos e muito contundentes, emocionaram os presentes.

Aury Porto trouxe ao evento um dos maiores escritores de todos os tempos, o português Fernando Pessoa. E fez bonito. “Felicidade. Não se acostume com o que não o faz feliz, revolte-se quando julgar necessário... Se achar que precisa voltar, volte!” E eu voltei. Não sou poeta que “... finge tão completamente, que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente”.

E depois, o teatrólogo anunciou ao público: “Depois de conversa com uma pessoa que conheci ontem, Linda Lemos, reporto-me à obra *O idiota*, um dos mais notáveis romances do gênio russo, Fiódor Dostoievski”. E assim chegou a Lavras o grande romancista, sob a proteção de São Vicente Ferrer, em noite de brisa amena, distante do inverno russo, que cobre de neve encantos, encontros e desencontros. A obra de Fiódor Dostoievski explora a psicologia humana, num conturbado contexto político, social e espiritual da sociedade russa. Para os críticos, um dos maiores psicólogos da literatura mundial.

Por um segundo, Aury Porto e eu nos olhamos, em cumplicidade ideológica. Emocionada por tê-lo convencido a trazer tão ilustre convidado para a festa, em estado de êxtase pela percepção social da obra, não contive a emoção: após apresentação, corri para abraçá-lo, levando comigo afetuoso agradecimento, na terra onde nasceu meu pai, o médico humanista e escritor Manoel Gonçalves de Lemos.

Compareceu também à festa o poeta Zito Lobo, com o livro *Trovas e Poemas*, declarando amor eterno à amada Eliete. O mensageiro desse amor foi o filho, Dimas Macedo, celebridade literária contemporânea, neto do poeta de versos sociais, Antônio Lobo de Macedo (Lobo Manso). Na Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, que acolheu o evento, o Príncipe dos Poetas Populares Lavrenses, José Teles, lembrou que estamos no século XXI. E Vicente Paulo Lemos arrancou aplausos quando proclama: “Em Lavras da Mangabeira/Lavram-se ricos cristais/Quem não é Padre é Doutor/Ou tem outros cabedais/Também o agricultor/Quando lavra é muito mais.”.

Cristina Couto e Aury Porto receberam mensagens de boas vindas, enviadas pelo Presidente João Gonçalves de Lemos, e pelas confradeiras Rosa Firmo Bezerra e Lúcia Macedo Maciel. A novel acadêmica discursou, comungando sentimentos com quem parte para o exílio na Sibéria, em noite de natal, experiência que rendeu a Dostoiévski a regeneração das suas convicções. Reveladora da angústia mental e dilema vividos no mundo atual, Cristina fez questionamentos éticos, sobre a liberdade, livre arbítrio e determinismo.

Sobre o amor de Cristo falou Dimas Macedo, fruto de Sua capacidade criadora. O acadêmico Jeová Batista Moura, radialista Paulo Sérgio e tantos outros também ficaram expostos a emoções complexas, beirando os limites da razão e da lógica”.

Finaliza Dimas Macedo: “Acrescento, por último, que Linda Lemos Bezerra é natural de Várzea Alegre, integrante da Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará e Sócia efetiva da Associação Cearense de Escritores. É um orgulho para a comunidade de Lavras tê-la na conta de grande amiga do município.”

VIII COLETÂNEA DA ALMECE

A palavra coletânea significa conjunto de atos diversos: músicas, leis, poemas, artigos etc.

Uma coletânea musical de Chico Buarque de Holanda é arquivo de verdades políticas sociais brasileiras. As composições refletem o lamento do Brasil, gritos musicados.

Há 200 anos, Jacob e Wilhelm Grimm, nascidos em Hanau, na região do rio Meno, publicaram coletânea de “contos infantis e domésticos”: *A gata Borralheira*, *A Bela Adormecida*, e *Os três porquinhos*. Na Europa e além, quase todos conhecem as narrativas compiladas pelos irmãos Grimm. Um mundo distante com personagens fantásticas, começando com “Era uma vez...” e concluindo com “... e viveram felizes para sempre”.

Pela seleção de contos, crônicas ou poemas, os escritores expõem criatividade, afetos, preocupações, amores, paixões, interesses, vontades, sonhos, ilusões, lamentos, angústias, súplicas e uma infinidade de sentimentos próprios e das pessoas, objetos, lugares sobre quem escrevem.

A biografia de Fernando Pessoa é, na verdade, uma coletânea de biografias: uma dele próprio e outras de seus heterônimos: Alberto Caeiro, Álvaro de Campo, Ricardo Reis, Bernardo Soares, para falar em alguns, que não são pseudônimos como alguns pensam, mas escritores com personalidades e estilos próprios, com vida e história independentes dos demais. A genialidade de Pessoa era tamanha, que não cabia em um só homem. Eram necessários vários, várias cabeças para dar vazão a tanta criatividade, ao transbordamento de ideias.

Grande conhecedor da língua portuguesa, brincou com seu sobrenome: Talvez “Pessoas” fosse mais adequado, ao poeta habitado por tantos outros.

Importante, talvez, frisar que, embora tenha escrito e publicado dezenas de artigos, ensaios e poemas, em anos de vida, um

dos maiores poetas da língua portuguesa publicou apenas um livro em vida, “Mensagens”, em 1934. Fernando Antônio Nogueira Pessoa, nascido em 13 de junho de 1888, na cidade de Lisboa, Portugal, falece em 30 de novembro de 1935, com apenas 47 anos de vida.

Coletânea de pensamentos é uma farmácia moral, em que se encontram remédios para todos os males, diz François Marie Arouet. François (1694-1778), nascido em Paris, e tornou-se conhecido por ser brilhante, imprudente e turbulento. Suas obras somadas dão noventa e nove volumes. Na Bastilha, prisão parisiense, adota o nome de Voltaire. Querido por todos, admirado por sua inteligência e escritos. Voltaire tem um tratamento racional para desvendar os mistérios da consciência humana. Dá a entender que Descartes estava errado com seu inatismo, e prefere a teoria de John Locke: tudo deriva das sensações. A sensação é tão importante quanto o pensamento, e o mundo é uma sensação contínua.

A experiência de Voltaire, Fernando Pessoa, os irmãos Grimm e Chico Buarque reflete aos almeceanos, empenhados e movidos por um mundo de sensações contínuas, chegando ao apogeu de emoções registradas na coletânea de 2011. Registre-se, entre essas emoções, o respeito e admiração ao Presidente Francisco Lima Freitas, à frente da Arcádia, há 18 anos, de 28 de fundação.

SAUDAÇÃO AO CEDRINHO DE AÇUCAR

A denominação “*academia*” é criação de Platão. Na Grécia antiga, em Acaia, distrito situado no monte Academus, aproximadamente 387 a.C., o filósofo cria sua escola, nos jardins do subúrbio de Atenas, consagrados à deusa Atena, tradicionalmente, pertencente ao herói Academo.

A maioria das entidades literárias inspira-se na Academia de Platão (também chamada Academia Platônica, Academia de Atenas ou Academia Antiga). Discípulo de Sócrates, Platão primava pelo ensinamento dialético, em que o saber era encontrado mediante um processo endógeno, ou seja, pela busca individual, pelos constantes questionamentos. A escola rivalizava, assim, com a contemporânea, de Isócrates, onde o conhecimento consistia meramente na assimilação de saber já produzido. O termo “Academia” ganhou, desde então e até os dias atuais, a acepção de local onde o saber não apenas é ensinado, mas produzido. Vale ressaltar que a Academia Platônica é considerada a primeira escola de filosofia. Nela ingressou Aristóteles, aos 17 anos.

Na entidade platônica, acolheram-se as mulheres Lastenia Mantineense e Axiotea Fliasia, que se vestiam como homens para pertencer à entidade corporativamente masculina. No século XX, a primeira mulher a ter assento na Academia Brasileira de Letras, a cearense Raquel de Queiroz, teve que lutar, árdua e valentemente, antes de conquistar espaço. Em 04.11.1977, data de sua posse, a competência literária começava a ser reconhecida como suficiente para “o sexo frágil” ter acesso à entidade que só permitia, até então, o ingresso de varões. A doçura feminina, se não é respeitada, começa a ser tolerada a partir deste momento. Na ACE, mulheres usam vestidos, uma na Vice Presidência (biênio 2012-2014), a varzealegrense Maria Linda Lemos Bezerra.

As instituições de literatos se multiplicaram mundo afora, e chegam ao Brasil. No Ceará, após a “Padaria Espiritual”, cria-se

a Academia Cearense de Letras, e, três anos depois, a Academia Brasileira de Letras, em 1896.

As recém-criadas: Lavrense (em 01.06.2008), Cedrense (15.08.2009) e Varzealegrense (07.05.2011) enriquecem a literatura Caririense, mais precisamente da região CEVALA (denominação do pesquisador cedrense George Ney de Almeida, para Cedro, Várzea Alegre e Lavras).

Em reconhecimento a expoentes da arte de escrever, citem-se os lavrenses: Joaryvar Macedo, Dimas Macedo, Prof. José Batista de Lima, Prof. Francisco Dias da Silva (Ivonildo), João Gonçalves de Lemos; varzealegrenses: Padre Antônio Vieira, Sinésio Lustosa Cabral Sobrinho, José Sávio Teixeira Pinheiro; e cedrenses: Geraldo Amâncio, Cândido B. C. Neto, Francisco Barros Alves, Francisco de Assis Clementino Ferreira (Tizim), Ubiratan Aguiar, Uirapuan Diniz, entre tantos mercedores da citação.

A Sucursal Centro-Sul da Associação Cearense de Escritores, em Cedro, dá exemplo, e mobiliza a comunidade local, com produção de literatos experientes e neófitos simpatizantes, enriquecendo, assim, a literatura do Vale do Machado. Na ACE, registrem-se os mais novos: poeta mirim Silas Façanha, 12 anos, e poetisa Iasmin Clementino, 10 anos, que se provam, no dia a dia, capazes de fazer parte da agremiação. Cedro está de parabéns pela Antologia lançada que exhibe, em suas páginas, além de trabalhos literários, textos de convidados muito especiais como José Sávio Teixeira Pinheiro, Silas Falcão, Francisco José Pinheiro.

Cedrinho de Açucar é, mesmo, terra de talentos musicais: Jevan Siqueira, Jairo Diniz, Zé de Manu, Abianto Valdevino e, principalmente, da doce amiga de infância Mundinha (Raimunda Bezerra Alves), filha de Rosa Ferreira Bezerra e José Maurício Bezerra.

Que a inspiração cedrense se irradie para outros municípios, utilizando-se da pena hábil dos colaboradores como fonte do saber e mudanças sociais significativas.

DOIS HOMENS, DOIS AMORES, DOIS POETAS

Dois homens que deixaram rastros por onde passaram. Suas histórias se confundem, e são dignas de ser lembradas. Se ninguém vale pelo que sabe, mas pelo que faz com o que sabe, eles são exemplos. Amantes de suas raízes cearenses, nasceram na velha Princesa do Salgado, banhada pelas águas que correm para o Boqueirão, abraçadas com as do Riacho do Machado. O Sítio Calabaço foi o primeiro abrigo de José Zito de Macedo (Zito Lobo), que nasceu aos 29 de novembro de 1922, e do filho Dimas Macedo, que veio, três décadas depois, aos 14 de setembro de 1956.

Identificam-se fortemente com a vida do campo. Tranquilos, serenos, sem ambição e destemidos. São valores que perpassam pelas leis do sertão: respeito à natureza, dignidade, justiça social e muito trabalho.

Zito Lobo, testemunho de amor, carinho, dedicação ao povo, às lideranças de pastorais e movimentos, por ele organizados, firmes e radicados na palavra e na fé em Deus, ostenta trajetória de vida com participação e desejo de realização social. Em Lavras, torna-se um dos fundadores do Círculo Operário dos Trabalhadores Cristãos, de cujo núcleo regional foi Presidente. Um dos fundadores do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, um dos instituidores, na gestão em que foi Tesoureiro do Sindicato, da Cooperativa dos Trabalhadores Rurais de Lavras da Mangabeira, que dirigiu, com liderança carismática.

O zelo pela família está estampado na simplicidade da expressão gestual discreta e cativante, de característica marcadamente paternal e afetiva, “modelo de pai e de amigo, e de esposo fiel e generoso, esteio de amparo e proteção para toda a família”. Zito Lobo e Dimas Macedo, dois amores, queridos pelos amigos. Duas vidas dedicadas à família. Não há divisão entre eles quanto ao amor dedicado a familiares e amigos.

Sobre literatura, Dimas Macedo declara sobre o poeta Zito Lobo: “Mesmo acompanhando de perto, durante algum tempo, a

sua dedicação à vida literária, jamais me ocorreu a ideia de que, no final dos seus dias, a sua criação viesse a assumir tamanha gravidade, e de que o seu espólio de poeta estivesse praticamente pronto para o prelo”.

“Sabia ele, no entanto, do significado e do valor que permeavam a tessitura dos seus versos, e sabia, mais do que isso, que eu jamais me furtaria ao compromisso que um dia lhe fizera de publicar uma seleção dos seus poemas”.

“Dessa circunstância é que nasceu a edição de *Trovas e Poemas* (Fortaleza, Editora Oficina, 1990; 2ª edição: Fortaleza, Edições Potaria, 2011), volume no qual decidi reunir, de forma rigorosa, os seus poemas produzidos após a morte da minha mãe, Maria Eliete de Macedo, aos 10 de outubro de 1975”.

“Da emoção e do enlevo que sempre costuraram as suas atitudes, ele não se furtou de falar ao silêncio da sua escritura literária, tecendo trovas, poemas e sonetos temperados pela coloração das lembranças e das recordações; e poemas que despertaram a atenção de escritores do porte de Joaryvar Macedo (de quem era irmão unilateral) e José Alcides Pinto, que escreveram, efusivamente, sobre a sua obra literária”. Descendente dos desbravadores que construíram a civilização do Cariri, filho de Maria de Aquino Macedo e de Antônio Lobo de Macedo (Lobo Manso), uma das legendas da poesia popular do Ceará, José Zito de Macedo (Zito Lobo) é hoje nome de Rua em Fortaleza e em sua cidade natal, num reconhecimento aos seus melhores atributos.

Ressalte-se que, tratando-se de literatura, Dimas Macedo faz-se grande. Iniciou os estudos na terra natal, até chegar a Fortaleza, onde se bacharelou em Direito, no ano de 1981. Exerceu, na juventude, as funções de jornalista, optando, posteriormente, pela carreira de escritor e de jurista. É crítico literário, poeta, ensaísta e historiador, Professor da Universidade Federal do Ceará, membro das Academias Cearense, Lavrense, e Academia de Letras e Artes do Nordeste. Dimas é um dos escritores cearenses de maior produção literária.

Se é para falar de poesia, não se podem negar evidências. Os dois poetas se confundem em suas ideias. Semelhanças essen-

ciais entre sensibilidade e inteligência aproximam Zito Lobo e Dimas Macedo. Eles lembram Fernando Pessoa e Luís de Camões, no que se refere à *consciência do valor da poesia*. É comum a Pessoa e a Camões a afirmação do valor supremo da poesia. Camões sabe que só o canto dos poetas transforma os homens em seres imortais (só o poeta nos liberta da Lei do Esquecimento). Pessoa sabe que só a criação de mitos (tarefa do poeta) assegura a vitalidade da Pátria, porque a poesia é o Império vivo. E nesse sentido, Lavras da Mangabeira e Portugal se confundem quando se fala de poesia.

Zito Lobo transferiu-se para Fortaleza em 1975, fixou residência no Bairro da Piedade, onde se tornou figura popular. Com sua religiosidade em evidência, atuou como Cooperador Salesiano na Paróquia da Piedade, integrando a Associação do Sagrado Coração e a Associação de Nossa Senhora Auxiliadora, em funções de direção na Associação dos Merceeiros do Ceará e Círculo Operário dos Trabalhadores Cristãos – núcleo regional do Bairro da Piedade.

A religiosidade e o misticismo são características marcantes, comprovadas no amor que pai e filho devotam ao Criador. “Sou um homem fascinado por Deus e vocacionado para Deus. Não tenho receio algum em proclamar o meu amor a Deus e viver a minha vida para Deus. A minha primeira essência é a mística. A poesia vem em segundo. E a filosofia em terceiro. Mas a literatura é o linho e a linha que me foram dados para interpretar o mundo e para viver no limite de todas as coisas”, registra Dimas Macedo. Ambos conseguem realizar, sem necessariamente fazer parte do grupo dos “mestres da suspeita”, alvo de intensa crítica aos ideais, às esperanças e grandes realizações históricas.

Na língua portuguesa, *pai*, proveniente do latim *pater*, possui vínculos com a palavra *padre*, pelo costume de chamar clérigo de pai, tendo ramos e origens semelhantes. Comumente, o termo *patre* assume cunho religioso, proveniente da igreja cristã e judaica, epíteto de Deus. Também é a primeira pessoa da Santíssima Trindade, paixão desmedida entre pai e filho.

Felizes, cheios de planos, ideais, sonhos, pai e filho caminham em direção à felicidade, à esperança e à alegria que fazem parte

dos sentimentos multiplicados. Juntos, felizes e cheios de vida. Um só coração. Uma só alma. Um dia, o primeiro resolveu pegar um atalho e a vida nunca mais foi a mesma. Algo se quebrou no tempo e a esperança se foi, permanecendo apenas o amor que não se cansa da solidão entre duas vidas.

Todos os anos, em pelo menos treze países, é celebrado o Dia dos Pais. A comemoração teve origem nos Estados Unidos, em 1910, e partiu da ideia de Sonora Louise Smart Dodd. A data foi oficializada pelo Presidente Richard Nixon, em 1972, como sendo no terceiro domingo de junho. A data, porém, varia de país a país, tendo a maioria adotado o mês de junho. No Brasil, o mês é agosto. Dimas escolheu os noventa anos de Zito para celebrar o dia dos pais, o dia do pai venerado, falecido em Fortaleza, aos 24 de março de 1987.

CAJUEIRO PEQUENINO FLORESCE

Juvenal Galeno da Costa e Silva nasceu em 27 de setembro de 1836, na Rua Formosa, nº 66 (hoje Barão do Rio Branco), em Fortaleza. Filho de José Antônio da Costa e Silva e Maria do Carmo Teófilo e Silva, abastados agricultores cafeeiros, na Serra de Aratanha, Pacatuba.

Seus estudos primários, em escolas públicas, Pacatuba e Aracati. Concluiu o curso de Humanidades, no Liceu do Ceará, seguindo para o Sítio Boa Vista, onde ajuda o pai na administração das atividades agrícolas, principalmente, na cultura cafeeira, de expressiva importância na economia cearense.

Sua origem, ligada a interesses literários: primo pelo lado paterno de Capistrano de Abreu e Clóvis Beviláqua e, pelo materno, de Rodolfo Teófilo.

Na adolescência, funda o *primeiro jornal literário no Ceará*, “Sempre Viva” e o *primeiro jornal da imprensa estudantil*, “Mocidade Cearense”. “Lira Cearense”, impresso em fascículos, distribuído aos domingos, posteriormente, transformado em livro. O Jornal “A Constituição”, um dos mais lidos em Fortaleza, no século XIX, traz, em suas crônicas, caricaturas de costumes, combate vícios e abusos da época. Em “Folhetins de Silvanus”, estigmatiza o luxo e o pedantismo provinciano.

Vai ao Rio de Janeiro, aperfeiçoa seus conhecimentos na cultura agrícola, oportunidade na qual estabeleceu relações de amizade com Machado de Assis, Saldanha Marinho, Joaquim Manoel de Macedo, Quintino Bocaiúva, entre outros, ampliando, assim, seu interesse no campo literário. O passo seguinte foi escrever poesias e publicá-las na “Marmota Fluminense”, editando-as posteriormente, sob o título de “Prelúdios Poéticos”, *o primeiro livro da literatura cearense*.

De volta ao Ceará, ingressa como Alferes nos quadros da Guarda Nacional, como também no Partido Liberal, eleito Suplente de

Deputado Provincial pelo círculo de Icó, onde defendeu projeto de criação de uma escola prática de agricultura.

Em 1859, desembarca em Fortaleza a Comissão Científica de Exploração, composta por doze pessoas, entre as quais Raja Gabaglia, Capanema e o poeta Gonçalves Dias, que chefiava a Seção Etnográfica e Narrativa da Missão. O grupo hospeda-se na casa dos pais de Juvenal Galeno, oportunidade para fazer novas amizades. Convidado por Gonçalves Dias a participar de banquete com os recém-chegados, Juvenal Galeno não comparece à revista do Batalhão da Reserva do Exército a que pertencia, o que lhe custou recolhimento à prisão, por ordem do Comandante da Guarda Nacional de Fortaleza, João Antônio Machado. Resultado da penalidade: livro criticando a autoridade, o Comandante Machado, título “A Machadada”, *primeira obra literária impressa no Ceará*.

A poesia de Juvenal Galeno reflete a alma da gente humilde, população nordestina, seus sentimentos, anseios da gente da serra, praias e sertões. No prólogo de “Lendas e Canções Populares”, ele declara: “Escrevi este livro acompanhando o povo no trabalho, no lar, na política, na vida particular e pública, na praia, na montanha e no sertão, onde ouvi os seus cantos e os reproduzi, ampliei sem desprezar a frase singela, a palavra de seu dialeto, a sua metrificacão e até o seu próprio verso”. No livro “Cenas Populares”, descreve lugares, pessoas, costumes típicos de interesse para o folclore, *o primeiro livro de conto publicado no Ceará*.

Em 1876, casou-se com a vizinha, Maria do Carmo Cabral, com quem teve os filhos: José, Antônio, Maria do Carmo, João, Henriqueta e Júlia. Fixa residência em Fortaleza, na Rua General Sampaio 1128, próximo ao Teatro José de Alencar. A residência do poeta era frequentada por intelectuais, Alfredo Castro, Cruz Filho, Leonardo Mota, Mário Linhares, Antônio Furtado, Irineu Filho, Antônio Sales, José Albano, Beni Carvalho, Papi Júnior, Campos Sales, José Sombra, entre outros.

Atribui-se às irmãs, Júlia e Henriqueta Galeno, a ideia de reunir escol das letras cearenses, nos moldes dos salões literários franceses. A Casa se constituiu palco de recitais, palestras, conferências, números de canto, audições ao piano, concertos de violão

e dança, por ocasião de despedidas, homenagens, aniversário de membros do círculo, lançamento de livros e recepção a visitantes ou intelectuais que chegavam à capital cearense.

Sócio fundador do Instituto do Ceará e Diretor da Biblioteca Pública, cargo que ocupou por dezenove anos, Juvenal Galeno chega aos 73 anos atacado de glaucoma; aposentou-se do serviço público, irremediavelmente cego, passando a viver da aposentadoria, dos rendimentos próprios auferidos não só da produção do sítio, como de aluguéis de vinte casas.

Juvenal Galeno faleceu de uremia, em 7 de março de 1931, aos 95 anos, deixando valiosa produção literária, a riqueza de sua biblioteca, democracia de seus Salões na Casa onde residem a memória e a tradição da cultura cearense.

Na presença do bisneto, Antônio Santiago Galeno Júnior, instala-se a Academia de Letras Juvenal Galeno, em 28 de setembro de 2013, com 35 membros efetivos, sob a presidência da estimada acadêmica Eliane Maria Arruda Silva, um tributo ao poeta de Cajueiro Pequeno, carregadinho de flor.

MANIFESTO DA ESPERANÇA

Onde está o sono? Sonho acordada. Sonho com a realidade. No silêncio da madrugada, a beleza da música lembra a presença de Deus. O silêncio dialoga com a tranquilidade, com a paz, com a poesia, com o próprio silêncio. Na imaginação, retorno às origens: terra molhada, cheiro de mato, aroma da infância feliz, com muito amor e liberdade, lembrança trazida pela brisa do Salgado à Chácara São Sebastião, ao lado do Engenho Lages, nas proximidades de Lavras da Mangabeira, onde nasceu meu pai, o médico escritor Manoel Gonçalves de Lemos.

Acordo mergulhada em questionamentos e dúvidas, certa de que jamais o homem conseguirá ser feliz no tempo e no lugar onde está. Em qualquer período histórico ou cultural em que viva, estará sempre insatisfeito, a transferir de uma situação a outra, de uma idade a outra, a sua felicidade. Este é um atestado eloquente que o homem traz na sua interioridade, nas digitais do seu coração, a comprovação de que somente o infinito pode plenificar os seus desejos e anseios.

A vida cotidiana é a soma continuada de alegrias, tristezas, mágoas, saudades, decepções, ilusões, surpresas e esperanças. Tudo vai se sedimentando nos escaninhos de nossa interioridade até explodir num grito silencioso. Uma explosão de consequências imprevisíveis. No mínimo, um reencontro consigo mesma, no silêncio interior de uma introspecção da consciência. Dá medo olhar para dentro de si mesma e abeirar-se dos abismos cavados na interioridade do coração e da personalidade. Abismos que abrimos e aprofundamos, sem a permissão da consciência.

Cavei um abismo em minha alma e, *em busca da brisa do Salgado, vi nascer uma esperança*. Que esperança? A esperança do encontro? Reencontro? São tantos os desencontros nesta vida! E onde estão os encantos? Na declaração de amor à vida, com esperança de um dia vivê-la em toda sua plenitude, pois a felicidade tão sonhada e desejada por todos nós consiste, única e exclusi-

vamente, na esperança da conquista, nos sonhos e devaneios da posse, no delírio e ufania da vitória.

O que torna suportável e tolerável a penúria da conquista da felicidade é o sabor da aventura, a miragem da posse, as esperanças da conquista. Não fossem estas motivações vivenciais seria difícil suportar o peso da vida.

A palavra esperança é sinônima do advérbio Depois e acreditar sempre no Depois dá força e coragem para levantar-se, para caminhar avante, para recomeçar a luta, porque esse Depois é a presença de Deus nos nossos caminhos e destinos. “Veja que depois dos campos queimados pelo fogo ou comburidos pelas longas estiagens, ainda germina a vida, ainda o verde como um tapete, vem cobrir as cicatrizes da terra ferida. Nas árvores esque-léticas, despidas de folhagem, surgem os matizes encantadores das flores como grinaldas de noiva. Tudo se renova, quando se acredita nesse Depois” (Vieira, 1984, p.189).

IV ANTOLOGIA DA ALMECE

A primeira Antologia da ALMECE data do ano 2.000. Na primeira Orelha, o pensamento do grande tribuno almeceano, José Moacir Gadelha de Lima. Na segunda, uma homenagem póstuma ao trovador Agostinho Cardoso Neto.

Em 2003, publica-se a segunda Antologia. As Orelhas (primeira e segunda) foram assinadas por Vicente Alencar e Reginaldo Vasconcelos de Athayde.

Em 2007, terceira Antologia, apreciação da acadêmica Ana Maria do Nascimento e o pensamento de confrades, sobre a Arcádia compõem a primeira e segunda Orelha respectivamente.

E agora, a quarta Antologia. Novo exemplar: lindo, enigmático, misterioso, dúbio como o sorriso da Mona Lisa, por trazer conteúdo de histórias, memórias, crônicas, ensaios, contos, poesias... enfim, emoções, as mais variadas, e sentimentos que emanam do mais íntimo das pessoas.

A antologia da ALMECE, como a bela Mona Lisa, apresenta-se irônica e ambígua, triste e terna, doce e compassível. É uma soma de emoções.

A face da Mona Lisa é uma multidão de expressões. Ao pintar a Gioconda, Leonardo da Vinci a circundou de músicos e bufões para apagar a melancolia do rosto, segundo conta Giorgio Vasari. O poeta e político Edgar Quinet apreciava, nela, o “sorriso semi-irônico da alma humana”, enquanto o historiador Jules Michelet a considerava um “mal hipnótico”. Para o ensaísta inglês Walter Pater, trata-se da própria eternidade, “imersa em mares profundos, conservando em torno de si a luz dos seus crepúsculos”. O historiador da arte Ernst Gombrich acreditava ser impossível ter certeza do estado de ânimo com que nos olha.

Segundo o pai da teoria da evolução, Charles Darwin, numerosas emoções do homem têm uma expressão universal, isto é, são as mesmas independentemente de raça, cultura e nível de

instrução. São inatas, não adquiridas, mero produto do nosso caminho evolutivo.

Celebrando o aniversário de 27 anos, 16 deles sob a presidência do grande líder acadêmico Francisco Lima Freitas, a ALMECE transborda de alegria universal. Escancarada emoção que nada tem a ver com enigmático sorriso de Mona Lisa. Pura alegria explícita.

O CEARÁ FORA DO MAPA-MÚNDI DA EDUCAÇÃO

Li no Jornal Diário do Nordeste, Caderno 3, de 27 de dezembro de 2011, um rosário de inversões do que deveria ser um evento educacional - *11º Congresso Internacional de Educação sobre a Formação de Professores, 10º Congresso Nacional sobre Dificuldades de Aprendizagem e do Ensino, 2º Seminário de Gestão em Educação, 1º Congresso Internacional de Educação Profissional e Tecnológico do Ceará* - sediado em Fortaleza. Ressente-se o conceituado Professor Universitário Batista de Lima da ausência de educadores cearenses na equipe de 22 estrelas, de outras terras.

No nosso entendimento, a educação brasileira espelha a síntese dos acertos e desacertos de sua caminhada histórica. A história da educação, no Brasil, tem períodos curtos de avanço, em detrimento de longos períodos de retrocesso e/ou de estagnação. Vejam alguns fatos.

Primeiramente, na época do Brasil Colônia, o modelo educativo dos jesuítas, *Ratio Studiorum*⁵, baseado na cultura europeia, nascido da Contrarreforma⁶, 1534, determinava que os livros postos ao alcance dos alunos se limitassem à suma teológica de São Tomás de Aquino e à obra filosófica de Aristóteles. Propunha um processo de ensino e aprendizagem baseado na repetição e memorização dos conteúdos estudados, com ênfase na concentração, atenção e silêncio dos alunos.

⁵ *Ratio Studiorum*: espécie de regimento da educação, composto de normas e estratégias pedagógicas da ordem jesuítica. Durou de 1549 a 1759 (210 anos) quando os religiosos foram expulsos do Brasil no Governo do Marquês de Pombal.

⁶ Contrarreforma: conjunto de medidas instauradas na Igreja Católica Apostólica Romana, para enfrentar as críticas reformistas lideradas pelo monge alemão Martinho Lutero, que escreveu teses denunciando os erros e abusos cometidos pela alta hierarquia da Igreja Católica e propondo profundas mudanças na sua estrutura, que culminou com uma nova religião cristã, o Luteranismo ou protestantismo.

Em seguida, o Brasil Império, 1882, concorre para mudança do cenário educacional, mas ainda permanece a lógica de dominação, desta feita, entre as oligarquias rurais e a emergente aristocracia urbana. Apesar dos esforços, incluindo os de Rui Barbosa, se veem poucas mudanças efetivas. Permanece a supervalorização de métodos e técnicas estrangeiros e desvalorização do professor.

Com a Proclamação da República, 1889, tem-se uma escola mais eficiente, porém continua objetivando a seleção e formação das elites. No geral, o processo escolar e educacional continua insignificante. No início do século XX, a esperada revolução de 1930, seguida do golpe do estado novo, a redemocratização nacional, golpe de estado de 1964 e, por fim, a transição democrática, nos fazem ver que o projeto social e educativo, historicamente dominante no Brasil, se mantém no poder, e dá continuidade à diretriz econômica de expansão do capitalismo. Sinceramente, pouco mudou no Brasil, em termos educacionais, desde a declaração de independência política de Portugal.

Conclui-se, portanto, que a escola sempre cumpriu papel determinado a atender a classe dominante e continuará a fazê-lo, a não ser que o processo seja revertido. A reflexão que faz o Professor Batista de Lima representa um passo nessa direção, quando se recusa a aceitar a lógica educacional aí posta, e sonha com um lugar para o Ceará, no mapa-múndi da educação. São muitos os desafios a serem superados, em especial, no que se refere à educação para todos, à formação docente, à construção de currículo, metodologia e avaliação adequadas ao real desenvolvimento humano. Solidarizo-me, respeitosamente, com o Professor cearense.

UMA VIDA E OUTROS ESCRITOS

Mais uma obra no mercado. O livro de Airton Marinho registra sua trajetória de vida; os primeiros anos em Ipu; a saída, aos 12 anos, para o Seminário Franciscano de Ipuarana, na Serra da Borborema, nas proximidades de Campina Grande-PB; a chegada a Fortaleza, onde cursou a faculdade de medicina que tanto sonhara. Formado, o retorno à cidade interiorana, para servir ao povo que lá deixara. A busca incessante pelo saber, ganho de experiência e ampliação do conhecimento, o trouxeram de volta à capital alencarina, para se dedicar aos estudos de pós-graduação que o permitiram tornar-se profissional com formação sólida e competente.

Seu livro traz, com riqueza de detalhes, passagens pitorescas, a exemplo do trote que recebeu, ao ingressar no curso de medicina: deitado em uma maca, ladeado pelo casal veterano, desfilou pelas ruas de Fortaleza, com um equipo de soro cujo conteúdo era run Montilla com Coca-Cola, Cuba libre. O calouro ia ingerindo a mistura “que mais parecia transfusão de sangue”, e, assim, entrando em estado de embriaguez e felicidade plena, ao longo do trajeto da Praça do Ferreira à Praça Clóvis Beviláqua, ao som de charangas e outros pertinentes àquela ocasião.

Paralela à vida profissional, Airton deixava para trás as lembranças dos amores de adolescência, para construir uma vida afetiva sólida: noivado, casamento e nascimento dos dois filhos com a Sra. Ozanilde Marinho. Seu livro é uma bela obra literária de cunho memorialista. Um presente para a família e amigos. Um registro de como se educava um aspirante, nascido no interior do Ceará. Um reconhecimento ao esforço dos pais, que sonhavam com os filhos e trabalhavam arduamente para ver os sonhos concretizados.

A luta dos que nascem e vivem nas cidades interioranas e que almejam galgar patamares elevados, em áreas específicas de estudos, está fidedignamente registrada pelo escritor ipuense. Uma

história de perseverança, determinação e empenho, associada à inteligência, características comuns àqueles que ousaram, em épocas anteriores aos anos 90, galgar níveis acadêmicos mais elevados. Época em que era preciso sair de casa, para viver em pensão, patronato, internato ou até em casa de um parente amigo que disponibilizasse sua residência, na capital. Às vezes, saíamos bem cedo, com até 10 anos de idade, em busca do sonho de ser doutor.

Atualmente, no Ceará, várias unidades de ensino superior estão disponíveis: três universidades federais, uma estadual e vinte e nove privadas (duas universidades, três institutos e vinte e quatro faculdades). As oportunidades educacionais aumentaram consideravelmente.

Airton Ferro Marinho chega ao mundo literário, despretensiosamente. Cronista e trovador, narra a sua própria história de vida em 40 artigos, que incluem “outros escritos”, as crônicas prediletas, com temas saudosistas e da atualidade: o inverno na infância, homossexualidade, a prostituição infantil, virgindade, ciência, história, teologia, filosofia; a violência em Fortaleza, entre outros, de igual importância.

DANÇA TORÉ

A palavra índio é fruto de equívoco histórico: os primeiros colonizadores, chegando às Américas, julgaram estar na Índia. Por isso, genericamente, os povos indígenas, que vivem não apenas em nosso país, mas em todo o continente americano, são chamados de índios.

Como há certas semelhanças que os unem, sejam eles das Américas do Norte, Central e do Sul, há quem prefira chamá-los, todos, de ameríndios. Os índios ou ameríndios são, então, os povos indígenas das Américas. Na Austrália, a forma genérica para designá-los é aborígenes.

Em décadas passadas, palavra bastante usada, no Brasil, para designá-los genericamente: *silvícolas* (“quem nasce ou vive nas selvas”). O termo é totalmente inadequado, porque o que faz de alguém indígena não é o fato de viver ou ter nascido na “selva”.

Os povos indígenas, espalhados pelo mundo, são bastante diferentes entre si. Variam culturas, línguas, formas de organização social e política, rituais, cosmologias, mitos, formas de expressão artística, habitações e maneiras de relacionamentos com o ambiente em que vivem.

Têm em comum o fato de cada qual identificar-se com uma coletividade específica, distinta de outras, com as quais convive e, principalmente, do conjunto da sociedade nacional na qual está inserida.

Em pleno século XXI, a maioria dos brasileiros ignora a imensa diversidade de povos indígenas, no país.

Estima-se que, na época da chegada dos europeus, fossem mais de 1.000 povos, somando entre 2 e 4 milhões de pessoas. Atualmente, encontram-se, no território brasileiro, 243 povos, segundo Censo IBGE 2010, 896.917 pessoas: 324.834 vivem em cidades e 572.083 em áreas rurais, o que corresponde, aproximadamente, a 0,47% da população do país. A maior parte da população distri-

bui-se por milhares de aldeias, no interior de 696 Terras Indígenas, de norte a sul do território nacional.

Sobre esses povos, discorre o autor do livro *“Karaíba Não Dança Toré”*, especificamente, da região do Maranhão: Guajajara e Guajá, pertencentes à família linguística tupi guarani. No mesmo estado, encontram-se ainda os Canela Apanyekra, Jê-Gavião Pykopjê, Ka’apor, Krikati e Krenyê.

Bernivaldo traz detalhes somados a dados do Censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, importantes sobre a população indígena brasileira na atualidade: principais etnias, onde vivem a situação das terras indígenas.

Os Guajajara são povos indígenas mais numerosos do Brasil (26.040 habitantes, segundo dados do SIASI/SESAI, 2012). Habitam mais de 10 Terras Indígenas, na margem oriental da Amazônia e no Maranhão. Sua história de mais de 380 anos de contato foi marcada pelas aproximações com brancos e recusas totais, submissões, revoltas e grandes tragédias. A revolta de 1901, contra missionários capuchinhos, teve como resposta a última “guerra contra os índios” na história do Brasil.

Os Guajá (365 habitantes, fonte SIASI/SESAI, 2012) vivem na pré-Amazônia brasileira e constituem um dos últimos povos caçadores e coletores no Brasil. Além dos aldeados pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI, certo número de Guajá vive na floresta, sem contato permanente com a sociedade regional.

Existem mais de 180 línguas e dialetos indígenas no Brasil, que fazem parte do acervo de mais de seis mil línguas faladas hoje no mundo. Conhecer o extenso repertório de línguas indígenas, no Brasil, tem sido um desafio para linguistas, assim como mantê-lo vivo e atuante tem sido o objetivo de projetos de educação escolar indígena. Imagine trabalhos que duram meses, exigindo convivência direta.

O autor do livro *Karaíba Não Dança Toré*, Bernivaldo Carneiro, técnico de alta confiança e geólogo da FUNASA, é responsável pela equipe de colaboradores que levam melhorias ao povo irmão: poços de armazenamento d’água. E conta como o faz, com beleza estética sem igual.

Reservado e brincalhão, Bernivaldo dá nomes característicos aos personagens colegas de trabalho: Otomar-Nó-Cego, Pobre-Rico, Perdulário, Alfredão Pé-de-Chumbo, Devagar-e-Sempre, Encanta-Moça e Pequeno Asno. Não há dúvidas de que com os cognomes, descreve aspectos da personalidade dos colaboradores. Alfredão Pé-de-Chumbo é um motorista que usa o acelerador do automóvel sem cerimônia alguma, seja em autoestrada ou em lamacenta carroçável.

Alguns da equipe, em dado momento, se deparam com discussão sobre política nacional e recriam governantes pelo tratamento especial que dispensam aos povos indígenas. Alimentação, saúde, saneamento básico e toda assistência são privilégios que sobram aos índios e faltam aos karaíbas (ou brancos).

Enfim, desabafam: muitos “não índios” são mais necessitados do beneplácito da União do que os próprios nativos. Sem contar que, por serem considerados inimputáveis, acham-se sem deveres. Só direitos querem ter.

O cientista antropólogo esclarece não serem os índios inimputáveis e sim legalmente semi-inimputáveis. E, na condição de cretinos e imbecis reconhecidos pelo Código Criminal Brasileiro, não podem mesmo responder pelos atos. Por eventuais vandalismos. Em se tratando de índio, praticamente tudo é possível.

Sobre a assistência a indígena, complementa: o governo está fazendo apenas obrigação. Na condição de nativos e nossos ancestrais, os índios são os verdadeiros proprietários da terra. Donos de uma cultura que não pode ser desprezada. Pelo contrário: enquanto o mundo for mundo, por dever de justiça, seus costumes e usos, crenças e superstições têm de ser preservados até as últimas consequências...

Cumprindo etapas do planejado trabalho e saudosos de familiares, às vésperas do natal, os funcionários da FUNASA retornam, muitas vezes, sem o consentimento dos índios que discordam do retorno. Nesse caso, inicia a negociação ou “a fuga”. Muitas vezes, esperam que os índios compreendam a burocracia dos órgãos governamentais ou tomem o mocororó e dancem o toré para que os Karaíbas deixem a aldeia despercebidos.

O mocoioró é “Fermentado e com alto poder de embriaguez (no Maranhão o ingrediente básico do mocoioró é o arroz; já no Pará, mandioca e no Ceará, caju)”. É uma bebida dos índios servida, especialmente, em celebrações festivas para esquentar, dar ânimo e energia aos praticantes do Toré. Ou Torém, para os que assim preferem designar a referida dança.

Toré e Torém são variantes. Enfim, manifestação folclórica das Regiões Norte e Nordeste, em que homens e mulheres se agrupam e dançam em círculo com um solista ao centro. Ritual das tradições silvícolas, no qual imitam animais.

Bernivaldo Carneiro ganhou concurso literário, premiado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza com o livro “só sei que foi assim.” Ele cresce como escritor e registra, com sabedoria, o belo resultado do seu trabalho e a cultura do povo primitivo.

MOTIVAÇÃO INFANTIL

Na Solenidade Oficial de Posse do Centro Cultural do Ceará-CCC, no corrente ano, no Teatro José de Alencar, apresentou-se Leonardo Clementino Brito, 9 anos, encantando o público ao tocar trechos de músicas que variam do popular ao clássico: Asa Branca, autoria de Luiz Gonzaga e 5ª Sinfonia de Ludwig van Beethoven. Na oportunidade, ficou estabelecido o Primeiro Ato Institucional da Entidade: a criação da Ala Jovem, e Leonardo o primeiro a ocupar assento.

Fato interessante, especialmente, para se refletir sobre como se dá a motivação humana. Qual a razão de algumas crianças preferirem jogos eletrônicos à música, ou o esporte à TV? Tem-se a resposta na motivação pessoal.

A motivação humana é observada desde tenra idade, sob diferentes formas. O bebê que busca a satisfação de sua fome, ao sugar o peito da mãe ou uma mamadeira, demonstra possuir motivação sim. A necessidade de nutrição e dos afetos maternos, expressos pelo choro intenso e forte, o impele a movimentos bruscos de braços e pernas, refletindo nestas atividades o seu estado motivacional.

Com o desenvolvimento, manifesta-se certa independência de movimentos de locomoção e manipulação de objetos. No brincar, especial circunstância do cotidiano infantil, encontra-se rica fonte de informações acerca de seu mundo interno: suas emoções, pensamentos e sua motivação.

Com o avançar da idade, nota-se novo momento de explosão da motivação: as competências adquiridas. Tornar-se competente, no meio social, leva a criança à motivação. Uma habilidade motora específica, nos esportes ou na música, pode ser desenvolvida e capaz de acionar o desejo de se empreender tal atividade com determinado empenho. O reforço externo, relativo à performance das habilidades adquiridas dos pais e conhecidos, possibilita o incentivo à motivação. O que se viu em relação aos familiares

de Leo: Pais e avós a postos, para incentivá-lo na aquisição de boa prática do instrumento.

Se a performance for percebida pela criança, ao aperfeiçoar-se, ela elevará sua autoestima e também desenvolverá a motivação intrínseca ou interna. Ao contrário, a criança que pouco percebe as suas competências, necessita de maior estímulo externo, possui baixa autoestima, demonstra-se ansiosa, e ainda enxerga pouca perspectiva de melhora em suas habilidades e em sua vida.

O segredo para um desenvolvimento de todas as potencialidades pessoais está em conseguir conciliar o desenvolvimento da motivação intrínseca da criança (pela autopercepção dos avanços obtidos), com o apoio da motivação extrínseca ou externa (avaliação dos adultos, informações a respeito, elogios verdadeiros, e naturalmente, oportunidades de ordem material, tal como disposição de um instrumento). Este tipo de desenvolvimento requer acompanhamento, contato e participação. Os afetos devem estar presentes, uma vez que são fontes fundamentais de motivação, além das informações que se fazem presentes em cada situação.

A motivação é energia para a aprendizagem, convívio social, afeto, exercício das capacidades gerais do cérebro, da superação, da participação, da conquista, da defesa, entre outros. Pais, cuidadores, educadores e especialistas que lidam com as crianças podem levar em conta a construção motivacional na infância, antevendo decorrências futuras.

A presença dos adultos é fundamental. A criança se sente motivada a executar tarefas, em virtude do reconhecimento e impressões daqueles com quem convive, na tentativa de demonstrar sua evolução e conquistas que realiza. Os pais de Leonardo, Antônio Maurício Brito Junior e Vera Verusca Clementino Brito e avós, Rezula e Francisco de Assis Clementino Ferreira, têm bons motivos para torcer pelo pequeno artista. Considere-se uma ação simbiótica onde projetam no jovem e gracioso músico, muitos dos seus anseios e desejos.

ELE PANFLETA LIVROS, REVISTAS, SIMPATIA E MUITO MAIS

A primeira revista da Academia Lavrense de Letras – ALL, chega-me às mãos, organizada pelo fundador da Arcádia e Presidente de Honra, Dimas Macedo. Além de belos artigos e poemas, informações de utilidade.

Registra um Programa Mínimo de Realizações para o biênio 2014-2016, com ações pertinentes e louváveis: “a publicação anual da *Revista da Academia Lavrense de Letras* (devendo o primeiro número circular até 1º de junho de 2015). O de 2016 será temático e relativo à história de Lavras”.

Ora, recebemos a revista dois meses antes do prometido, acompanhada de livros de autoria do escritor e organizador. Ele panfleta livros, revistas, simpatia e muito mais. Orgulho para lavrenses, cearenses, brasileiros.

Também merecem aplausos os que colaboraram para a concretização da revista: os poemas de Zito Lobo (in memoriam), Jeová Batista de Moura, Pereira Albuquerque, Vicente Lemos, Rembrant Esmeraldo, Rejane Augusto, Mundoca Neto e do poeta popular José Teles da Silva.

As crônicas, a cargo de Dimas Macedo, Emerson Monteiro, Cristina Couto, Ezequiel Bezerra de Sousa e Joaryvar Macedo (in memoriam) são mais do que belas. Os acadêmicos Batista de Lima, Dimas Macedo, Linda Lemos, Rosa Firmo e Fátima Lemos fizeram referências à plêiade de intelectuais, acadêmicos lavrenses, que provaram as águas do Vale do Salgado. Nesse grupo, João Gonçalves de Lemos homenageia e é homenageado por Juarez Leitão, reconhecimento a quem presidiu a ALL, durante os primeiros cinco anos e meio de existência.

E toda esta riqueza literária é acolhida na revista que traz, na capa, a bandeira da ALL, criação do artista plástico Bruno Pedrosa, e hino de autoria do poeta José Linhares Filho, embelezado pela música de Nonato Luís.

Fazer com facilidade o que outros acham difícil é talento; fazer o que o talento acha impossível é genial, diz *Henri Amiel*. O genial Dimas Macedo nos proporciona grande alegria e motiva a fazer bela festa de lançamento da Primeira Revista da ALL.

A CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO

Céara en Scène

A coletânea bilíngue “CEARÁ EM CENA”, publicação da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture, pela Divine Edition, a Presidente Diva Pavesi tem a adesão de 32 escritores cearenses e potiguaras que estiveram na Cidade Luz, para o lançamento, no 35º Salão do Livro de Paris, dia 21 de março de 2015, tendo à frente a embaixadora acadêmica Socorro Cavalcanti, que liderou o Projeto Cultural França/Brasil, no Ceará.

As primeiras páginas da Coletânea destinaram-se à escritura de nove personalidades, dirigentes de entidades literárias: José Augusto Bezerra, Presidente da Academia Cearense de Letras; Maurício Cabral Benevides, Presidente da Academia Cearense de Retórica; Francisco Lima Freitas, Presidente da Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará; Vicente Alencar, Presidente da UBT, Fortaleza-CE e da Sociedade Cearense de Geografia e História; Francisco de Assis Clementino Ferreira (Tizim), Presidente da Associação Cearense de Escritores; João Ferreira do Nascimento, Presidente da Associação Cearense de Jornalistas do Interior, Silas Falcão, Vice-presidente da ACE; Socorro Cavalcanti e Diva Pavesi, Embaixadora e Presidente da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture.

Nas páginas subsequentes, consta a produção de autores que se pronunciam através de contos, crônicas, poemas, com temas diversificados, que permitem a apreciação dos leitores.

José Odmar de Lima, Maria Nirvanda Medeiros, Nina Maniçoba Ferraz, Ernani Machado, Fátima Lemos Pereira Cândido, Revia Maria Lima Herculano e Regina Lúcia Barros Leal deixaram marcas, com belos poemas. As trovas, sob a responsabilidade de Francisco José Moreira Lopes, encantam!

Temas ligados à História do Brasil, à regionalidade, fenômenos sociais, políticos e econômicos ficaram a cargo dos escritores e

historiadores: Neuzemar Gomes de Moraes, Benedito Vasconcelos Mendes, Susana Goretti Lima Leite, Maria Linda Lemos Bezerra, Gilson da Costa Moreira, Ana Maria Cascudo Barreto, Celma Prata, Maria da Conceição Maciel Filgueira, Maria Evan Gomes Bessa, Paulo Roberto Neves Pereira, Paulo Tadeu Sampaio de Oliveira, Pedro Jorge Medeiros, Raimundo Edson Celedônio, Sônia Maria Nogueira e Abmael Martins Ferreira.

Francisco de Assis Almeida, empresário gráfico em Fortaleza, e Pio Barbosa Neto se reportam à importância do hábito da leitura, considerando avanços tecnológicos.

Abordam assuntos ligados à emotividade e afetuosidade: Heloisa Barros Leal, João Gonçalves de Lemos, Lúcia Paiva Recamonde, Francisco Herivaldo Façanha Barreto, Maria Argentina Austregésilo de Andrade e Maria Lucineide Souto Bezerra Norões.

A Coletânea Ceará em Cena é a concretização de um sonho!

NA BUSCA DE DIÁLOGOS LITERÁRIOS

Comungo da convivência dos que frequentam a bela e acolhedora Casa de Juvenal Galeno, uma herança preciosa, deixada pelo poeta, para nós, conterrâneos ou visitantes, na Terra da Luz.

A sensibilidade de Juvenal Galeno da Costa e Silva, frente à preservação da cultura da gente humilde de diferentes regiões do estado do Ceará, serras, praias e sertão, tem motivado intelectuais a conhecer o seu universo literário. Nesse sentido, foi criada e instalada a ALJUG – Academia de Letras Juvenal Galeno, aos 28 dias de setembro de 2013, com 33 membros efetivos, sob a presidência da idealizadora da Arcádia, Presidente Eliane Maria Arruda Silva.

Pergunto-me, muitas vezes, se realmente sou digna de ser patrona da minha própria Cadeira Nº 24. E posso afirmar que a resposta não é fácil e gera em mim certa inquietação. A razão é simples: quando faço reflexão sobre o que conheço da família Galeno, o que sei sobre Juvenal e suas obras, o resultado não me agrada.

E os demais confrades e confeitras como responderiam à mesma inquietante pergunta?

Com esse questionamento, nasceu o *Projeto Diálogos Literários*, que tem, como meta, levar à reflexão membros, patronos e patroneados da ALJUG, quanto às suas responsabilidades, no que, se refere ao aprofundamento do estudo sobre o poeta e folclorista cearense, familiares e contemporâneos escritores, entre outros literatos.

E assim, em 21 de fevereiro de 2015, o Projeto foi apresentado e aprovado por unanimidade, pela Diretoria e Assembleia da ALJUG e, no dia 18 de abril seguinte, deu-se o lançamento oficial, com a presença de seletos grupo de intelectuais, escritores, poetas e autoridades locais.

Registre-se agradecimento ao seletor grupo presente, representantes de agremiações literárias e culturais que assistiram à primeira exposição do Projeto, um estudo do livro *Cenas Populares*: Associação dos Jornalistas e Escritores do Brasil - AJEB (Nirvanda Medeiros), Academia Feminina de Letras do Ceará - AFELCE (Clara Leda de Andrade Ferreira), Academia de Letras Juvenal Galeno – ALJUG (Eliane Maria Arruda Silva), Associação Cearense de Escritores - ACE (Francisco de Assis Clementino Ferreira), Academia de Letras e Artes do Estado do Ceará – ALACE (José Odmar de Lima), Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará – ALMECE (Francisco Lima Freitas), Cooperativa de Cultura do Estado do Ceará (Maria Lina Cunha Moura), editora e repórter do programa Papo Literário da TVC, Mônica Serra Silveira.

O Projeto Diálogos Literários nasce como marco de reconhecimento e agradecimento à Casa de Juvenal Galeno, na pessoa do diretor, Antônio Santiago Galeno Júnior, bisneto do Poeta Maior, que segue a tradição herdada de seus ancestrais, empenhado na nobre missão de promover e difundir a cultura, abrindo as portas da Casa do Saber, para acolher entidades cujo propósito maior é resgatar e cultivar a memória do universo literário alencarino.

Entendendo que o termo “cultura” ganha significado bem mais abrangente, quando há compartilhamento de atos e ações, na celebração de ideias e ideais, depois de implantado, o Projeto vem ganhando ação de continuidade, pois os demais acadêmicos vêm apresentando o resultado de seus estudos, bimensalmente, sempre às 15 horas, do penúltimo sábado do mês, na Casa de Juvenal Galeno, situada na Rua General Sampaio Nº 1128 – Fortaleza, Ceará.

Na foto abaixo, representante oficial da família Galeno, Antônio Santiago Galeno Júnior, recebe da Diretora Cultural da ALJUG, Linda Lemos, o Selo de Reconhecimento.

Figura 5 – Academia de Letras Juvenil Galeno, Projeto Dialogos Literários, 18/04/2015. Antônio Santiago Galeno Júnior, recebendo da Diretora Cultural da ALJUG, Linda Lemos, o Selo de Reconhecimento.



Fonte: arquivo particular da autora.

Figura 6 – Selo de Reconhecimento Juvenil Galeno.



Fonte: Academia de Letras Juvenil Galeno.

O MAR, O VENTO... O HOMEM

O poeta e folclorista cearense Juvenal Galeno da Costa e Silva tem sido lembrado e relembrado, neste ano de 2015. Nascido aos 27 de setembro de 1836, celebram-se 179 anos de nascimento.

Sua incursão, no mundo literário, aconteceu na adolescência, quando fundou e fez circular o primeiro jornal literário no Ceará: *Sempre Viva*. A partir de então, não parou mais de produzir, mesmo aos 92 anos, cego, em consequência do Glaucoma, ditava os seus livros para a filha Henriqueta Galeno escrevê-los.

O livro “Cenas Populares” é o tema desta escritura, publicado, em 1ª edição, no ano de 1871, pela Tipografia Comercial e, recentemente, em 2010, 4ª edição, pelo Governo do Estado do Ceará, através da Secretaria de Cultura do Estado–SECULT, iniciativa louvável, considerando a eficiência em preservar o nosso patrimônio histórico cultural, reverenciando o poeta que cantou a gente simples da serra, praia e sertão, e encantou o Brasil com seu conto.

“Cenas Populares” é o primeiro livro de contos publicado no Ceará. Composto de oito narrativas, em prosa. O conteúdo trata de casos de amor, tragédias, romantismo, lutas políticas, crenças, assombração, lendas, folclore e enlevo, diante da beleza da terra.

No capítulo dedicado aos *PESCADORES*, Juvenal Galeno compara a vida atribulada do homem da cidade com a vida simples do pescador: rotina ao sair para o mar, espera da família pelo incerto retorno; lendas de fadas-mãe-d’água, associando-as à boa pescaria, fartura de peixes. *AMOR DO CÉU* é o nome da filha do pescador João Gomes, residente em Freixeiras, onde Juvenal Galeno costumava hospedar-se.

Nos contos, observam-se trechos líricos: “E por toda parte, o mar, o vento, o passarinho, o homem... cada qual na sua linguagem, a pronunciar os cantos da manhã, hinos fervorosos ao Senhor dos céus e da terra”. Contrastando, uma descrição realista,

de caráter claramente documental: “E a casinha “? Como era singelo o seu teto de palhas de carnaubeira ! Suas paredes eram de taipa, isto é, de troncos, varas, pedaços de atapu e ossos de peixe, tudo coberto de barro...”

Em *DIA DE FEIRA*, na Serra de Pacatuba, Juvenal Galeno faz referência à “mãe de família, a vender os frutos do trabalho, e a comprar um pedaço de pano para a camisinha do filho, o purgante para o doente, farinha, carne, temperos... A rapariga procura amor, enfeites e perfumes, não esquecendo as doces práticas d’amizade, as visitas à comadre e outros entretenimentos da vida aldeã”.

FOLHAS SECAS, a viuvez e as segundas núpcias...Um casamento na roça, sem consentimento das famílias, entre pessoas de partido diferente.

NOITE DE NÚPCIAS retrata o desamor entre o marujo que aparece na praia da Taíba e Pecém, e a bela Carolina, que deixa o verdadeiro amor Antônio, esperando-a até o dia da volta, para casamento, no leito da morte da amada.

SENHOR DAS CAÇAS retrata a “Farinhada” onde acontece *O SERÃO*: reunião de grupo para conversar e cantar, contar estórias de feitiço e bruxaria, toadas, pilhérias, narrativas, lenda da caipora pedindo fumo, aventuras de caçada e encantamento, cachimbo passando de boca em boca...

CLARA conhece Bernardino, adolescente, e vive linda história de amor. Quando no altar com Luciano, Bernardino aparece. Clara enlouquece e Luciano parte para a Guerra do Paraguai, como voluntário.

Tem-se que “Juvenal Galeno é um escritor romântico, que apresenta fortes notas de sentimentalismo, ao mesmo tempo, mostra-se um agudo observador da realidade do Ceará, a ponto de alguns contos servirem de segura fonte para estudo dos costumes e folclore.”

DIÁLOGOS LITERÁRIOS

1ª Antologia da ALJUG

O Ceará tem uma dívida de gratidão com a família Galeno, que abre as portas de sua casa, para acolher aqueles que têm compromisso com a difusão e propagação da cultura.

“Atribui-se às irmãs Júlia e Henriqueta Galeno a ideia de reunir o escol das letras cearenses, nos moldes dos salões literários franceses. Por suas iniciativas, a Casa de Juvenal Galeno constituiu palco de recitais, palestras, conferências, números de canto, audições ao piano, concertos de violões e danças”.

A ideia das irmãs tem continuidade no bisneto do poeta, gentil intelectual Antônio Santiago Galeno Júnior, que prossegue com a missão dos ancestrais, empenhado em promover e difundir a cultura, abrindo as portas da Casa do Saber para acolher entidades cujo propósito maior é resgatar e cultivar a memória do universo literário alencarino.

“A Casa de Juvenal Galeno atende os níveis culturais e sociais: acadêmicos e violeiros, jornalistas e escritores, poetas e cantadores de ópera, circenses e cantadores de desafio, historiadores e geógrafos. Está evidenciado o tipo de atividade da casa – servir à comunidade fortalezense, em todas as suas manifestações de cultura: da popular à clássica”.

A primeira antologia da ALJUG é uma forma impressa de retribuir a herança cultural que deixou o poeta e escritor cearense: “uma volumosa produção literária, a riqueza de sua biblioteca e a democracia de seus salões, na Casa onde residem a memória e a tradição da cultura cearense”.

A Coletânea da ALJUG condensa trabalhos de 34 escritores, 18 destes versando sobre temas relacionados ao Nosso Poeta Maior, que encantou a todos com Cajueiro pequenino carregadinho de flor. Estes dados são uma constatação de que o Projeto Diálogos

Literários apresenta os primeiros resultados e, aos poucos, vai se concretizando.

Que seja esta antologia a primeira de uma série e promova e divulgue tudo que foi e será realizado na Casa de Juvenal, ao longo do tempo.

COMO VIA, ESTE SILVANUS!

Entre os vários jornais que circularam no Ceará, no século XIX, um é o motivo de nossa atenção: “*A Constituição*”, que circulou no ano 1891, defendendo ideários do partido conservador e trocando acirradas críticas com o *Jornal Cearense*, defensor das ideias do partido liberal.

O encarte folhetins continha crônicas ou trovas de Silvanus, pseudônimo usado pelo poeta popular cearense, Juvenal Galeno⁷, que retrata, com bom humor, caricatura dos costumes, vícios e abusos da época. O destemido e hábil Silvanus era talentoso na arte de caricaturar o ridículo, sem ser reconhecido. Ele criticava a sociedade com sátiras, para descrever costumes e hábitos da população, dos quais discordava.

O noticioso era muito procurado e um dos mais lidos. Deu origem ao livro “*Folhetins de Silvanus*”, editado em 1ª edição, em 1891 e 2ª, em 1969, contendo 41 trabalhos, na sua maioria versos, que abordam aspectos do cotidiano da sociedade fortalezense.

Analisando os poemas de Silvanus, vemos a compreensão do poeta, do espaço social fortalezense, na época em que já se anunciava a queda da Monarquia e a instauração da República, entre as décadas de 1860 e 1890, acelerando a dinâmica urbana em todo o Brasil.

A fase de modernização do centro do Brasil, Rio de Janeiro, e conseqüentemente, de outras cidades do país, incita Fortaleza a buscar padrões de civilização nos moldes europeus, esforçando-se para se adequar às reformas urbanas e sociais, necessárias ao acompanhamento dos tempos de modernidade.

⁷ Poeta cearense, que nasceu em Fortaleza, aos 27 de setembro de 1836, filho de Maria do Carmo Teófilo e Silva e José Antônio da Costa e Silva. Foi precursor no cultivo e comercialização do café, no interior do estado, na década de 1820. Entre os seus familiares, os mais conhecidos são Capistrano de Abreu, pelo lado paterno, e de Clóvis Beviláqua e Rodolfo Teófilo, pelo lado materno.

A mudança, no cotidiano de Fortaleza, acontecia com inúmeros instrumentos urbanos sendo instalados e um variado leque de serviços e medidas de controle social, entre os quais se destacam: bondes, telégrafo, telefonia, Passeio Público, novo porto, fábrica de tecidos, abolição da escravatura, melhoramentos na Cadeia Pública, campanha de casamentos de amasiados, asilos de alienados e de mendicidade, entre outros.

Juvenal Galeno menciona a “chegada da civilização”: *“Chegaste enfim! Viajando / Em vapor de terra ou mar. / Ora nos fios elétricos, / Ora em balões pelo ar!”* Temos assim, a alusão às linhas de navios e trens, bem como à chegada da eletricidade e também da criação de balões, elementos que, para a época, eram símbolos da modernidade.

No poema denominado “O luxo”⁸, o poeta nos mostra que os objetos de desejos daquela época atingiam ricos e as camadas populares, que também almejavam participar dessa modernidade. *O luxo, o luxo!... Eis a lepra/Que lavra pela cidade,/ Que mata os ricos e pobres/ Sem trégua... sem piedade!*

Enfim, os escritos deixados pelo poeta nos permitem o entendimento do que estava sendo construído e sua percepção da realidade social. Em alguns momentos, ele deixa transparecer sua reprovação à forma compulsiva da cidade ser tão parecida com Paris. – *Vaidades... quantas vaidades! / Não vedes, loucas deidades [...]* / *Pensai, humanas cabeças / Mas, quem se quer corrigir?! [...]*. Assim, o poeta aconselha a população a se questionar, mas, ao que parece, ninguém deseja.

Por fim, conclui-se que o impacto da mudança, na “nova” civilização”, foi cuidadosamente registrado por Juvenal Galeno, a partir de sua percepção, observação e julgamento das novas reformas urbanas e de como elas interferem na vida social da população de Fortaleza, no final do século XIX.

⁸ “O luxo”. In: GALENO, Juvenal. Op. Cit. p. 44.

GENIALIDADE

Quando jovem discursava em voz alta, treinando seu talento para a retórica. A mãe dizia: “meu filho endoidou. Fala para ninguém ou, certamente, para ele mesmo, entre as quatro paredes do banheiro de nossa casa”. De pé, gesticulando em frente ao espelho, esta cena se repetia.

Depois de trabalhar como balconista, em loja de tecido, no interior do Ceará, o capistranense Francisco Lima Freitas encontrou-se, quando descobre a atividade literária e a ela dedica o melhor de si.

Preside a Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará – ALMECE – desde 1996, portanto, há 19 anos, Arcádia que se originou da Academia de Letras Municipalista do Brasil – ALMB, veículo divulgador das letras municipais de todo o país, com sede em São Paulo, e que teve a Seção do Ceará instalada, em 09 de setembro de 1983, pela escritora cearense Cândida Maria Santiago Galeno (Nenzinha Galeno).

Na sua primeira gestão, Francisco Lima Freitas reestruturou a Academia, conseguindo somar esforços dos acadêmicos já existentes com o ingresso de novos participantes, o que muito contribuiu para o soerguimento da Entidade. E com o apoio de todos, a cada novo dia, vem cumprindo com sua missão, na gerência competente do quadro social que conta com a representação de mais de oitenta municípios.

Entre intervalos de reuniões mensais da ALMECE e ALJUG, no terceiro sábado de cada mês, a seu convite, uma parada para alimentar o corpo, no Marcos Lanches, na Rua Guilherme Rocha, ao lado da Caixa Econômica Federal, em frente a Praça do Ferreira, o que nos possibilita conhecer um pouco mais, sobre o enigmático ser humano cuja dedicação à arte literária impressiona.

Ao retornar do Marcos Lanches, em seus 87 anos, senta-se no banco da praça, embaixo de uma frondosa árvore, e escuta o vendedor ambulante que lhe oferece um massageador; e consegue

convencê-lo. O Retor Padrão da Academia Cearense de Retórica Francisco Lima Freitas despede-se do vendedor, que lhe pede para ser adotado, antes da partida.

Fazer com facilidade o que os outros acham difícil é talento; fazer o que o talento acha impossível é genial, diz *Henri Amiel*. O genial Lima Freitas, dotado de grande talento, coragem e perseverança, é um tipo de liderança a ser estudada pelos cientistas do comportamento.

ANIVERSÁRIO DE MAZÉ

No sertão central do Ceará, na aparente monotonia da paisagem sertaneja quixadaense, nasce uma linda criança que recebe o nome de Maria José Costa. A terra de bela formação rochosa – os monólitos – acolhe a única mulher entre três irmãos, filhos de Dona Valdênia Costa e do Sr. Antônio Firmo da Costa.

A infância de menina do interior, com a vivência das brincadeiras e folguedos característicos, sedimentam sentimentos e emoções que se apropriaram de uma mulher forte, determinada, hábil na comunicação com o mundo, aceitando a existência do outro e estabelecendo relações sociais sólidas.

Mazé chega à adolescência cheia de sonhos juvenis e, nesta época, inicia um reinado de culto à beleza que permeia toda sua vida. Com porte de majestade, como citado no Jornal O Povo, de 1967, em matéria assinada por Francisco Félix “A Rainha do Algodão de Quixadá”, à época, com 16 anos, 1,73m de altura, transcende sua beleza inconfundível.

Em 1973, Rainha do Carnaval, título que refletiu a sua mais pura alegria e jovialidade. Mazé conseguiu a participação de 3.500 sócios do Náutico Atlético Cearense – NAC, entre outros da cidade, Ideal Club e Líbano Brasileiro que tiveram o prazer de recebê-la nas festas mominas.

Do seu reinado, Mazé foi adentrando o mundo da moda, sendo a primeira manequim registrada no Ceará, a receber a carteirinha profissional, um fato histórico.

Outro grande passo foi conhecer aquele com quem compartilhou ideias, ideais e paixão avassaladora – José Moreira Sobrinho. Casou-se em 1973 e com ele teve três lindos filhos: Tricinha, Tatiana e Tiago, hoje com quatro netos: Luís Otacílio, João, Thiaguinho e Pedro. O genro Sávio e a nora Michele os dizem filhos do coração.

O sonho do casal concretiza-se com a SAGON - Indústria e Comércio de Confecções, que iniciou com 12 máquinas, chegando a 62 unidades, que funcionam em 1.200m² de área construída, localizada na Rua Jorge Severiano, Nº 986, no bairro Vila União, de onde sai uma produção anual de 200.000 peças.

De um processo de amadurecimento da marca SAGON, com o objetivo de alcançar a moda feminina de forma ampla, surge a MAJON, que tem coleções voltadas para atender mulheres jovens elegantes e menina-moça faceira, e lojas nos mais elegantes pontos da cidade: Shopping Aldeota, Shopping Buganville, Shopping Center Um, e na Avenida Monsenhor Tabosa, Nº 207, um dos mais atrativos da capital cearense.

No final do século XVIII e início do XIX, uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, Johann Wolfgang Von Goethe, diz que, quando o ser humano desperta para um grande sonho e sobre ele lança toda a força de sua alma, todo o universo conspira a seu favor. E foi o que aconteceu a Mazé, ao entrar no mundo da moda.

Presidente do Sindicato das Indústrias de Confecções Femininas do Estado do Ceará – SINDICONFECCÇÕES, com foto afixada nas dependências da FIEC – Federação da Indústria do Ceará, em audiência com a Ministra da Indústria e Comércio Doroteia Wernec, agosto de 1995, Mazé fala sobre a política de exportação e importação, sistema tributário e as altas taxas de juro bancário, entre outros tópicos da economia. Não é sem razão que ganha reconhecimento, publicado em manchete no Jornal Diário do Nordeste, de 8 de março de 2003, no bloco negócios: Mulheres Destacando-se em Cargos de Liderança no Ceará.

Ao longo da vida, enquanto crescia profissionalmente, dedicava atenção especial à família: os filhos, todos bem-sucedidos profissionalmente e netos, com o privilégio da convivência com a vovó carinhosa, graduada em pedagogia, para assessorar-lhes nas lições escolares.

Estamos aqui hoje, Mazé, para parabenizá-la pelo aniversário, mas principalmente, para externar nossa admiração e respeito pela pessoa que você consegue ser. Agradeço a Deus, pelo privilégio de privar de sua amizade, minha querida vizinha, com quem dividi, durante muitos anos, os sentimentos mais belos e dignificantes: o crescimento dos nossos filhos. Que Deus ilumine você, sua família e todos aqui presentes. E parabéns pelo seu lindo livro, Memórias de Momentos.

O AMOR DOS DOIS

Um casal bonito e unido compartilha o mesmo gosto pela literatura. Aparece sempre junto, em eventos, reuniões ou festas de cunho cultural. Gutemberg Liberato de Andrade e Maria Argentina Austregésilo de Andrade são queridíssimos e sentem-se cercados de amor e carinho dos amigos.

Ele é cearense, natural de Fortaleza. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais (Direito) pela Universidade Federal do Ceará; Pedagogia e Habilitação em Administração Escolar, pela Universidade Estadual do Ceará para tornar-se Coronel da Reserva Remunerada da Polícia Militar do Ceará e cordelista de primeira grandeza.

É poeta, escritor, trovador e compositor, para alegria dos amigos e escritores que apreciam suas obras. Costuma trazer um cordel à mão, para mimar as pessoas que dele se aproximam. Somam-se mais de 80 cordéis. Ele produz intensamente: Se o ventilador da Casa de Juvenal Galeno quebra, ele faz o bem humorado registro. Após o conserto, outro. E assim vai levando sua vida de poeta encantador, conduzindo a sua inseparável bengala que obedece a direção dos olhos azuis e serenidade no semblante.

O Andrade, como o chama sua amada, já escreveu sobre as Rendeiras do Iguape, Tilápia, Colégio da Polícia Militar, o Sequestro do Sapato, A Perna Invejosa e, finalmente, Várzea Alegre, a cidade que teve a honra de ter seus contrastes cantados brilhantemente pelo poeta da União Brasileira de Trovadores.

Sua habilidade e inteligência favoreceram o olhar de Maria Argentina Austregésilo de Andrade, a mulher de seus encantos. Bonita e sensível, ela escreve “Pinceladas de Emoção”, onde vagueia com desenvoltura, do cantão de Schwarzenburg, na Suíça, ou Aracariaçu, no sertão cearense. No passeio pelas montanhas, reconhece que é a natureza, nunca o homem, que sabe como é preciso viver. Diante dos desastres naturais que se apresentam, nos últimos tempos, não podemos discordar da poetisa.

Obrigada, Senhor, pelo privilégio de prrivar da amizade do casal.

EXPEDIÇÃO CULTURAL A VIÇOSA DO CEARÁ

A Expedição Cultural a Viçosa do Ceará foi um acontecimento significativamente importante para o universo literário. A cidade recebeu dezenas de escritores e poetas para homenagem ao seu filho ilustre Clóvis Beviláqua. Uma ação do Projeto Literatura sem Fronteiras, de autoria do escritor lavrense João Gonçalves de Lemos, que defende a ideia de ampliarmos as atividades da ALJUG, levando-as para fora da Casa de Juvenal Galeno, onde nos reunimos sistematicamente, no penúltimo sábado de cada mês. Em Viçosa do Ceará, aconteceu a 1ª reunião externa da ALJUG. Na oportunidade, a parceria da Academia de Letras Juvenal Galeño-ALJUG, União Brasileira de Trovadores/Secção Maranguape, Academia de Ciências, Letras e Artes de Columinjuba - ACLA e a Prefeitura Municipal de Viçosa do Ceará possibilitaram que se fizesse a premiação do Concurso Internacional de Poesia, Trova e Prosa Clóvis Beviláqua, no Memorial que tem o nome do homenageado do certame.

O ônibus, Expresso V-REAL-TUR, saiu da Praça das Flores, localizada na Avenida Desembargador Moreira, em frente ao Hospital do Exército, dia 25.06.2016, às 6h e retornou, no dia seguinte, às 14h, transportando 41 pessoas, seguido por mais sete que viajaram em carro particular.

A caravana era composta por representantes das seguintes entidades literárias: União Brasileira dos Trovadores/Secção-Fortaleza (Cícero Modesto Gomes e Francisco Neto da Silva-Chico Vaqueiro); Academia Metropolitana de Letras de Fortaleza –AMELF (Luís Carlos Rolim de Castro-Lucarocas); Associação de Jornalistas e Escritores do Brasil – AJEB (Ana Célia Oliveira); Academia Feminina de Letras (Presidente Clara Leda de Andrade Ferreira); Academia Afrocearense de Letras-AFROCEL (Maria Cecília Félix Calaça); Academia de Letras e Artes do Ceará – ALACE (Presidente José Odmar de Lima); SESC/Grupo Abraço Literário (Lúcia Maria

Medeiros Marques, Maria Lucirene Façanha, Maria Elizabeth Albuquerque, Eugênia Maria Carra'h de Sales); SESC/Grupo Criação Literária (Eudismar Maria Fernandes Mendes, Zélia Ribeiro Sales); Associação Cearense de Escritores – ACE (José Marcelo Leal Barbosa), Academia Maracanauense de Letras (Edna Maria Martiniano); Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará-ALMECE (Auzeneide Cândido, Àlvarus Moreno, Maria do Carmo Aragão, Iracema Maia de Oliveira, Maria Ôsia Leite de Carvalho); Academia Cearense de Retórica (Francisco Barros Alves); Academia de Letras de Crateús (Antônio Edivânio Chaves Barbosa); Academia Lavrense de Letras (Maria de Fátima Lemos Pereira Cândido); Coral da OAB (a espanhola Juana Maria Rey de Cardozo); Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno (Rosa Virgínia Carneiro de Castro); Academia de Letras Juvenal Galeno – ALJUG e Casa de Juvenal Galeno (Abmael Martins Ferreira, Adaunice Arruda da Silva-Nice, Eduardo Luiz de Santana Cruz, Francisco Bernivaldo Carneiro, Maria Eliene Magalhães Silva, Maria Eliane da Silva Santos, Pio Barbosa Neto, Oneida Pontes Pinheiro Milhome, Rogério de Jesus Ramos, Fábio Ferreira Gomes e a Presidente Maria Linda Lemos Bezerra); União Brasileira dos Trovadores/Secção Maranguape (Presidente Francisco José Moreira Lopes).

As entidades participantes agradecem a carinhosa acolhida pelo Prefeito Municipal Divaldo Carneiro Soares, Chefe de Gabinete do Governo Municipal Evaldo Soares, a Secretária de Educação Maria Antônia Rodrigues, o Secretário de Administração Coronel Paiva, a Coordenadora Pedagógica Francimeire Siqueira da Silva, entre outros viçosenses.

A Mesa Diretora do evento: cerimonialista Barros Alves, vereadores: João Mamede de Brito e Ediomar de Carvalho, Professora Assunção de Maria Pereira Lopes, Secretária de Educação Maria Antônia Rodrigues, Chefe de Gabinete do Governo Municipal Evaldo Soares, Prefeito Divaldo Carneiro Soares, Presidente a ALJUG Linda Lemos e Presidente a UBT Francisco José Moreira Lopes.

O CD DO POETA

Final de ano é tão bom! A alegria é contagiante. A esperança reluz no rosto e coração das pessoas. Tal qual o brilho do cartão de natal do poeta cantor José Odmar de Lima, no qual ele aparece no papel de José, ao lado de Maria, admirando o Menino Jesus na manjedoura, em encenação do nascimento do Messias, no Ginásio Paulo Sarasate, em Fortaleza. O cartão de felicitações natalinas anuncia a chegada de 2016, artisticamente bela, com conotação de paz e esperança na humanidade.

O poeta tem alma leve e bom humor às pampas, riso solto, inspirado sempre, pronto a soltar uma trova entre uma prosa e outra. Assim é o Presidente da Academia de Letras e Artes do Ceará – ALACE, entidade artístico-literária que contribui significativamente para com a disseminação das letras, artes e cultura, em território nacional e internacional.

José Odmar tem muito mais a oferecer: distribui aos amigos o CD, com canções de sua autoria: “No Reino do Tai Chi”, “Disse que sim” e “Saudade que doi”.

Canta Odmar: *No Reino do Tai. Chi, este ano eu vou fazer meu carnaval. Rei Momo vai tomar conta da cultura oriental...*. Trata-se de uma linda marchinha, louvando a cultura oriental, pelos cuidados que tem tido com a saúde, espalhando este sentimento pelo mundo afora. O *investimento em saúde e educação pública* deu bons resultados; onde não há investimento, as pessoas continuam pobres e doentes.

“Disse que sim”: *meu amor está querendo amar, querendo amar, querendo sim, nosso amor quando se encontrar vai ser fogo no estopim*. O ritmado xote leva o ouvinte à reflexão: o que há de melhor nesta vida do que o amor, compreensão, companheirismo? Este amor abrasador, eufórico, apaixonado ou comedido de razão... A vida do poeta é desafiante e ele a insulta com suas emoções.

“Saudade que dói”: *vem meu amor pra mim, vem não me faça sofrer, vem, meu amor pra mim, assim seu amor vai morrer. Como pode alguém sofrer assim, só por causa desse tal de bem-querer?* Letra que também evidencia o sentimento amoroso do poeta que descobre, ao lado da amada, que entre o sonho e a realidade existe um espaço chamado felicidade, e para que sua felicidade se torne realidade precisa ela estar ao seu lado. A vida é misteriosa e emocionante!

O cantor tem um vozeirão que agrada o ouvinte. A voz é bonita, límpida e convincente. Palavras falam ao coração.

PINCELADAS DE EMOÇÕES

Maria Argentina Austregésilo de Andrade é uma mulher bonita. Bonita e sensível. Ela escreve e pinta com perfeição. *Pincladas de Emoção* é a tônica do seu livro, Editora Prêmio, 2016. Ela vagueia do cantão de Schwarzenburg, na Suíça, a Aracariacçu, no sertão cearense, com a mesma desenvoltura. No passeio pelas montanhas, reconhece que é a natureza, nunca o homem, que sabe como é preciso viver. Diante dos desastres naturais que se têm presenciado, nos últimos dias, não podemos discordar de Argentina.

Na caatinga em época de seca, ela sentiu a miséria dos homens e dos bichos, num local que parecia um inferno vivo, onde todos estavam a implorar aos céus um pouco de água para a salvação geral. E descreve a cena no sertão com absoluta sinceridade e realismo: Nas calçadas, em desespero, levas de famintos, quase nus e mortos, empurrando uns aos outros, recebem a minguada oferta que levávamos. Urubus numerosos abriam as asas negras ao sol, empoleirados nas cercas, a farejar carniça.

Também de um realismo e sentimentalismo à flor da pele, a autora se refere a uma licão da natureza. E fala do seu pé de mamão com um carinho tal, que só Juvenal Galeno conseguiu sentir em relação a seu Cajueiro Pequenino.

Argentina pertence a várias entidades culturais, entre elas, a Associação de Jornalistas e Escritores do Brasil e Academia de Letras Juvenal Galeno.

ACOLHIDOS NA ALMECE

A ALMECE, em alarido de festejos, os saúda, nesta noite - Clara Leda de Andrade Furtado e Francisco Ribeiro de Moura. Esse magnífico patrimônio cultural que vocês trazem para a Arcádia, suas produções literárias, nos encham de alegria e expectativa.

O confrade Francisco Ribeiro de Moura apresenta um currículo universitário de marcante amplitude e profundidade, compreensível por ser quem ostenta o expressivo título de professor, educador que veio construindo seu invejável cabedal de conhecimento, ao longo da carreira no magistério.

Francisco Moura, ao sentar-se ao lado de poetas, romancistas e contistas, historiadores, para não falar de médicos, filósofos, juristas, economistas, psicólogos, pedagogos - está ele comparilhando das mesmas oportunidades e alegrias, hesitações e/ou dúvidas que nos acomunam.

Não devemos esquecer que tudo começou com seus pais, Expedido José de Moura e Josefa Ribeiro Campos, nascidos em Mangabeira e na vizinha Cedro. O novel acadêmico nasceu na terra dos amargosos, de clima forte, às vezes seco, mas de gente ordeira e inteligente; Na época em que nem se sonhava que um dia ela seria conhecida como terra da arte de Bruno Pedrosa, de vozes e acordes musicais de Nonato Luiz, da cultura e verve literária de Joaryvar Macedo, poetas Dimas Macedo, Batista de Lima, Linhares Filho, Vicente Paulo Lemos, Fátima Lemos, os escritores Dias da Silva, Vicente Teixeira, irmãos João Gonçalves de Lemos e meu pai, o médico humanista Manoel Gonçalves de Lemos, para citar alguns tantos que se torna difícil parar de listá-los.

Por força da sua profissão de trabalhador itinerante (viajante, pois representante comercial), Francisco Moura passou por várias cidades, mas sempre teve Mangabeira como porto seguro da família. E continuou a estudar e a conviver com poetas, contistas e jornalistas, entre tantos outros citados que o contaminaram com a sede de saber.

Nós, acadêmicos, sabemos dos afazeres de cada um, porem não esqueçamos das nossas responsabilidades. Temos um compromisso com a sociedade, com a comunidade cultural, com as instituições, com nós mesmos que vestimos o manto da imortalidade, mas, em vida, somos usuários do manto da responsabilidade de manter viva e atuante a instituição que integramos.

Hoje, dia 27.11.2015, a Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará - ALMECE, é um teatro de portas abertas para receber, no seu palco, um grande Ator e Diretor de Escolas e da Fundação Cultural Francisco Moura, para os aplausos de todos vocês. Obrigada, meu amigo e conterrâneo Francisco Moura, por não ter desistido, por ter persistido no sonho da imortalidade acadêmica.

Convido todos para, em união, aplaudirmos o mais novo integrante da ALMECE que representa o município de Pacatuba, Francisco Ribeiro de Moura.

CHAPEU DE COURO

O chapéu de cangaceiro é famoso por ser uma peça que caracteriza um famoso personagem da história do nosso país, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Modelos exclusivos, especialmente elaborados por um parente próximo de Maria Bonita, eram usados e hoje fazem sucesso, por serem peças bem elaboradas verdadeiras obras de arte.

O chapéu de couro, inspirado nos modelos do imperador francês Napoleão Bonaparte, não foi a única moda lançada por Lampião que, inspirando-se em roupas de guerreiros, fez seu estilo próprio, sendo ele mesmo o fabricante das peças. Muitas pessoas admiram o adorno, entre elas, famosos: o saudoso cantor Luiz Gonzaga e o seu seguidor José Marcelo Leal Barbosa, mantenedor do Memorial Luiz Gonzaga, em Fortaleza.

Na Fazenda Cacimbinha, a 14 quilômetros do centro de Salgueiro-PE, vive um talentoso artesão: Zé do Mestre, 83 anos, mais de 70 dedicados à arte do couro. Ele lembra, com saudade, do momento em que conheceu um dos clientes mais ilustres: Luiz Gonzaga. Zé do Mestre poetisa: “Meu traje é a perneira, o chapéu e o gibão. Sou feliz por ser vaqueiro, poeta e artesão”. Para manter a tradição na família, o filho Irineu herdou a vocação para trabalhar no ateliê.

Ainda no sertão pernambucano, em Ouricuri, mestre Aprígio e o filho Romildo têm orgulho em exibir, pelas paredes do ateliê, fotos dos 50 anos de profissão e criatividade produzindo bolsas de couro, chapéus e gibões personalizados. Entre tantos clientes que já fizeram encomendas, o Rei do Baião, Luiz Gonzaga, para quem fez um terno de couro.

O escritor José Marcelo Leal Barbosa tem um acervo de 600 itens relacionados ao Rei do Baião, Xaxado e Xote, divulgado largamente. A Academia de Letras Juvenal Galeno-ALJUG fez Reunião Itinerante no Memorial. Em momento solene, Marcelo “tira o chapéu” para a Presidente Linda Lemos, uma forma de reco-

nhecimento ao desempenho da Arcádia, enquanto entidade comprometida com a promoção e disseminação da cultura popular, entre outros objetivos. Todos nós aljugeanos devolvemos o chapéu para Marcelo Teixeira e sua dedicada família, pelo gesto dedicado e comprometido com a preservação do nosso patrimônio histórico nacional.

Nesta oportunidade, lembraram-se crenças, usos e costumes revelados no Livro *Lendas e Canções Populares*, editado em 1865, de autoria do poeta e folclorista Juvenal Galeno da Costa e Silva. Esta é considerada a obra-prima do escritor cearense. Com poesia simples, nativista, aparentemente ingênua e profundamente social, chegou a ser utilizada como instrumento de agitação, em meio à campanha abolicionista, em Fortaleza. Recitavam-se, lado a lado, a poesia de Castro Alves e a de Juvenal Galeno. Antônio Sales, em *Retratos e Lembranças: reminiscências literárias*, afirma que “Juvenal foi, talvez, o primeiro poeta abolicionista do Brasil”. Nosso encontro aconteceu no mês em que se celebrou a abolição da escravatura, sendo o Ceará o primeiro, no Brasil.

Ressalte-se que, em épocas diferentes, Luíz Gonzaga e Juvenal Galeno da Costa e Silva cravaram os corações no nordeste brasileiro e declararam, para o universo, o grande amor pela região onde nasceram.

Nota: Luiz Gonzaga nasceu em 13.12.1912 e faleceu em 2.8.1989. Juvenal Galeno nasceu em 27.09.1838 e faleceu em 7.03.1931.

ACERVO DOCUMENTAL DA ALJUG

Existe preocupação, ou, pelo menos, devia haver, com o fato de registrarem-se acontecimentos relacionados à vida acadêmica das entidades literárias. Somente assim torna-se possível a construção histórica.

O Acervo Documental da Academia de Letras Juvenal Galeno – ALJUG – é uma prática que soma dois volumes em 2016, fazendo parte da biblioteca da Casa do poeta cearense.

O Volume I compreende as atas das reuniões ordinárias e extraordinárias, estatutos, editais e portarias, relatórios, discursos e pronunciamentos, atos institucionais, convites e programação das festividades.

O Volume II, além da apresentação, contém o *folder* institucional, projetos literários (Diálogos Literários, Academia e o Parlamento, Literatura sem Fronteira), minutas de concursos literários, ofícios expedidos, comunicados internos, Jornal GALENUS, fotos de antologias, revistas e outras publicações, modelos de certificados e diplomas, contatos com a imprensa e finaliza com ações de reconhecimento: acadêmico, social e político ao trabalho desenvolvido pela Edilidade.

Os livros foram organizados pelas escritoras: Eliane Maria Arruda Silva e por quem a sucedeu na ALJUG, a historiadora e memorialista Maria Linda Lemos Bezerra.

O poeta e folclorista cearense, Juvenal Galeno da Costa e Silva (1836-1931), poetizou a cultura da gente de sua terra, das diferentes regiões do estado do Ceará: serras, praias e sertão, assim motivando escritores e intelectuais a preservarem sua memória. Ele nos deixou uma herança preciosa: “volumosa produção literária, biblioteca de riqueza imensurável e a democracia dos salões de sua Casa, onde residem a memória e a tradição da cultura cearense.”

O Programa de Trabalho da ALJUG para o ano de 2016, aos poucos, foi se definindo, pois se conhece a velocidade do tempo em

que tudo se modifica e as realizações também dependem da ação de terceiros. Mas algumas ações podem ser anunciadas: ocupação de Cadeiras vagas, reuniões sistemáticas no terceiro sábado de cada mês; a execução de projetos e realização de concursos literários, atos institucionais que criaram os símbolos e marcas da Arcádia (brasão, bandeira, hino, Selo de Reconhecimento Juvenal Galeno), entre outros.

Registrem-se ações como a publicação trimestral do Jornal GALENUS e anual da Antologia da ALJUG, a primeira delas “*Diálogos Literários*”, em 2016, e a segunda, “*Lira das Letras*”, já no prelo para 2017, uma referência ao instrumento musical tão apreciado pelo poeta, que ainda hoje decora o centenário Templo Cultural.

Para o corrente ano, há a necessidade de elaboração do Regimento Interno, pois essa sublegislação torna-se ferramenta importante que facilitará nosso trabalho e propiciará a realização dos objetivos da Entidade com mais segurança. A organização de um site constitui-se outra ferramenta moderna na agilização de ações.

Ressaltando a honra de ter a confiança do representante oficial da família Galeno, Antônio Santiago Galeno Júnior, Presidente de Honra da ALJUG e Diretor da Casa, e a colaboração dos acadêmicos comprometidos com a disseminação, preservação, memória e a tradição cultural cearense, seguimos em frente. Em retribuição, nosso empenho pessoal continuará sendo o de lealdade ao propósito da ALJUG, pois se espelha na trajetória da Casa Juvenal Galeno, baseando-se na promoção da cultura, legado que o poeta atribuiu não somente à sua família, senão às comunidades cearense e nacional.

INVEJA

A inveja é um sentimento com nuances que vão do intenso desejo de destruir a felicidade alheia à motivação para buscar realizações pessoais. Estudos recentes revelam que reconhecê-lo ajuda a superar limitações.

É raro encontrar alguém que nunca tenha experimentado o sentimento em relação a outra pessoa mas reconhecer que isso acontece pode ser interpretado como fraqueza, ou mesmo, defeito de caráter. O fato é que, ainda que inconfessa, a maioria das pessoas está bastante familiarizada com esse poderoso sentimento, muitas vezes definido pela dor de ocupar uma posição inferior àquela que almejamos ou por querer o que é do outro.

Várias manifestações e intensidade da inveja são explicitadas nas artes e na cultura. Em uma passagem bíblica clássica, o invejoso Caim mata Abel, seu próprio irmão. Na Antiguidade, o filósofo grego Sócrates a considerava “a úlcera da alma”.

A inveja tem chamado a atenção de psicólogos e neurocientistas que começam a se dedicar a estudar suas nuances com mais profundidade. O neurocientista japonês Hidehiko Takahashi, pesquisador do Instituto Nacional de Ciência Radiológica, em Tóquio, conduziu um estudo sobre o desconforto mental que o sucesso alheio nos causa, com base em correlações neurais, publicado pela Revista *Science*.

Usando ressonância magnética, ele examinou cérebros de 19 voluntários (dez homens e nove mulheres) na faixa dos 20 anos e identificou o lugar onde esses sentimentos são processados: a região do córtex cingulado anterior é ativada - a mesma onde a dor física se processa. Ou seja, a inveja é uma emoção dolorosa.

Em seu pior aspecto, o sentimento pode nos levar a sentir prazer com o sofrimento alheio e até mesmo a prejudicar os outros de maneira direta ou indireta, com um comentário maldoso, por exemplo.

Por incrível que pareça, a inveja tem seu lado bom: se soubermos lidar com ela, é possível que funcione como um incentivo para melhorar nosso próprio desempenho em tarefas desafiadoras. Um defensor da ideia de que o sentimento nem sempre é destrutivo foi o grego Aristóteles. O filósofo sugeriu que a inveja pode nos incentivar a lutar com mais afinco pelo que desejamos, outra faceta pouco explorada pelas investigações empíricas.

Neurocientista afirma que, no caso de inveja, há uma ativação do sistema de recompensa e a sensação de prazer é reduzida quando o cérebro entende que o sucesso alheio é maior (Suzana Herculano-Houzel). O prazer com o sofrimento/a dor do outro, quando este alivia o nosso, hoje capturado pelo termo alemão *Schadenfreude*, nos lembra que nossa sorte poderia ter sido pior. O problema é que essa relativização também acontece no outro sentido e afeta nossa capacidade de curtir a própria sorte. Descobrir que alguém ganhou ainda mais do que você diminui seu prazer. É daí que nasce a inveja: da relativização do seu sucesso, mesmo quando ele deveria ser perfeitamente satisfatório. Suzana Herculano-Houzel conclui que, a inveja decorre de uma comparação, na qual o invejoso “perdeu” a disputa e, com isso, sentiu-se inferiorizado.

Sentir inveja dói. O invejoso sente-se ferido, excluído de um direito que, segundo acredita, é (ou deveria ser) seu. E seu cérebro registra essa experiência como um sofrimento físico.

Tomando como base o desenvolvimento da espécie humana, os cientistas apontam alguns potenciais benefícios da inveja. Os psicólogos evolucionistas David M. Buss, da Universidade do Texas, em Austin, e Sarah E. Hill, da Universidade Cristã do Texas, sugerem que o ato de nos compararmos repetidamente com nossos vizinhos pode ter ajudado a avaliar melhor nosso desempenho, na competição por recursos. Além disso, o sentimento de inferioridade e a frustração, inflamados pelo desejo de ter o que outro tem, costumam disparar um alerta de que se está em desvantagem. Impelidos por essa motivação, muitos poderiam se empenhar em compensar deficiências e superar a si mesmos, uma das formas saudáveis de lidar com a inveja.

Se não encontrar motivação suficiente, tente buscar sentimentos de gratidão pelas coisas boas da própria vida. Olhar para o que se tem (e não para o que nos falta) pode nos ajudar a valorizar oportunidades. E finalmente, a saída para o desconforto que a inveja causa requer coragem: desenvolver a capacidade de alegrar-se, verdadeiramente, pelos dotes ou conquistas alheios. A grande vantagem disso é, ao mesmo tempo, agregar a possibilidade de tomar o outro como exemplo. Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, não se trata de engrandecer ainda mais o invejado, mas sim de usufruir de alegrias, realizações e aprender com eles, sem permitir que o sucesso alheio se torne motivo de tormento.

Fonte: Revista Mente e Cérebro, por Jan Crusius e Thomas Mussweiler, psicólogos sociais da Universidade de Colônia, na Alemanha. Crusius estuda as consequências de nos compararmos com os outros, em relação a pensamentos, emoções e comportamentos. Mussweiler investiga cognição social e processos de comparação social. Suzana Herculano-Houzel é neurocientista, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), autora do livro *Fique de bem com seu cérebro*, 2007.

XII BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO

A Bienal Internacional do Livro do Ceará, ao longo de duas décadas, vem-se consolidando como um dos mais importantes eventos culturais do país, parte do calendário cultural brasileiro, com ampla programação, referência de qualidade quanto ao próprio livro, leitura, arte, cultura e pensamento, reunindo grandes escritores e artistas do Ceará, do Brasil e do exterior.

Realizada em Fortaleza, de 14 a 23 de abril de 2017, no Centro de Eventos do Ceará, a XII Bienal é uma iniciativa do Governo do Estado do Ceará, por meio da Secretaria da Cultura- SECULT, em parceria com o Instituto Dragão do Mar e apoio do Ministério da Cultura, através da Lei Rouanet de Incentivo à Cultura. Durante o evento, circularam consagrados escritores: o angolano Valter Hugo Mãe, Marina Colasanti, Ignácio Loyola, Isabel Lustosa, Eliane Brum, Lira Neto e Frei Betto.

A Bienal ofertou ao público atrações de natureza artística e literária, englobando palestras, mesas redondas, conferências, oficinas, contações de histórias, lançamentos de livros, além de apresentações de artistas de reconhecimento local, nacional e internacional, combinando uma programação democrática e de acesso gratuito, que atende a público plural: infantil, juvenil e adulto.

O evento caracterizou-se pela visibilidade na mídia e grande mobilização social, educacional e econômica. Durante dez dias, promoveram-se encontros, para ouvir opinião da sociedade e entidades envolvidas com a implementação de políticas públicas para o livro e diálogo com o mercado, representado por editores, livreiros, distribuidores e autores independentes.

Em sua XII edição, a Bienal teve como tema “Cada pessoa, um livro; o mundo, a biblioteca”, que traz em si infinitas possibilidades: a diversidade de expressões, a multiplicidade de vozes; in-

contáveis itinerários narrativos a proporcionar conexões transculturais, encontros de mundos, diálogos no espaço presencial e virtual, fazendo uma grande homenagem ao acervo literário universal, à cultura e à identidade brasileira como patrimônio da humanidade.

A Coordenação Geral ficou sob responsabilidade de Mileide Flores e a Curadoria: Lira Neto, Kelsen Bravos e Cleudene Aragão. A esta Comissão Especial, aplausos da Casa de Juvenal Galeno, que participou com stand de 46m² e acolheu grande número de poetas populares, além de outros escritores brasileiros.

O Governador do Estado do Ceará, Camilo Santana, e o Secretário de Cultura, Fabiano dos Santos Piúba, visitam o stand da Casa Juvenal Galeno, recebidos pelo bisneto do poeta cearense, Antônio Santiago Galeno Júnior e Sra. Lúcia Vanda, Presidente da Academia de Letras Juvenal Galeno – ALJUG, Maria Linda Lemos Bezerra, escritora Clara Leda de Andrade Ferreira e Socorro Rabelo, na abertura da XII Bienal Internacional do Livro do Ceará, dia 14.04.2017 (figura 7).

Figura 7.



Fonte: arquivo particular da autora.

EFEMÉRIDES LIGADAS

A JUVENAL GALENO DA C. E SILVA

Tombamento da Casa de Juvenal Galeno

A Casa de Juvenal Galeno teve tombamento definitivo na manhã do dia 21/9/2016, como patrimônio histórico em nível estadual, aprovado por unanimidade dos participantes, em reunião do Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural do Estado do Ceará-COEPA, presidida pelo Secretário da Cultura do Estado, Fabiano dos Santos Piúba, que fala sobre o significado do tombamento e destaca: investimento em obras de conservação, manutenção e o primeiro edital de seleção de projetos para programação artística e cultural na Casa, ações que contam com investimento da ordem de R\$ 190 mil, pela SECULT.

O atual Diretor da Casa de Juvenal Galeno, Antônio Santiago Galeno Júnior, fala sobre as publicações das obras do Poeta, a primeira delas, Prelúdios Poéticos, com somente dois exemplares, para presentear os pais.

Quanto às poesias, no livro Lendas e Canções Populares (1865), são atuais pois tratam da reforma agrária, democracia, votos consignados, entre outros temas político-sociais da atualidade. Juvenal Galeno costumava sair em defesa de causas populares, o que incomodava as elites da época. Era aceito nos salões aristocráticos, por ele pertencer à família abastada, dona dos cafezais da Serra de Aratanha, prevalecendo o poderio econômico. Sabe-se que “O legado de Juvenal, contudo, vai muito além das letras escritas e esbarra na generosidade de abrir as portas de sua casa para dar abrigo à cultura popular”, diz o bisneto.

Aniversário de 3 anos de instalação da ALJUG, no Ceará

Como parte da comemoração do centenário de nascimento de Juvenal Galeno, a filha mais nova, Júlia Galeno, inaugura, a 27 de setembro de 1936, em sua residência, na Rua Montenegro nº 284, no Bairro Ipanema, perto da Lagoa Rodrigo de Freitas, a Academia Juvenal Galeno de Letras.

Na Cabana Azul, onde funcionava a Arcádia, ela recebia artistas e intelectuais, pintores, músicos, escritores e poetas, em reuniões frequentadas pela elite de inteligência brilhante, sempre noticiadas em revistas e jornais cariocas: o *Malho*, a *Revista da Semana*, a *Beira Mar*, *Jornal do Comércio* e *Correio da Manhã*.

A Cabana Azul, por dentro e por fora, era rodeada de trepadeiras e roseiras, e acolhia personalidades do mundo político, social, musical e literário. Diz-se que Júlia Galeno mantinha um verdadeiro Consulado do Ceará, em sua bela casa de Ipanema.

Em 28.09.2013, 77 anos depois, a escritora Eliane Maria Arruda Silva idealiza a instalação da Academia de Letras Juvenal Galeno-ALJUG no Ceará, atualmente com 40 Cadeiras ocupadas.

O Secretário da Cultura do Estado do Ceará, Fabiano dos Santos Piúba, o bibliófilo José Augusto Bezerra, presidente da ACL e o Governador do Ceará Luiz de Gonzaga Fonseca Mota (1983-1987) foram recebidos por Antônio Santiago Galeno Júnior, Diretor da Casa de Juvenal Galeno e pela Presidente da ALJUG, Linda Lemos, dia 24.09.2016, quando da celebração das efemérides ligadas à vida e obra do poeta: 180 anos de nascimento do folclorista cearense, Juvenal Galeno da Costa e Silva, 160 anos do seu livro de estreia “Prelúdios Poéticos”; 80 anos de fundação da Ala Feminina (entidade literária) criada por Henriqueta Galeno, 97 anos da fundação oficial da Casa de Juvenal Galeno e o 3º aniversário da ALJUG.

Na oportunidade, se reuniram gerações de escritores e amantes das letras, na Casa de Juvenal Galeno, localizada na Rua General Sampaio, Nº 1128, Centro, Fortaleza-CE, para prestarem belas homenagens à memória do poeta.

Figura 8 – Da direita para a esquerda: Secretário da Cultura do Estado do Ceará, Fabiano dos Santos Piúba, bibliófilo José Augusto Bezerra - Presidente da ACL, Antônio Santiago Galeno Júnior - Diretor da Casa de Juvenal Galeno, Governador do Ceará - Luiz de Gonzaga Fonseca Mota (1983-1987) e a Presidente da ALJUG, Linda Lemos, em evento que celebra as efemérides ligadas a Juvenal Galeno, entre elas o 3º aniversário da ALJUG. Escritores, poetas e intelectuais prestigiaram o evento.



Fonte: arquivo particular da autora.

PARTE III
TERRA DO
MEU ENCANTO

TERRA DO MEU ENCANTO

“A terra do meu encanto” – Várzea Alegre. Guardo boas lembranças da terra que me acolheu ao nascer.

Andei, viajei, trilhei caminhos antes de me aquietar. Talvez possa me definir como uma inquieta andarilha. A necessidade me permitiu morar em diferentes cidades do Brasil desde que saí da terra natal, Várzea Alegre. Passei pelos vales do sertão cariariense, pisei no chão pernambucano da bela Recife do frevo, para fixar residência em Fortaleza, terra do sol, que me acolheu desde os 20 anos até hoje. Vivi no continente norte-americano e visitei o europeu umas poucas vezes, para concretizar a certeza do seu amor pela nordestinidade brasileira.

Da Serra, em Maranguape, para os USA, foi um pulo. Após sete anos, de lá eu trouxe, na bagagem, o diploma de *Psychologist*. Tenho boas lembranças de Palm Beach Gardens, West Palm Beach, Delrey Beach, Boca Raton-FL, Montgomery-AL e Atlanta-GE e da beleza das universidades americanas. Falar desta memória dará um bom livro.

Por terras europeias, a passeio, conheci as capitais: Portugal, Espanha, Itália, França, Holanda, Bélgica, Suíça e Inglaterra. Beleza sim, mas nada tão admirado ao aconchego e a simplicidade da gente da minha terra, gente de ação e do meu coração.

Linda Lemos

FRAGMENTOS PARA A HISTÓRIA DE VÁRZEA-ALEGRE

Respeitar e perpetuar a cultura, manter viva a história de um povo e o patrimônio arquitetônico de uma cidade são importantes aspectos que se confundem com a própria vida de cada habitante. É com indescritível prazer que me refiro a Várzea Alegre, terra natal. Falar de sua história é falar da minha própria vida. Por isso, talvez, a oportunidade de registrar dados e fatos da cidade me fascina.

Ao leitor um pouco do trabalho monográfico: "Notas para a História de Várzea Alegre", pré-requisito para ingresso na Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará - ALMECE, Cadeira Nº 63, ocupada, até 12.05.2009, pela saudosa conterrânea Maria Hilma Correia Montenegro, falecida aos 90 anos de idade.

A origem de Várzea Alegre remete ao início do século XVIII, com a chegada dos irmãos portugueses, Capitão Agostinho Duarte Pinheiro e Alferes Bernardo Duarte Pinheiro, à região centro-sul do Ceará, às margens do Riacho do Machado, na época, Riacho do Corroatá, para assumir "data de sesmarias" (Alves; Costa, 1995, p.17) que a eles foram concedidas.

É importante assinalar que o nome do lugar surgiu da exclamação do grupo que, depois de percorrer as propriedades, contemplando e admirando a planície verde, com lagoa e grande quantidade de pássaros de várias espécies, enfim, paisagem exuberante: "QUE VÁRZEA ALEGRE!".

Várzea Alegre inicialmente pertenceu ao extenso município de Lavras da Mangabeira que compreendia mais cinco municípios: Aurora, Umari, Cedro, Baixio e Ipaumirim (Anuário do Ceará, 1976, p.25). Primeiro município desmembrado, teve sua formação política concretizada pelo Decreto Nº 448, de 20 de dezembro de 1839. Várias leis suprimiram e restabeleceram a autonomia do lugarejo, criado oficialmente pela Lei Provincial Nº 1.329, de 10 de outubro de 1870, sancionada pelo então Presidente da Província,

Inácio Marcondes Homem de Melo, instalado em 02 de março de 1872. No período autoritário do governo de Getúlio Vargas, o município foi extinto pelo Decreto N° 193, de 20 de maio de 1931, sendo o território anexado ao município de Cedro; em seguida, restaurado pelo Decreto N° 1.156, de 04 de dezembro de 1933 e re- vigorado em 1936, com a inclusão de mais dois distritos (GIRÃO; MARTINS FILHO, 1965, p. 513). Atualmente conta com cinco distritos: Calabaça, Canindezinho, Ibicatu, Naraniú e Riacho Verde.

Distante 467 km de Fortaleza, com área da Unidade Territorial de 835,71 km², o município tem uma população de 39.379 habitantes (Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE de 2010): 21.997 na zona urbana, com densidade demográfica de 45,16 habitantes por km². Banhado pela Bacia do Salgado, sobressaem as serras: Negra, Cavalos, Charneca e Crioulos, formando várzeas todo o leito da bacia hidrográfica. Os principais cursos d'água que servem de limites naturais, entre os municípios de Cedro e Lavras da Mangabeira, e banham todo o território: Riacho do Machado, São Miguel e Riacho do Meio, com os afluentes: Mocotó, Caiana, Feijão e Umari dos Carlos. A rede hidrográfica é complementada pelos recursos hídricos: açudes Caldeirão, Caráibas, Lagoa Seca, Mameluco, Mocotó, Monte Alegre, Muquém, Olho D'Água, Riacho Verde, Tanga, Ubaldinho, Vacaria; lagoas de São Raimundo Nonato, Iputi, Nunes, Lagoa de Dentro e barragens: Cachoeira Dantas e Fortuna.

O município tem forte atividade econômica voltada ao cultivo do arroz de sequeiro, fazendo jus ao título de Terra do Arroz - pelo exuberante desempenho na produção do cereal, principal cultura agrícola. Atividades econômicas incluem a agropecuária, pesca, artesanato, riquezas minerais, exploradas no passado, pelos holandeses e pequenas indústrias da cidad

Religiosidade

O padroeiro é São Raimundo Nonato, influência da mãe do Major Joaquim Alves Bezerra, filho de “Papai Raimundo”, o Patriarca que, em 19 de outubro de 1863, doou o terreno para a construção da igreja matriz. Em 30 de novembro daquele ano, pela

Lei Nº 1.706, foi oficialmente inaugurada, tendo sido o primeiro vigário Padre Benedito de Sousa Rego, natural de Arneiroz, nomeado por provisão de 30 de dezembro de 1863 e empossado em 20 de março de 1864 (Silveira, 2004, p.244).

Registre-se que, na época, para assistir às cerimônias religiosas, a família providenciava cadeira personalizada que permanecia no Templo. Cadeiras entalhadas, com almofadas, entretanto, os bancos da maioria eram peças simples. E havia atos religiosos paralelos, surgindo irmandades organizadas, lideradas por pessoas responsáveis pelas festas dos santos protetores. Os membros das irmandades usavam, no pescoço, medalhas presas por fitas coloridas, para identificação. Por exemplo: irmandade do Coração de Jesus, coordenada pelas Sras. Santa Correia e Dedé Pimpim, identificada com fita vermelha. A de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, liderada por Dona Adelina Siebra, com fita verde. Mães Cristãs e Filhas de Maria, dirigidas por Louzinha Oliveira e Raimunda Teixeira, com fita azul, cor que “Seu” Dirceu Pimpim usou na coordenação dos Marianos.

Celebravam-se missas com ajuda do sacristão, Sr. Marabu, e cânticos do Sr Milindó, responsabilidade passada, em seguida, a Amadeu Siebra e filhos, João Batista e Chico de Amadeu. Rezadas em latim ou português, as missas, celebradas cedo do dia, às 5h da manhã, eram acompanhadas pelo órgão da igreja. Chico de Amadeu, organicista, fez-se sanfoneiro afamado na cidade, deixando muita tristeza e saudades ao falecer.

O coral da igreja enriquecera com vozes femininas, em destaque, Sinhá Diniz, Zulmira Siébra, Santa Correia, Cira, Raimunda Teixeira, Altina, Bilica, Raimunda de Mestre Antônio, Romana, que tinha grande devoção a Raimundo Nonato, o padroeiro louvado em festa que acontece nos últimos dez dias do mês de agosto, quando centenas de devotos participam de missas, caminhadas pelos bairros, com andores, salvas e novenas, ladainhas: momento de reencontro entre familiares não residentes na cidade.

Um dos 13 párocos que serviram a comunidade, Pe José Otávio de Andrade, “um homem singular”: nascido em 25 de maio de 1896, no sítio Bebedouro (Araras, no município de Aiuaba\Ar-

neiroz) enviuvou duas vezes e, em 30 de dezembro de 1934, ordenou-se (SILVEIRA, 2004, p.479) para, em seguida, celebrar o casamento da filha Francisca Messina com Luís Proto de Moraes, em 06.06.1943, tornando-se o primeiro homem do mundo a celebrar o casamento de filha. História semelhante só veio acontecer em 6 de maio de 1967, quando o engenheiro Afonso Lopes Freire, diácono da igreja católica, celebrou o casamento da filha, na Basílica de Nazaré, em Belém do Pará. Pe Otávio batizou seis netos e assistiu à ordenação do próprio filho, o padre jesuíta José Wilson de Andrade, como também a primeira missa celebrada.

Atualmente, Várzea Alegre conta com a Igreja Matriz de São Raimundo Nonato e capelas: Nossa Senhora de Fátima (Riachinho), São Francisco de Assis (Canindezinho), São João Batista (Riacho Verde), São Caetano (Naraniú) e Cristo Rei (Calabaça). Cada dia, surgem templos evangélicos: Adventista do Sétimo Dia, Assembleia de Deus, Batista, Congregação Cristã do Brasil, Presbiteriana I e II, Universal do Reino de Deus, Testemunha de Jeová e Betesda.

Meios Midiáticos

Raimundo Walquírio Correia inicia, na imprensa local, mantendo a amplificadora, veículo de comunicação útil ao município, na divulgação de recados, mensagens de carinho, amor e paixão, até a chegada da Rádio Cultura que continua a levar as mensagens aos sítios e distritos mais distantes. Com o Jornalista Joaquim Ferreira, mais tarde, comentarista da BBC de Londres (British Broadcasting Corporation), a mais importante e potente emissora de rádio do mundo, sente-se a alegria de ver a terra projetar-se.

Nas artes visuais e cênicas, tem-se Cine Odeon, capitaneado por Edmilson Martins, também palco de concursos para escolha de talentos artísticos, nas “matinês”. Pe. Argemiro marcou presença ao levar o cinema para Várzea Alegre, filmes de cunho religioso estampados na parede externa da casa paroquial.

João Alves de Moraes (Joãozinho de Pedro Piau), na década de 80, com máquinas filmadoras, deixa registrado grande acervo da cul-

tura local. Instala o telão em praça pública, permitindo ao povo assistir ao resultado das gravações que era sua própria história.

Expressão Literária

Em Várzea Alegre contam-se 68 escritores com trabalhos literários publicados, poemas, crônicas, cordel, romance, antologia, livro técnico ou participação em coletâneas, entre eles: Acelino Leandro da Costa, Adelgides de Figueredo Correia (in memoriam), André Freire Furtado, Antônio Alves de Moraes, Antônio Batista Vieira (grande Padre Vieira), Antônio Dantas, Cesário Ney de Almeida, Edival Borges, Edjacir Ferreira Silva, Edna Mirtes Bitu Lemos, Flávio Costa Cavalcante, Francisco Bezerra de Aquino, Gênes Alencar, George Cândido Rolim, Gilberto Correia de Oliveira (Gilberto de Zaqueu), Israel Batista de Sousa, Joaquim José de Oliveira, José Aldenísio Correia, os médicos José Bitu Moreno, José Ferreira (in memoriam) e José Iran Costa Júnior; José Leandro Bezerra da Costa (in memoriam), José Ossian Lima, José Sávio Teixeira Pinheiro (membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel), José Valdir Pereira (Presidente da Academia de Letras de Rondônia), Luiz Otacílio Correia (*in memoriam*), Luiz Tarcísio Coelho Bezerra, Manoel Gonçalves de Lemos, (in memoriam) nascido em São José, hoje Mangabeira, Lavras da Mangabeira, viveu meio século em Várzea Alegre, tendo lá recebido o título de cidadão varzealegrense, Maria Eunice Diniz Moreno, Maria Hilma Correia Montenegro, Maria Irandé Bitu Costa Moraes Antunes (Fátima Costa), Maria Linda Lemos Bezerra, Maria Bezerra Rocha, Miguel Alves de Lima, Marlene Bastos Salviano Guerra, Paulo Sergio Viana Bezerra, Pedro Aldy de Sousa, Pedro Alves de Moraes (Pedro Piau), Pedro Gonçalves de Moraes (Pedro Tenente, in memoriam), Pedro G. Sátiro, Polyanna Bitu de Aquino, Raimundo Araújo, Raimundo Lucas Bidinho (in memoriam), Raimundo Nonato Bezerra (Mundim do Vale), Raimundo Otoni Filho (in memoriam), Ronaldo Correia de Andrade, Sinésio Lustoza Cabral Sobrinho e Valdemar Barrinha da Silva Filho. Sem desmerecer os demais, Antônio Batista Vieira (Padre Vieira) projetou o torrão natal mundo afora.

Os artistas populares responsáveis pelo lazer e alegria do povo merecem destaque, a exemplo de: Damião Carlos (Damião dos Bonecos\in memoriam); Ildefonso Vieira Lima (artista plástico); Músicos: Jairo Diniz, Francisco Chagas do Nascimento (Mestre Chagas); Sanfoneiros: Antônio de Sousa Rego, Pedro Bezerra de Souza (Pedro Souza) e Francisco Teixeira Siebra (Chico de Amadeu), ambos não mais presentes entre nós. Compositores: José Clementino do Nascimento Sobrinho, Luís Sérgio Bezerra de Moraes (Sérgio Piau); Violeiro José Gonçalves de Sousa, Zé Gonçalves (Bié) acompanhado de Expedito do Pandeiro, Zé Lucas e bandolim. Novos sanfoneiros e violeiros surgem, para alegria de muitas pessoas hoje em dia.

Expressão Política

Nomes de expressão política, na Câmara Municipal, que ganhou autonomia em 1984: José de Holanda Filho, Antônio Miguel da Silva, Raimundo Borges, Nicolau Sátiro, Joaquim Alves Bezerra, Francisco Batista Lima (Norberto Rolim), José Batista de Freitas, José Odimar Correia, Francisco Teixeira Siebra, (MORENO, 2004, p.123), Antônio Francisco da Silva, Elihua Nogueira Eufrázio, Gustavo Correia de Oliveira, Antônio Fernandes de Lima, Antônio Fiuza de Alencar, José Caetano da Silva, Antônio Luís Sobrinho, Francisco Bezerra Quincas, José Wilson Sampaio, José Bitu de Oliveira (MUNICÍPIOS DO CEARA, 1996, p.179). Para a gestão 2006-2010 foram eleitos: Luiz Luciano e Silva (Presidente), Eliana Maria Araújo Oliveira, Luíza Denise Salviano Lima, Bezerra, Antônio Sebastião Neto, Francisco Clementino de Almeida, Elonmarcos Cândido Correia, Valdeci Alves Correia, Carlos Renir Correia Leandro e José Batista Rolim.

Pelo executivo municipal passaram 24 prefeitos, alguns reeleitos⁹: Tomaz Duarte de Aquino (1880 – 1892), José Raimundo Nonato de Moraes, Cel. Antônio Correia Lima*, Cel. José Correia Lima, Antônio Primo Correia, Antônio Leopoldo Serra, Américo

⁹ Prefeitos reeleitos.

Barreira, Josué Alves Diniz, Vicente Honório, Joaquim Afonso Diniz, José Vitorino Bezerra, José Alves da Costa, Francisco Correia Lima (Hamilton)*, Adelgides de Figueiredo Correia, Luiz Otacílio Correia*, Dário Batista Moreno, Cel. Josué Alves Diniz, Dr. Pedro Sátiro*, Antônio Afonso Diniz, Lourival Frutuoso de Oliveira, Dr. Pedro Sátiro*, Dr. José Iran Costa, João Alves de Lima, João Eufrásio Nogueira*, José Helder Máximo de Carvalho*, atual prefeito.

Várzea Alegre esteve representada, no legislativo estadual e federal, por Joaquim de Figueiredo Correia, também vice-governador estadual; José Figueiredo Correia, Francisco José Figueiredo Correia, Antônio Afonso Diniz, Manoel Salviano, Nilo Sérgio Viana Bezerra, Luiz Otacílio Correia (deputados estaduais) e o Padre Antônio Vieira, deputado federal. Todos prestaram excelentes serviços ao município, ao estado e ao País.

Eis a “Minha terra, minha gente” para usar o título do livro do conterrâneo, médico escritor José Ferreira, 1985.

Fortaleza, 21.11.2009.

VÁRZEA ALEGRE, O CEARÁ CHORA A TUA DOR

Figura 9 – Dirceu de
Carvalho Pimpim (Papai Dirceu).



Fonte: disponível no site: <http://memoriavarzealegrense.blogspot.com.br/>, acessado em 16 de dezembro de 2011.

Figura 10 – Rosa Gonçalves
de Carvalho (Dona Dosa),
esposa de Dirceu.



Fonte: disponível no site: <http://memoriavarzealegrense.blogspot.com.br/>, acessado em 16 de dezembro de 2011.

Em dezembro de 2010, publica-se, em revista da Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará – ALMECE, 6ª edição, este artigo que segue:

A preservação e proteção do patrimônio cultural não se restringem apenas a monumentos magníficos, com valor histórico, mas também aos valores configurados pelas paisagens, particularidades regionais e geográficas, ambientes urbanos e rurais, bem como traços da manifestação cultural, modos de vida, expressões de arte popular, saberes e fazeres, aspirações, símbolos e mitos, enfim, tudo que reforça a identidade cultural de um povo.

As ações de preservação e valorização implicam medidas de tombamento, ou seja, reconhecimento do bem material, de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e/ou simbólico para a comunidade, protegendo-o da descaracterização ou destruição, conforme legislação específica.

Imóvel tombado pode ser alugado, vendido, reformado ou usado para outro fim desde que não seja descaracterizado. Inscrito no Livro do Tombo, está protegido de eventuais destruição ou descaracterização, para o que há medidas punitivas. Aberto o processo, o bem é considerado provisoriamente tombado, até a confirmação do tombamento, no Estado, criado pela Lei Nº 9.109, de 30 de julho de 1968, revista e complementada, sob o Nº. 13.465, de 05 de maio de 2004.

Segundo bisneta de “Seu” Dirceu, Rosélia de Carvalho Costa, a casa do bisavô foi demolida quatro dias depois de aberto processo de tombamento. “No dia 04.04.2011, fiz uma denúncia à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, protocolo nº 047/2011, que enviou ofício à Procuradoria Geral do Estado, a fim de habilitar o Ministério Público e também à Procuradoria Geral da Justiça, considerando a existência do Programa “Que História é Essa”, lançado em 2010, que defende o Patrimônio Cultural do Ceará. Fiz minha parte como cidadã consciente, participativa. No dia 08.04.2011, no sábado à noite, aconteceu o ato destruidor, a demolição da Casa de Seu Dirceu”, declara Rosélia.

Foram muitas as manifestações contra tal ato, em prosa e verso, entre depoimentos de entrevistados, pelos meios de comunicação. TV Verdes Mares Cariri, pelo repórter Franzé Sousa.

Em Várzea Alegre, há muito a preservar. Sua cultura é riqueza: forte motivação para preservação e valorização das manifestações culturais, que simbolizam a ação do homem na construção do tempo e sua participação na vida comunitária.

A casa de Dirceu Carvalho Pimpim (foto), arquitetura centenária, tem 133 portas e janelas, piso de mosaicos e sobrado nos fundos. Aliás, os sobrados caracterizam a cidade, Várzea Alegre, referendados em música, pelo compositor Zé Clementino, “Os Contrastes de Várzea-Alegre”, e nos livros de conterrâneos escritores: Maria Eunice Moreno, quando se refere “à guerra em que não morreu um só cristão”, e Zé Ferreira, na descrição da cidade, no início do século XX.

O patrimônio cultural preserva a história e identidade cultural do povo: preservá-lo é recomendável.

Lembram-me as brincadeiras na “Rua da Igreja”, antes do apagar das luzes, às 22h, com o desligamento dos geradores, antes da chegada da energia de Paulo Afonso. As missas celebradas pelo Pe Otávio, em latim, às 5h da manhã, com o sino chamando os fiéis. Pe Argemiro, uma vez ao ano, exibindo filme para a criançada, na parede da casa paroquial, ao lado da casa de “Seu” Dirceu. Os banhos na Lagoa, com cabaças, que serviam de boias.

Dona Santana vendendo alfenim, o cheiro de engenho e a alegria das crianças na palma das mãos. Vendedores com tabuleiros de pirulitos, tijolo de leite, cocada, pão de ló etc. Zé Chato com o jumento atravessando a rua, transportando latas d’água para abastecer residências. Minha primeira escola, Educandário Santa Inês, da Profa. Elisa Gomes Correia, aproximadamente cinco metros da casa amarela de Dirceu de Carvalho Pimpim. A alegria da festa de Nossa Senhora Aparecida, promovida pelo empresário Antônio Temóteo Bezerra (Chagas Bezerra), que disponibiliza ônibus, vindos dos pontos mais distantes dos país, trazendo varzealegrenses, naturalmente em pagamento de promessa alcançada com ajuda da Santa.

Enfim... em cada canto um encanto. Cada um tem um mundo de recordações de cada cantinho da terra natal, nossa identidade cultural. Como diz Almir Sater, cada um constrói a sua própria história. Eu construí a minha, expressa nestas páginas. Registre-se a preocupação em preservar o patrimônio cultural de Várzea Alegre, minha terra (Bezerra, VI Revista da ALMECE, 2010).

Figura 11 – Residência de Dirceu de Carvalho Pimpim.



Fonte: disponível no site: <http://memoriavarzealegrense.blogspot.com.br/>, acessado em 16 de dezembro de 2011.

VÁRZEA ALEGRE E SEUS CONTRASTES

A cidade Várzea Alegre destaca-se pelos inúmeros contrastes, fundamentados na alegria e espontaneidade do povo. O grande precursor da proeza foi o motorista Joaquim Felipe de Souza, Zé Felipe, nome, primeiro contraste. Homem inteligente e bem humorado, conta-se que, em viagens ao sul do país, descrevia a terra natal de forma humorística, deixando espectadores curiosos e encantados com as excentricidades do lugar. Contrastes embasados em fatos reais.

O Padre, casado (O Padre Otávio, antes de ordenar-se, casou-se duas vezes e teve sete filhos. Com a viuvez, voltou ao seminário, onde se fez padre. Procurado na casa paroquial, um fiel quase morre de susto ao lhe informarem que o padre fora deixar os filhos na escola. Calango é o carcereiro (nome: Manuel, que trabalhava na cadeia); Bode é marchante (Raimundo Bodeiro apelidado, abatia os animais no matadouro); Peru é delegado (José Raimundo da Silva, Zé Peru, apelido da família, hoje nome de rua). Em tempos passados, juiz era cargo eminentemente masculino, e a cidade tinha juíza (Aury Moura Costa, posteriormente Desembargadora, casada, com filhos). Alguém do sítio querendo falar com o juiz ouviu como resposta, não poder ele atender pois estava na Maternidade.

“Zé Grande” é um dos anões da vila; Senhor Menininho tinha quase dois metros de altura; Santo Ambrósio é São Raimundo¹⁰ (a imagem de Santo Ambrósio foi venerada como São Raimundo Nonato, durante muitos anos, até que Pe. Otávio providencia a correção). O Prefeito só faz aniversário de quatro em quatro anos (Vicente Honório nasceu no dia 29 de fevereiro); o Cruzeiro é isolado (construído em homenagem à 1ª Missão Popular de Várzea Alegre, no alto do morro); terra do sabido acabrunhado. Segundo Zé Felipe, o varzealegrense é talentoso na música, nos folguedos populares e na voz, mas a timidez inibe a expressão dos talentos, confirma Maria Eunice Diniz Moreno (2004, p. 153). Em três dias

de guerra, não morreu um só cristão (refere-se à disputa política de 1926).

E tem mais contrastes: A porta da igreja matriz é de ferro e a da prisão, de madeira; cadeia na Praça da Liberdade; cabaré, na Rua da Paz. A cafetina mais famosa se chamava Maria Justa e as meretrizes mais perseguidas carregavam nomes que beiravam a santificação: “Santinha”, “Mocinha” e “Das Virgens”. Num dos bares mais importantes da cidade, ocorreu incêndio na geladeira (a gás), dominado pela improvisada brigada de incêndio local, com carbureto. Em Semana Universitária Varzealegrense - SEMUVA, no campeonato de futebol de salão, ganhou o Time do MOBREAL (Programa de governo Movimento Brasileiro para Alfabetização). Anos atrás, o rabeção da polícia, com o preso, trazia a placa de Boa Viagem!

A única pensão, de Joaquim Piau, com peixe no cardápio; sujeito mais feio, Lindoval; cego, da Boa Vista, morreu afogado na Lagoa Seca; Jesus só bebia na bodega de Santos; Chico Segunda Feira, inimigo de Zé Domingo; Pacífico Cordeiro da Paz era o sujeito mais desordeiro da terra; Pureza, afamada, do bordel; Só em Várzea Alegre existe Chico Francisco, Vicente Grande e Zé Pequeno; Antônio Pequeno é o homem mais alto do município; e João Grande, pequeno; Zé Branco é bem pretinho; Dona Felicidade, pedinte; Sr. Joaquim Vermelho, na festa do padroeiro, era do partido azul; o homem mais inteligente da cidade era um português, Antônio Ferreira, nascido em Arcos de Valdevês (Portugal); luz elétrica funcionava durante o dia (motor a diesel, sob o comando de Zé Saldanha, parava de funcionar às 22 horas); Presidente da Associação das Lavadeiras de roupa é homem, Pelé; anjo morre na casa de Jesus; carro de som é de sorvete; homem acidentado no pronto socorro é atendido no hospital; Pe. Vieira foi sepultado no dia em que não se podia celebrar missa – Sábado de Aleluia; Festa de Sábado de Aleluia foi comemorada no Domingo de Páscoa; praça da matriz sem bancos.

Os próprios filhos da terra tiveram a iniciativa de propagar os contrastes criando outros a cada dia. Conta Zé Ferreira que o irmão Joaquim Ferreira, redator do jornal O Globo, em viagem a

Várzea Alegre, escreveu crônicas lidas na amplificadora local. Depois da segunda apresentação, achou a dicção inapropriada para o microfone, fato confirmado por César Ladeira, locutor da Rádio Mayrink Veiga, no Rio de Janeiro, ao dizer que Joaquim Ferreira não tinha voz “radial”. O certo é que, posteriormente, Joaquim Ferreira se fez comentarista da BBC de Londres (British Broadcasting Corporation), a mais importante e potente emissora do mundo, lendo suas crônicas para todo o Brasil. Com certeza, evidente contraste, admite o escritor conterrâneo (1985, p.107).

José Clementino do Nascimento Sobrinho, inspirado na figura de Zé Felipe e comentários do povo, tornou-se renomado com a música “Os contrastes de Várzea Alegre”, gravada pelo Rei do Baião Luiz Gonzaga. Vale ressaltar que Zé Clementino teve outras composições gravadas por artistas de grupos e cantores de renome, Trio Nordestino, Messias Holanda e Zé Nilton, Dominginhos, entre outros: xote dos cabeludos, capim novo, chinelo de Rosinha, sou do banco, jumento, nosso irmão (Borges, 2005, p.10) são composições de José Clementino.

Letra da Musica “Os Contrastes de Várzea Alegre”
Por José Clementino do Nascimento Sobrinho

Mas diga, moço, de onde você é?
Eu sou da terra que de mastruz se faz café.

Meu amigo, eu sou da terra
De Zé Felipe afamado,
Onde o bode era marchante
E Jesus foi intimado.

Sou da terra do arroz,
Do sabido acabrunhado,
Do calango carcereiro.
Meu amigo eu sou da terra
Que o peru foi delegado.

Meu amigo, eu sou da terra,
Onde o sobrado é no oitão
Houve três anos de guerra,
Não morreu um só cristão,

Onde o eleitor amigo,
pra votar não faz questão,
Elegeram pra prefeito
Numa só semana,
Quatro nobres cidadãos.

Meu amigo, em minha terra,
Já pegou fogo no gelo,
Apagaram com carbureto,
Foi o maior desmantelo.

São Brás lá é São Raimundo.
Festeja-se com muito zelo.
O prefeito completava idade,
Era de quatro em quatro anos.
E nunca penteou o cabelo.

Meu amigo, eu sou da terra
Em que o padre era casado.
Enviuvou duas vezes
E depois foi ordenado.

Ainda hoje reza missa.
Os filhos já estão criados.
O juiz era uma mulher.
Meu amigo, eu sou da terra
Onde o cruzeiro é isolado.

Mas diga, moço, de onde você é?
Eu sou da terra que de mastruz se faz café.

Fonte: extraída do site: <https://www.vagalume.com.br/luiz-gonzaga/contrastes-de-varzea-alegre.html>
acessado em 15 de outubro de 2015.

PADRE E SEUS FILHOS

Na terra de nascimento, fincam-se raízes e constrói-se história de vida. Nossa aldeia nos faz ver o mundo de uma forma particular, única. Fernando Pessoa (cognome Alberto Caeiro), em “O Guardador de Rebanhos”¹⁰, expressa-se:

DA MINHA ALDEIA vejo quando da terra se pode ver no Universo... Por isso a minha aldeia é grande como outra qualquer. Porque eu sou do tamanho do que vejo. E não do tamanho da minha altura (FERNANDO PESSOA, 1914)...

DA MINHA ALDEIA, conheci o Pe José Otávio de Andrade, que merece destaque pela vida, indiscutivelmente, *sui generis*. Declara Silveira:

Nascido em 25 de maio de 1896, no Sítio Araras, no município de Arneiroz, região dos Inhamuns, era filho de Maria Pastora de Andrade e Antônio Cristiano de Andrade¹ (Silveira, 2004, p.244).

O Senhor Antônio Cristiano de Andrade tinha um sonho: um filho padre que, por sua vez, sonhava ser cidadão comum, casar e ter filhos. Em atenção ao desejo do pai, chegou ao seminário, em Fortaleza, aos 17 anos, retornando, quatro anos depois, para casamento com Andradina, nome dado a uma das filhas. Na foto datada de 1948¹¹, veem-se, da esquerda para direita, alguns filhos: Messina de Andrade com esposo Luiz Proto de Moraes e o filho Ítalo, o próprio Padre Otávio, Padre José Wilson, Andradina, entre varzealegrenses.

Decalrou Silveira:

...a difícil tarefa de criar filhos motivou-o ao casamento pela segunda vez, com Mariana Mota, e, aos

¹⁰ Extraído do site: <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/resumos-de-livros/o-guardador-de-rebanhos.html>, acessado em 11 de julho de 2010 .

¹¹ Foto datada de 1948: Filhos de Pe José Otávio e netos aparecem: Messina de Andrade, Padre José Wilson e Andradina. O genro do Padre Otávio, Luiz Proto de Moraes nasceu em 18.04.1921 e faleceu em 10.07.1994 (figura 12).

33 anos, enfrenta segunda viuvez. Ficou com sete filhos para criar. De volta ao seminário no Crato, em 30 de dezembro de 1934, ordenou-se, celebrou o casamento da filha Messina Andrade com Luiz Proto de Moraes, em 1943, batizou seis netos e assistiu à ordenação do próprio filho, Pe Wilson de Andrade, como também a primeira missa celebrada. É realmente uma experiência pioneira no Brasil. Somente 24 anos depois, em 6 de maio de 1967, o engenheiro Afonso Lopes Freire, diácono da igreja católica, veio a celebrar o casamento da filha, na Basílica de Nazaré, em Belém do Pará” (Silveira, 2004, p.479).

Ao longo dos anos, em Várzea Alegre, Pe Otávio se fez respeitar diante dos habitantes. Em 1969, com a saúde fragilizada, pede ao bispo substituto que, nesse mesmo ano, chega a Várzea Alegre, Pe José Mota Mendes, permanecendo até agora.

O Pe Otávio faleceu no Hospital Português, em Recife, em 10 de dezembro de 1972, sepultado em Várzea Alegre, no dia seguinte (Pinheiro, 2008).

Padre José Mota Mendes também merece respeito. Com ele, a religiosidade do varzealegrense continua muito forte, demonstrada especialmente na festa do padroeiro, São Raimundo Nonato, de 21 a 31 de agosto, anualmente celebrada.

Figura 12.



Fonte: extraída do site: memoriavarzealegrense.blogspot.com/p/blog-page.html, acessado em 12 de dezembro de 2013.

REDES DA MINHA TERRA

A história das redes varzealegrenses começa com *Natércio Vicente de Andrade*, nascido em 15 de novembro de 1923. Matrimoniou-se com Maria Rodrigues de Andrade (Dona Mocinha), ambos nascidos na cidade de São Bento-PB. Em 1949, o casal veio residir em Várzea Alegre, já trazendo quatro dos doze filhos: Cícero, Maria das Neves, Maésia, Manoel, Cândida (Fátima), Dalva, Eudinha, Nally (in memoriam), Solange, Naheston, Vicente (In Memoriam), José Neto (In Memoriam), todos com sobrenome Rodrigues Andrade.

Ao chegar à cidade, com cinco tias, Titica, Sulina, Quininha, Maria e Mariquinha, Natércio deu início à produção de redes, primeiras em tear artesanal, numa casa situada na Rua José Alves Ribeiro, bairro Alto da Prefeitura. Colocava os teares e fazia fios em frente à própria casa, no meio da rua: uma rede por dia. Em 1954, mudou-se para casa na Rua José Correia Sobrinho, Nº 139, por trás da Igreja Matriz (hoje preservada pela família), onde ocupou um dos quartos com os teares, e continuou a fiar.

Na década de 60, *Raimundo Leandro e Raquel Soares Correia* deram continuidade ao comércio de redes. O casal, nascido em 29.09.1916 e 27.01.1923 respectivamente, com ajuda da prestimosa Francisca Barros da Silva, carinhosamente chamada Chica (nascida em 15.05.1939), dava início a novo empreendimento em família. Passaram a pesquisar os elementos adequados para tornar a rede mais bela e confortável. Dava-se início à confecção de novo modelo: “redes sol a sol”, de brim, em cores fortes e alegres, com varandas trabalhadas em crochê, que conquistavam a todos pela beleza, criatividade e conforto. Hoje, têm-se redes para descanso, decoração, com varandas de labirintos, filé, bordados e com bolsos para maior comodidade, onde se podem colocar revistas, celulares e objetos pessoais.

A arte de confeccionar redes influencia os filhos, destacando-se Maria Onézia Correia, hoje membro da BPW - Associação de

Mulheres de Negócios e Profissionais, entidade não governamental, sem fins lucrativos, presente em mais de cem países, fundada em 1930, na Suíça, pela Dra. Lena Madésin Philips, com sede em Nova York, implantada no Brasil, em 1987, como Federação. Por meio da Associação, a talentosa Onézia divulga legado deixado pelos pais: arte de transformar rede mais simples em belíssima obra de arte.

As redes, cuidadosamente trabalhadas e criadas em Várzea Alegre, encantam o mundo. O sucesso do artesanato vem ultrapassando limites territoriais e conquistando admiradores no Brasil e no exterior. Com as irmãs Cileide, Ceilda e Rosinha e a integração delas na Associação Comunitária do Sítio Mocotó, o trabalho de confecção artesanal de redes de dormir ganha notoriedade e, como consequência, veio à cena a história de superação das irmãs, com deficiência física congênita, em jornais, revistas de renome, e em material de divulgação de redes associativistas. Em 2006, Cileide (in memoriam) ganhou pelo SEBRAE o Premio de Mulher Empreendedora do Ceará, e, no Brasil, o 3º lugar. Em 2007, representou o Brasil no México, como artesã brasileira no ramo de confecção de redes. Infelizmente, Francisca Miguel Sobrinha (Cileide) faleceu na noite do dia 29 de fevereiro de 2012, aos 48 anos.

A produção do artesanato do Sítio Mocotó é vanguardista na área de redes. Em setembro 2013, a Associação Comunitária do Mocotó participa de exposição, realizada na sede da ONU – Organização das Nações Unidas, em Nova York, nos Estados Unidos. A exposição, que se chamará “Mulher Artesã Brasileira”, vem sendo articulada pela Associação Brasileira de Exposição de Artesanato (ABEXA), com patrocínio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), apoio do Instituto Centro Cape, da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX – Brasil) e da Secretaria da Micro e Pequena Empresa da Presidência. Foram selecionadas mulheres artesãs de várias partes do Brasil. A representante de Várzea Alegre e do Ceará será Maria Miguel de Oliveira (Rosinha).

TRANSPORTE VARZEALEGRENSE (DO PAU-DE-ARARA AO AVIÃO)

A história do transporte varzealegrense inicia com José Odmar Correia, agricultor, coletor de rendas, vice-prefeito, vereador e empresário, que faz o transporte coletivo no trecho Várzea Alegre - Fortaleza, no ano de 1951, em carro de sua propriedade, viagem de dois dias.

Na história do transporte rodoviário do nordeste brasileiro, consta, obrigatoriamente, entre os precursores, Antônio Temóteo Bezerra, conhecido Chagas Bezerra. De acordo com Luzimário Temóteo Bezerra, filho, a empresa começou em 1945, em Várzea Alegre, com carro “pau-de-arara”. Várias pessoas viajavam na carroceria, com adaptação de tábuas compridas que serviam como assentos. Em viagem em direção a São Paulo, Chagas Bezerra dizia à esposa, Ideltrudes Matias Bezerra: “Adeus” e não “até logo”, tão inóspitas eram as estradas e prolongada a viagem, com demora entre 20 e 30 dias.

Desbravando estradas, na maioria, de barro e piçarra, conquista regiões do Ceará, Piauí, Pernambuco e São Paulo fazendo linhas de Crato a Teresina, Floriano, Rio, São Paulo, Iguatu, Juazeiro e Várzea-Alegre. Em 1949, adquire o primeiro ônibus, Ford, para a empresa, em 1954, “*Viação Varzealegrense*”, uma das maiores empresas do nordeste.

Chagas Bezerra deixa marcos por onde passa, comprovam-nos depoimentos de pessoas que o conheceram. O empresário Luiz Carlos Correia, filho de Otacílio Correia, diz que, quando criança, assistiu à partida de varzealegrenses para SP. “Lembro quando alguém perguntou ao Sr Chagas se não estava se “astrevendo”, uma vez que iria comprar mais ônibus para aumentar a frota”. E ouviu em resposta: Meu filho, não se preocupe. Eu levo os iludidos e trago os arrependidos.

A Viação Varzealegrense faz parte da história do povo; do migrante para o sul do país, no início do chamado milagre brasi-

leiro. Vendida a empresa para *Gontijo*, em 1983, houve protestos, pois os conterrâneos queriam ver divulgado pelo Brasil afora o nome da cidade.

Na década de 70, partiam mensalmente dezenas de pessoas de Várzea-Alegre para São Paulo, especialmente, para São Bernardo do Campo. Zezito Bezerra, em sociedade com Paulo Leonardo e Ozório Ribeiro, funda a *Expresso Real Caririense* que, por muito tempo, fez o transporte de pessoas para o sul do país.

Registrem-se os empresários Raimundo e Manuel Ferreira (nascidos em 06.03.1931 e 16.09.1922 respectivamente), irmãos, filhos do português radicado em Várzea Alegre, Antônio Ferreira, casado com Metilde Correia Lima Ferreira. Em 1954, Raimundo transfere-se para o Crato. Sob a proteção de Juscelino Kubitschek, funda, em Cajazeiras, sua própria firma, *Viação Brasília*, na linha Cajazeiras-São Paulo.

Em 1963, os irmãos Raimundo e Manuel foram para São Paulo e lançaram-se no ramo de transporte coletivo. Raimundo Ferreira retorna ao Crato em 1971, comprando as empresas Varzealegrense e *Rápido Cariri* (São Paulo, Rio e Terezina). Em 1974 adquire a Empresa *Rápido Juazeiro*, Juazeiro-Fortaleza. Estava fundado o Grupo Empresarial Raimundo Ferreira. Em 1983, vendida a Empresa Varzealegrense à *Gontijo*, de Belo Horizonte, permuta a linha Patos-São Paulo, da *Viação Brasília*, com a da *Viação Rio Negro*, Crato-Fortaleza, Fortaleza-Salgueiro. E assim foi detentor exclusivo dos transportes de passageiros da zona sul.

Manoel Vicente da Silva (seu Totô) nasceu em Exu-PE e veio para Várzea Alegre em 1930, onde conheceu Vicência Soares, com quem casou e constituiu família. No transporte coletivo explora a linha de ônibus de Várzea Alegre- Crato, via Caririaçu e Juazeiro do Norte. No dia 19 de maio de 1969, recebe do DAER – Departamento Autônomo de Estradas e Rodagens, a concessão de serviços de transportes coletivos de Várzea Alegre, prologando o percurso das linhas para Iguatu via Caipu. No dia 07 de outubro de 1969, o Inspetor da Polícia Rodoviária, Sr. José Brasil de Matos, entrega-lhe ordem da linha Mangabeira - Várzea Alegre – Iguatu e vice versa.

Luís Otacílio Correia nasceu em 29 de março de 1917, no Sítio Itaúna, município de Cedro, filho de Joaquim Vieira de Oliveira (Quinco Honório) e Constância Correia Oliveira. Cresceu em Várzea Alegre, onde fez amigos e contraiu matrimônio com a senhora Rosa Amélia Correia Diniz, com quem teve seis filhos: Maria Lúcia Correia Diniz (in memoriam), José Wyron Correia Diniz, Luiz Carlos Correia Diniz, Antônia Ednólia Correia Cordeiro, Joaquim Honório Neto e Luiz Helder Correia Diniz.

Vereador em Várzea Alegre, por quatro legislaturas (de 1947 a 1959), assume Cadeira na Câmara Estadual de Deputados, nos períodos de 1978 a 1982 e de 1983 a 1987. Paralela à vida política, o empresário implanta, em 1965, a Empresa de Transportes Mudanças Confiança e Transportes Ltda, que atua, há 43 anos, em transporte de mudanças locais, nacionais e internacionais, contando com frota própria de mais de 300 veículos, entre vans, caminhões, carretas, pranchas, *muncks*, guindastes, etc. Otacílio Correia também funda, em 1989, a Empresa Confitur Viagens e Turismo Ltda.

Todos eles deixaram marcas nas estradas da vida e abriram os caminhos de hoje em dia.

A CONTADORA DE HISTÓRIAS INFANTIS

Fränzina, pequena, aproximadamente 1m e 45 cm de altura, ela marcou a vida de muitas crianças, na década de 60. Acometida pela cegueira, usava bengala, conduzida pela neta, Inês. Os cabelos grisalhos, poucos fios, lhe deixavam à mostra parte do couro cabeludo. O grampo ou pente-travessa escorregava facilmente. Poucos cabelos e nenhuma denteição. Os vestidos tinham dois grandes bolsos, um de cada lado, golas bem cortadas, talvez, um pouco maiores que o necessário. O estilo era o mesmo para todas, costumava variar, talvez, o tom.

Pinta Pereira da Silva era meiga contadora de histórias infantis. Hospedava-se na casa de Mariinha de Pedro Preto (Mãe Café) e Pedro Pereira da Silva, nas proximidades de minha residência. Mais do que o conteúdo das histórias contadas, importava a pessoa. O nome, uma excentricidade, e sua doçura nos encantavam.

Isa Pereira da Silva Nascimento, filha do casal supracitado, e José Matias Filho eram pais de Lincoli Matias Filho, Francisco Matias Filho, Luiz Pereira Matias, Flávio Pereira Matias, Marcone Euder Matias e Lucilan Pereira Matias. Contenha a curiosidade para entender por que José Matias Filho era pai de Lincoli Matias Filho e Francisco Matias Filho pois filhos da mesma mãe, a proprietária do “Café de Isa”, senhora que impunha muito respeito. Não há surpreender das excentricidades, pois falo da terra dos contrastes – Várzea Alegre.

Pinta Pereira da Silva, irmã de Pedro Pereira da Silva, talvez 70 anos, costumava passar dias na casa de Isa, onde cantava para a criançada música, quem sabe, aprendida com antepassados:

Eu não gosto de nego, oh Charuto,
Nem que seja meu parente, oh Charuto,
Nego tem a moda ruim,
de fazer vergonha a gente, oh Charuto

Não rode assim, oh Charuto,
Não rode assim berimbau,
A roda é grande parafuso,
Perna de pau berimbau

O conteúdo da cantiga, me parece, faz referência à prática da capoeira, nos períodos colonial e imperial, quando o trabalho escravo foi considerado um instrumento para o desenvolvimento da economia da então colônia portuguesa? O código civil brasileiro chegou a considerar contravenção, com os praticantes sujeitos a penalidades que variavam de dois a seis meses de detenção.

A rua era ponto de encontro da criançada. Não havia luz elétrica, TV ou computador. Por isso a contação de história era tão importante como lazer. Um parque infantil só veio aparecer em 1963, localizado na Praça Antônio Costa, em frente ao Café de Mariinha de Pedro Preto, onde se degustava o melhor doce de leite possível neste mundo.

Naquela época, não era comum meninos e meninas nas mesmas brincadeiras. A bola de meia, arapuca, peteca de palha de milho, bila (bolas de gude), pião feitos de madeira e dinheiro de carteiras de cigarro vazias distraíam os meninos, que atiravam de baladeira ou bodoque, derrubando sabugos, garrafas, latas e o que encontrassem pela frente.

As meninas brincavam de cozinhar guisado, arrumar a casinha de boneca de pano e costurar-lhe as roupas. Brincadeira de rua: esconde-esconde, toca, coité-coitim, rodas, lagarta pintada, três-três-passarão e tantas outras.

A venda de palito de fósforo valia entrada no circo ou teatro: nós mesmos, os artistas. Às vezes, pagava-se o espetáculo com dinheiro feito das carteiras de cigarro vazias.

De modo geral, as brincadeiras primavam pelas interações sociais e criatividade. Estávamos distantes dos jogos eletrônicos de hoje.

A luz, gerada pelo motor a diesel, apagava-se às 22h. A cidade dormia. A televisão só veio aparecer em 1969, imagem preta e branca.

Esta é uma oportunidade de registrar hábitos e costumes do tempo que ficou para trás, mas permanece vivo, na lembrança de uma infância feliz, cheia de paz e alegria!

Que as novas gerações possam apreciar esta escritura, observando as mudanças no tempo!

A CALÇADA

A calçada me transporta, entre outras coisas, à minha infância. As fábulas de Esopo foram contadas por meu pai, normalmente antes do anoitecer, entre um cumprimento e outro dos que iam e vinham pela rua de pedras, paralelepípedos. As amigas iam chegando, fazendo crescer o grupo sentado ao chão, em torno da sua cadeira de balanço.

Algumas fábulas, a exemplo de “o menino, o velho e o burro”, eram repetidas inúmeras vezes. Quando solicitada, meu pai dizia: “mas essa eu já contei”. E ouvia a réplica: “conta uma vez mais, conta de novo”. E ele, pacientemente, ia repetindo as histórias para atender a plateia. E, assim, assimilavam-se os ensinamentos do fabulista grego, nascido pelo ano de 620 a.C.

Ignora-se o lugar do nascimento de Esopo. Alguns dizem ter sido Samos ou Sardes, enquanto Aristófanes o supôs filho de Atenas. Segundo o historiador Heródoto, Esopo teria nascido na Frígia e trabalhava como escravo em uma casa. Há detalhes atribuídos à sua biografia cuja veracidade não se pode comprovar: seria corcunda e gago, protegido do rei Cresos.

Esopo teria sido condenado à morte depois de falsa acusação de sacrilégio, ou talvez, porque os habitantes de Delfos estivessem irritados com suas zombarias. Ou será porque suspeitassem de que Esopo teria a intenção de ficar com o dinheiro que Cresos lhes tinha destinado?

Esopo não deixou nada escrito. As fábulas que lhe são atribuídas pela tradição foram encontradas, pela primeira vez, por Demétrio de Falera, por volta de 325 a.C.

Antes do advento da impressão, as fábulas eram ilustradas em louça, em manuscritos e até em tecidos. Discute-se a sua existência real. Levanta-se a possibilidade de serem uma compilação ditada pela sabedoria popular da antiga Grécia. Seja lá como for, o que é realmente importante é a imortalidade da obra atribuída a

Esopo e perpetuada no século XX, por meu pai, Manoel Gonçalves de Lemos. O teor educativo das fábulas, com certeza, possibilita bons e produtivos diálogos. De forma lúdica e agradável, preparávamo-nos para a vida e mais uma noite de sono e de sonhos.

No dia da foto acima, meus tios, Alfredo e João Gonçalves de Lemos, contaram muitas histórias e estórias que me arrancaram risos. Fizeram-me sentir que havia uma quarta cadeira na calçada, a de meu pai, que, há anos, partiu (em 09.04.2001) para outra dimensão, deixando saudades e a lembrança gostosa de como é bom uma cadeira de balanço na calçada.

A VIZINHA FRANCY

Durante a primeira metade do século XX, psicólogos acreditavam que demonstrar afeto pelas crianças era apenas um gesto sentimental, sem maiores consequências. Até então, estavam motivados a provar a psicologia como ciência. O movimento *behaviorista* dominou pesquisadores que vinham investigando apenas comportamentos observáveis e mensuráveis. Até que o psicólogo americano Harry Harlow tornou-se interessado em estudar tema que não era tão fácil de quantificar e medir: o amor.

Numa série de experimentos controversos, nos anos 60, Harlow demonstrou o poderoso efeito do amor materno para o desenvolvimento infantil saudável. Mostrando o devastador efeito da privação do afeto da mãe em macacos Rhesus jovens, ele revelou a importância do amor e, assim, descobriu verdades fundamentais que têm influenciado nossa compreensão do desenvolvimento da criança.

Muitas das atuais teorias do amor concentram-se na ideia de que o vínculo, entre a mãe e a criança, é meramente para suprir a criança de alimento, aliviar-lhe a sede e evitar a dor. Harlow, no entanto, acreditava ser uma explicação insuficiente. Através do experimento - *A Experiência da mãe de arame*¹², ele demonstrou que a afetividade é fator importante no desenvolvimento infantil.

O mais famoso experimento de Harlow: remoção de macacos Rhesus das mães naturais, algumas horas após o nascimento, para serem criados por mães substitutas. Aos filhotes foi-lhes dada a chance de escolha entre “mães” diferentes: uma feita de tecido felpudo macio, sem fornecer qualquer alimento. A outra, feita de arame, que os provinha de alimentos pela mamadeira. Os resultados mostraram que o filhote de macaco gastou, significativamente, mais tempo com a mãe de pano do que com a de arame. Dados evidenciam que “*o contato de acolhimento é uma variável de enorme importância no desenvolvimento da afetividade, enquanto o*

¹² Harlow, Harry. The Nature of Love. *American Psychologist*, 13, 673-685, 1958.

aleitamento é uma variável de importância negligenciável”, explicou Harlow (1958).

Em experimento posterior, Harlow demonstrou que macacos jovens buscavam a mãe de pano para conforto e segurança. Em estranha situação, semelhante à criada pela pesquisadora Mary Ainsworth, Harlow permitiu aos jovens macacos explorar uma sala na presença da mãe e na ausência. Retirada a mãe substituta da sala, o efeito foi dramático: Os jovens macacos não tinham segurança de base para explorar o espaço, e, muitas vezes, até congelavam, gritavam e choravam pois tinham *medo*, porque lhes faltava *segurança e afeto*.

O impacto de Harlow, na investigação, ofereceu prova irrefutável de que *o amor é vital para o desenvolvimento infantil normal*. Experiências do cientista revelaram, a longo prazo, a devastação causada pela privação do amor, o que resultou em problemas psicológicos e emocionais profundos, até mesmo na morte. O trabalho de Harlow, bem como a importante investigação dos psicólogos John Bowlby e Mary Ainsworth ajudaram a influenciar as principais mudanças na forma como orfanatos, agências de adoção, serviços sociais e grupos prestadores de cuidados infantis abordavam os cuidados com as crianças.

Enquanto o trabalho do psicólogo americano o levou à aclamação e gerou riqueza na investigação sobre amor, carinho e relações interpessoais, o desmoronamento da própria vida pessoal veio confirmar a descoberta. O declínio começou após doença terminal da esposa, quando, tomado pelo alcoolismo e depressão, afastou-se dos próprios filhos. Colegas frequentemente o descreviam como sarcástico, malandro, chauvinista e cruel. Mas o legado de Harlow reforçou a importância do apoio emocional, carinho e amor na vida das pessoas.

Sinto admiração pela descoberta de Harry Harlow, especialmente pela oportunidade que me fornece de fazer referência e agradecimento a minha vizinha Francys, Francisca Menezes Costa, que teve enorme importância na minha vida. Ela *ofereceu-me segurança, afeto e manteve-me assim afastada dos medos* comuns à maioria dos mortais. Costumava cortar meus cabelos, ruivos e

cacheados, durante a infância. Não o fazia por interesse financeiro, mas por carinho. Na adolescência, opinava e, às vezes, até costurava-me as roupas. Na idade adulta, quando minha mãe já não mais residia em Várzea Alegre, ela acolhia-me em seu coração como mãe acolhe filha que ama. Sempre fui dinâmica, cheia de ocupações, o que, muitas vezes, me mantinha ausente de casa, enquanto ela, vez por outra, vinha bater à minha porta, para saber se eu precisava de alguma coisa, se já havia tomado o café, almoçado ou jantado. Francy foi para mim a mãe de pano, tão importante, conforme atesta o cientista Harlow!

Dona Francy faleceu em 03.02.2012, aos 78 anos, na Rua Duque de Caxias, nº 24, em Várzea Alegre. Nossa despedida foi em Recife, onde se tratava do câncer. Eu a vi pela última vez lendo o livro *Fragmentos para a História de Várzea Alegre* (BEZERRA, 2011), com certeza, recordando parte de nossa vida no mesmo lugarejo.

Demorei a registrar o ADEUS, é verdade. Faltaram-me palavras. Só agora consigo dizer o quanto a amei e ainda a amo. O marido João Costa se foi bem antes dela. Minha cidade está cinza, a cor da tristeza, pois ainda chora essas ausências. Meu coração desbotado. Foi-se embora um exemplo de amizade duradoura, sabedoria, bom humor, inteligência, habilidade manual e sinceridade. Vizinhos inesquecíveis, vizinhança de mais de 50 anos. O casal deixou os filhos, irmãos na afetividade: José Alves Costa Neto, João Menezes e Fabiana.

A HUMANISTA PAULA COSTA

No final do século XV, a Europa passava por grandes mudanças, provocadas por invenções como a bússola, pela expansão marítima que incrementou a indústria naval e o desenvolvimento do comércio com a substituição da economia de subsistência, levando a agricultura a se tornar mais intensiva e regular. Deu-se o crescimento urbano, especialmente das cidades portuárias, o florescimento de pequenas indústrias e todas as demais mudanças econômicas provenientes do Mercantilismo, inclusive o surgimento da burguesia.

Todas as alterações foram agilizadas com o surgimento dos humanistas, estudiosos da cultura clássica antiga.

O termo humanismo, em sentido histórico, refere-se ao movimento de cisão dos valores medievais, no período do Renascimento. A ênfase anteriormente dada à divindade, à tradição teocêntrica passou progressivamente ao reconhecimento do ser humano como elemento central no mundo. O indivíduo foi posto em lugar de possibilidades de escolhas, de atuação e transformação da realidade. A tradição teocêntrica é substituída pela emergência de um novo modo de pensar e explicar o próprio destino, frente às crises das transformações da sociedade europeia da época, século XV.

As mudanças, na consciência popular, aliadas ao fortalecimento da burguesia, graças à intensificação das atividades agrícolas, industriais e comerciais, foram, lenta e gradativamente, minando a estrutura e o espírito medievais. Sobretudo o homem percebe-se capaz, importante e agente, acreditando-se dotado de “livre arbítrio”, isto é, capacidade de decisão sobre a própria vida, não mais determinada por Deus. Afasta-se do teocentrismo, assumindo, lentamente, comportamento baseado no antropocentrismo, que implica profundas transformações culturais. De uma postura religiosa e mística, o homem passa gradativamente a uma posição racionalista

O Humanismo funciona como um período de transição entre duas posturas, em que ocorreram grandes mudanças, no âmbito econômico e cultural, abrangendo todas as esferas da vida em sociedade, com a emergência de novas concepções científicas e políticas que inauguraram o início da era moderna.

Num registro de pessoas que contribuíram para o desenvolvimento político-social-cultural de Várzea Alegre-CE encontra-se a humanista Paula Francinette Costa, espécie de estilista de moda, relações públicas talentosa e embaixadora da alegria.

Nascida em Várzea Alegre, em 06.02.1935, filha de José Alves Costa e Raimunda Bitu Costa (Didinha), veio de uma prole de dez filhos: Maria Dilma, Toinho, Joãozinho, Linda (Irmã Sara), Socorrinha, Raimundo, Risomar, Rita de Cássia e Laís Iolanda. Avós paternos: Maria Linda do Amor Divino (Mariinha) e João Alves da Costa, moradores no Sítio São Cosme; Avós maternos: Antônio Alves Feitosa Bitu e Maria Madalena Bitu, residentes no Sítio Sanharol.

Criança, Paula costumava viajar para a casa dos avós. Aliás, viajar era uma de suas predileções, que levou para a vida adulta. Certa feita, de São Paulo, retornou seis meses depois, decisão que lhe garantiu o carinhoso cognome de “Paulista”. Em visita a Dona Otília, no Crato, para prova de vestido, demorou quatro meses. Em Gramado-RS, onde passamos a virada do ano 2007 para 2008, Paula planejava o carnaval de Olinda, onde encontraria a grande amiga Francinete Batista Moreno, e Semana Santa em Várzea Alegre.

Característica marcante era a elegância. Prezava pela aparência. Sempre bem vestida e alinhada, usava, regularmente, meias finas e sapatos altos. Os cuidados com os cabelos eram constantes. Embora cortados bem curtos, semanalmente, ia ao cabeleireiro. Caminhava elegantemente, de cabeça erguida. Usava roupas bem cortadas, às vezes, feitas por costureiras que eram também boas amigas: Zaíra Teixeira, Áurea, Mirian Leite... etc. Adorava ver as pessoas bem vestidas, opinando sobre o que lhes caía bem: uma espécie de estilista. Lançou a moda da minissaia em Várzea Alegre, fazendo desfile - “As Moderninhas 67” - que marcou época.

Até os jornais da capital noticiaram o evento. Desfilaram naquele ano: Francisca Isle Viana, Linda Lemos, Cândida Andrade (Fátima de Natércio), Lilá Leal, Joemira Martins, Ênia Maria Pinheiro, Mundinha Menezes (Mundinha de Dolores), Onete de Raimundo Leandro, Juraci de “Seu” Totô, Neide Melo, entre tantas outras.

Em determinado dia, Paula Costa, muito religiosa, assumiu-se em lugar de possibilidades de escolhas, de atuação e transformação da realidade. Depois de perder a mãe, despertou para a importância de continuar os estudos e resolveu mudar-se para Fortaleza. Rompendo paradigmas, a elegante mulher, filha de fazendeiro rico, passou a morar em pensionato de estudantes e enfrentou vestibular, em idade madura. Muitos episódios engraçados registram sua fase de estudante. Tinha uma diversidade de professores de idades as mais variadas. Por exemplo, Inácio Cortez Neto, a quem remunerava com latas de leite condensado. Recebia caixas de merendas vindas de Várzea Alegre, carinhosamente organizadas pela irmã Lolandinha, como a chamava. Determinada e perseverante, graduou-se em administração, na UNIFOR, tendo como colegas: Aparecida Cabral (Assessora da ex-primeira dama Miriam Mota), Moema Bezerra (filha do governador Aduato Bezerra), o empresário Ednardo Montenegro, proprietário das Lojas Pirineus, entre tantos outros, de quem costumava falar com carinho.

Sempre bem vestida para onde quer que fosse. Para a faculdade não seria diferente. Uma vez, revelara: vou chique para a faculdade, às vezes, digo aos colegas que me visto assim jeito porque tenho um compromisso depois da aula. Balela! Era chique porque podia e sabia ser. Não ia a lugar algum depois da aula.

Há muito a dizer sobre Paula, especialmente, sobre sua marcante personalidade. Com facilidade para fazer amizades, costumava conversar com crianças ou adultos, conhecidos ou estranhos e assim ia curtindo a vida. Circulava entre gerações de forma confortável. Tinha amigos pais, filhos e netos e sabia conservar as amizades com maestria, valorizando cada pessoa como única.

Funcionária do IPEC – Instituto de Previdência do Estado do Ceará, ali fez muitos amigos. Dr. Edval Távora, Dr. Citó, nomes

presentes nas conversas, fez muitos favores, facilitando consulta ali e acolá, para quem a procurasse.

Tinha a capacidade de enxergar grandeza e beleza na simplicidade das coisas: arranjo de plantas de Dona Alaíde, animais, alimentos, peça de decoração como porta-retrato com a foto de sobrinho, a lua, uma gota de orvalho... enfim, curtia a vida de forma plena. Demonstrava ter preocupação com a vida e o compromisso de fazê-la significativa por meio de melhor compreensão de nossa história, nossas realizações culturais e da perspectiva daqueles que diferem de nós. Fenomenal Paulinha!

Sempre bem-humorada, sei que está dançando e dando risadas no céu, contando os mais variados episódios: jantar no governo de Collor de Melo, com o plano cruzado; algo que aconteceu na festa de agosto; visita a Rita Valdeliz Correia; prosa com a amiga Zenaide Batista ou Ilka Bitu Moreno; notícia de compra de cadeira para assistir à novena de São Raimundo Nonato ou de que viu uma flor no jardim, enfim, deve estar alegremente cantando um hino qualquer de louvor à vida!

E a banda parou para vê-la passar, irradiando alegria pelas lembranças deixadas, e deixando saudades aos quatro cantos que encantou, cantando coisas de amor...

Ao partir, em 13.02.2009, deixou muitas saudades, pois levou consigo parte da alegria das festas. Faleceu no Hospital do Câncer, em Fortaleza, velada na funerária “Ternura”, sepultada em Várzea Alegre.

Não sei se fui capaz de dizer o suficiente sobre a prima amiga. Certamente, não... Paulinha não avisou aos familiares e amigos que estava doente, com CA de mama. Quis nos poupar do sofrimento? Talvez, quem sabe...?

PRÁTICA DA MEDICINA EM VÁRZEA ALEGRE, NA DÉCADA DE 40

Figura 13 – Manoel Gonçalves de Lemos.



Fonte: arquivo particular da autora.

Como nos municípios do interior do estado, a saúde do povo, em Várzea Alegre, foi cuidada por parteiras (Antônia Maria de Moraes, conhecida por Antônia Cabeleira), tratadeiras (Raimunda Cabelão-Amum), rezadeiras e curandeiros (Emídio da Charneca), além de farmacêuticos: Jorge e Adelina Siebra, Francisco Correia Lima e Manoel Tomaz de Aquino (Hamilton Correia e “Seu” Nelim) que faziam as vezes de médico, uma vez que profissionais com formação acadêmica eram poucos ou inexistentes na época. “Muito cordão umbilical foi cortado e recebeu sarro de cachimbo pelos dedos da parteira, para facilitar a cicatrização. O culumin era jogado no telhado da casa para dar sorte ao recém-nascido, ritual que se repetia à perda dos dentes de leite. As mães, 30 dias de resguardo, comendo galinha gorda com pirão e tomando Água Inglesa de Granada.”

Dr. Leandro Correia, 1915, foi o primeiro médico da Cidade. Registre-se: homem culto e educado, com habilidade notável para o desenho. Retratista, com material comum: apenas lápis e papel. Em seguida, Dr. Raimundo Siebra, com trabalho temporário. Depois, José Ferreira, 1936, que fixa residência em Recife-PE e finalmente

Dr. Lemos, que chega em 1946, constitui família e fixa residência, aí vivendo cinco décadas. Os doutores, familiarizados com o Código Internacional das Doenças – CID, necessitavam conhecer o Código de Doenças dos Municípios do Interior Cearense – CDMIC pois, com certeza, ouviram queixas de pacientes expressas desta forma: espinhela caída, dor nos quartos, pé disminto, moleira mole, quebranto, tosse de cachorro, dor no estombo, farnizim (gastura, mal-estar), passamento, cachingar (mancar), frieira, cobreiro de pé, pereba, curuba (escabiose), remela no zói, dordói (conjuntivite), gastura, maria preta (furúnculo), tersol (inchaço na pálpebra), dor no pé da barrega, dor de viado, bode (menstruação), impinge, pano branco, deu a pilora (desmaiou), papera, doença dos nervo, queimação no estambo, frevião no corpo, caída, brotoeja (irritação na pele), escurecimento de vista, rachadura nos pé, papoca roxa, leinda (ovo do piolho), papoca d'água, tisga, infraquicida (tuberculose), vento caído, esporão de galo, bico de papagaio, landra inchada (gânglios inchados), dor nas costas que responde na perna, dor na tábua dos queixo, dor nas cruz, mal jeito no espinhaço etc.

Não só as queixas eram variadas; mas inusitados os fatos, a exemplo do homem que estava pescando e engasgou-se com um corró (peixe de água doce). No interior, mata-se peixe pequeno no dente. E foi o que aconteceu ao “célebre paciente”. Procurado no consultório, na Rua Duque de Caxias, Nº 22, Dr. Lemos ficou perplexo com o caso. Fico a imaginar como ele agiu para salvar o homem. Apesar de ser pessoa calma, a situação exigia ação rápida. Paciente sem ar, com um peixe impedindo-lhe a respiração. Que alternativa? Talvez, junta médica, afinal, Dr. José Ferreira, recém-formado ou Dr. José Colares Cavalcante, na época, na cidade. Alternativa pouco provável, devido à falta de tempo e falta de fôlego da vítima que não teria sobrevivido, se tivessem ousado alguma outra iniciativa, que não permanecer onde estavam. Situação simplesmente dedutível: o corró teria matado o homem ou o homem, o corró. A segunda prevaleceu.

Como médico – justiça se lhe faça – jamais desmereceu a ciência de Hipócrates. Profundamente cordato, nada recusava no cumprimento do dever. Aposentado, com mais de cinquenta anos de atividade, não tinha uma nota sequer em desabono de sua conduta. Dr. Lemos, um médico humanista, no interior do sertão cearense.

MERECIDO RECONHECIMENTO

O aniversário de 26 anos da Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará-ALMECE, em 15 de setembro de 2009, foi festivamente celebrado no Palácio da Luz, onde funcionam entidades culturais: Academia Cearense de Letras, Academia Cearense de Retórica, Academia de Ciências Sociais do Estado do Ceará, Academia Feminina de Letras, Academia Cearense de Língua Portuguesa, Academia de Letras e Artes do Nordeste, Academia Fortalezaense de Letras, Academia Metropolitana de Letras, Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço, Associação Cearense de Geografia e História, Sociedade Amigos do Livro, para citar algumas. Durante as festividades, foi lançada a VII coletânea, *Di* (versos), com a colaboração dos membros efetivos, sócios honorários, eméritos e beneméritos.

Na festividade foi homenageado, entre outras personalidades, o médico humanista escritor, Manoel Gonçalves de Lemos, também conhecido como Dr. Lemos (*in memoriam*) nascido em 15 de janeiro de 1915, no Engenho Lages, Distrito de São José, no Município de Lavras da Mangabeira, filho de Thomaz Gonçalves de Lemos e Maria Gonçalves Sobreira.

Ele graduou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1945, vindo, em seguida, residir em Várzea Alegre, onde casou com Francisca Mirtes Bitu Lemos e constituiu família, composta de quatro filhos. Aí, onde trabalhou e viveu meio século, recebeu o título de cidadão varzealegrense, pelo Projeto de Lei do vereador José Primo de Moraes.

Dr. Lemos lia e escrevia regularmente, publicando os trabalhos nos jornais “Diário do Nordeste” e “O Povo”, “O Catolé” e “Binóculo”, entre outros, totalizando, aproximadamente, 400 artigos. Também deixou sua visão do mundo em cartas, pelo menos 350, boa parte manuscrita. Substitui a máquina de datilografia OLIVETTE pelo computador. Publicação dos livros: *Sentimentos Íntimos* (1984) e *Folhas Esparsas* (1993), o primeiro de poemas e o

segundo de crônicas, “nos quais deixou transbordar a sua alma de sonhador e de esteta” (Dimas Macedo, 2009). Deixou três livros no prelo: Passagens, Escritos Diversos e Fazenda Umary, e biblioteca particular, dividida entre São José, sua terra natal e Várzea Alegre, a pátria adotada. “Todos esses valores, inerentes à sua personalidade, refletem-se nos seus escritos, sonetos, artigos, discursos, crônicas literárias ou noticiosas, a comprovar o que ensina”, disse o escritor Pe Antônio Vieira, 1993.

Em junho de 2009, foi eleito patrono da Cadeira N° 19, da Academia Lavrense de Letras, hoje ocupada por Manoel de Lemos Amorim, Pe Amorim. Em 2012, foi eleito patrono da Cadeira N° 02, da Academia Varzealegrense de Letras, hoje ocupada pela filha Linda Lemos. Ele escreveu regularmente e publicou trabalhos nos Jornais: Diário do Nordeste, O Povo, Tribuna do Ceará, “O Catolé” e “Binóculo”, entre outros, totalizando 400 artigos.

Como médico – justiça se lhe faça – jamais desmereceu a ciência de Hipócrates. Profundamente cordato, não recusava o cumprimento do dever. O escritor Padre Antônio Vieira, prefaciando o livro, “Folhas Esparsas”, em 1993, afirma: “Dr. Lemos possui as qualidades mais nobilitantes da personalidade humana: delicadeza de trato, paciência beneditina, de atender os doentes, solicitude de se deslocar para onde quer que gemesse a dor, o infortúnio de um pobre doente, por longe e difíceis que fossem os caminhos, com aclives escorregadios e abruptos, terrenos lamacentos e pantanosos, rio a nado, ou as condições climáticas do tempo, chovesse ou fizesse sol, estivesse ou não preocupado com outros afazeres, porque ele não se pertencia. Viajava sempre a cavalo, de jumento e mesmo a pé, atendendo os recantos mais inacessíveis não só de Várzea Alegre, mas também de Granjeiro, Caririçu, Farias Brito e Cariús”.

Uma outra característica da personalidade do homenageado - comportamento social de não ferir melindres de quem quer que fosse, de se desligar de tricas e micás de cidade pequena e interiorana, onde ninguém vive sem arranhões no amor próprio e sensibilidade. O Padre Vieira referindo-se ao comportamento do Dr. Lemos diz: “dele se poderia dizer que tão sublimado é o seu

espírito de cordialidade e respeito aos outros, que jamais somaria 2 e 2 são 4 para não ferir a suscetibilidade do 1 e 3”.

Conta-se como fato folclórico que Dr. Lemos acabara de chegar de Fortaleza, trazendo um Corcel, zero quilômetro, cuja pintura refletia como espelho o rosto de qualquer pessoa. Enquanto retirava a bagagem para o interior da casa, ouviu um crá-crâ forte, na frente da sua residência. Ao chegar à calçada, deparou-se com um garoto, riscando a pintura do carro, com uma tampa de Coca Cola. Aproximando-se, vagarosamente, do peralta, bem calmo e delicadamente lhe pediu a tampinha e, olhando para o carro todo riscado, disse para o menino, com um sorriso angelical: Meu filho, não faça isto no meu carro porque você está estragando a sua tampinha. Na verdade todos esses valores, imanescentes da sua personalidade, refletem-se nos escritos, sonetos, artigos, discursos, crônicas literárias ou noticiosas, a comprovar o que ensina.

Dr. Lemos faleceu em 9 de abril de 2001, sepultado no Parque da Paz, Fortaleza. Deixou rastros como conciliador, administrador de conflitos, fosse em ambiente familiar ou em outro. Ele, merecidamente, recebeu o título de “Sócio Honorário da ALMECE” pós morte, na pessoa da viúva, Francisca Mirtes Bitu Lemos, entregue pelo Presidente, escritor e jornalista, Francisco Lima Freitas, a quem a família, reconhecidamente, agradece. Faleceu em 9 de abril de 2001, sepultado no Parque da Paz, Fortaleza.

UM HOMEM DE BRANCO

Trata-se aqui de um homem simples, nascido no Engenho Lages, Vila de São José, município de Lavras, aos 15 de janeiro de 1915. Manoel Gonçalves de Lemos, filho de Thomaz Gonçalves de Lemos e Maria Gonçalves Sobreira, é o 16º na ordem de nascimento de uma prole de 29 filhos, de três casamentos de seu pai.

Ele torna-se grande quando, no esforço para estudar, vence obstáculos, rompendo paradigmas: foge do convencional trabalho na roça, inicia estudos no próprio Engenho, passa por São José, Crato, Fortaleza até chegar a Salvador, onde, em 1946, recebe diploma da Faculdade de Medicina da Bahia. Muitas anotações, em pequenas cadernetas e cadernos dão conta de cuidados com as despesas para conseguir alcançar os objetivos.

Sabe-se que o seu retorno foi festejado: cavalos o seguiram no caminho de volta para casa, onde houve festança memorável, mas sem bebida alcóolica, por ordem do líder, seu pai, Thomaz G. de Lemos.

Manoel Gonçalves de Lemos chegou a Várzea Alegre recém-formado, aos 31 anos, para instalar-se profissionalmente. Inaugura consultório em via central da cidade, na Rua Major Joaquim Alves e, a partir daí, passa a adotar a cor branca, como símbolo de paz e amor ao próximo.

Era reservado, porém atencioso para com as pessoas. Sua sobrinha, Maria Ione de Lemos, escreveu sobre sua personalidade: ... tinha um temperamento tranquilo, calmo, preferia ouvir a falar, exceto quando se reunia com os irmãos. Nesses momentos, se tornava mais expansivo e alegre, especialmente, ao ouvir suas anedotas.

Acrescenta Ione: Meu tio fez de sua profissão um verdadeiro sacerdócio. Era comprometido e justo, servindo de exemplo e inspiração para muitos, inclusive para os próprios filhos. Hoje, sua memória é reverenciada por todos nós, familiares e amigos, que sempre o admiraram e o amaram.

A conterrânea Maria Oliveira Mangueira declara: Trabalhou durante muitos anos em nossa terra, sempre com dedicação e amor a sua profissão. Jamais nos esqueceremos dos serviços prestados a todos nós.

O escritor, membro da Academia Cearense de Letras, Professor Batista de Lima, diz: Dr. Lemos foi para Salvador e voltou à sua São José que depois virou Mangabeira, com um anel no dedo e montado em sonhos de salvar vidas. Foi o primeiro médico do lugar.

Diz o poeta Vicente Lemos, da Academia Lavrense de Letras: Uma lembrança que está muito presente em minha mente é a assistência que ele dava às mulheres, no período de gravidez (antes, durante e depois do parto). Minha mãe, tias e tantas outras senhoras daquelas ribeiras lavrenses e varzealegrenses tinham, em Dr. Lemos um porto seguro, no sentido da orientação médica e também na realização de partos. Não podemos esquecer que foi um homem voltado também para a boa literatura, deixando valiosos escritos em poesia e prosa.

O paciente Francisco Fábio Amorim de Lemos (in memoriam), 2001: Numa época em que o corpo humano ainda não havia sido departamentalizado em especialidades (otorrino, pneumologia, cardiologia, ortopedia, etc.) e os tomógrafos e as ressonâncias magnéticas existiam apenas nos livros de ficção, o médico clínico geral, generalista, ou simplesmente, médico de todos, era abrigado a guiar-se pela sua intuição, para diagnosticar e tratar de todos os males que afligiam as famílias interioranas, do menino ao idoso. Todos só tinham um médico a quem recorrer. E Dr. Lemos foi esse médico, esse amigo, esse confidente. Desempenhou com desvelo seu mister.

O Professor e escritor Dias da Silva (2012) ressalta o aspecto literário quando diz²: “Dr. Lemos era um homem culto, bom, amante das letras, leitor assíduo, sempre disposto a ajudar o outro, no cansaço, na abundância, na doença e na dor... Além das obrigações profissionais, Dr. Manoel Gonçalves de Lemos arranja tempo para as letras: leitor inveterado e escritor. É que sente necessidade não só de ler, mas de escrever também, o que, para ele, é encontrar-se com o outro.

Para finalizar, um depoimento de Francisco Alves Bitu, sobre a vida profissional do médico humanista: Ao ser chamado ao Sítio Timbaúba, para atender uma gestante, filha de Chica (nome fictício), a qual havia entrado em trabalho de parto, o médico teve dificuldade em executar o procedimento, pois o pai da parturiente não aceitava que ela fosse despida para parir. Naquela época, o pudor era grande e isso seria uma desonra. O fato é que a jovem senhora pariu, mas o conselho do pai ficou marcado: “- Cufe, mas não mostre!” A dúvida que permanece até hoje: o que significa cufe?

O que Bruno Pedrosa, artista plástico mangabeirense, radicado na Itália há mais de três décadas, declara: “O humanista Dr. Lemos foi para mim, sempre, uma notícia elogiosa de um ser humano que estudou, aprendeu e se formou na escola que ensina a arte de ser gente. Por isso merece ser louvado.”

Dr. Lemos fará cem anos de nascimento em 15.01.2015, oportunidade na qual a comunidade da região centro-sul reverenciará sua memória.

FANTÁSTICO O SHOW DA VIDA

A vida possibilita significantes mudanças, seguidas de inestimáveis compensações. O avançar da idade traz perdas: substituição da cor vibrante dos cabelos pelos tons acinzentados, fuga à tenacidade da pele, diminuição gradativa da rigidez muscular, entre outras. O passar dos anos possibilita a maravilhosa oportunidade de crescimento, enxerga-se o mundo com olhar amadurecido, ousam-se ideais humanitários, desenvolvem-se olhares tolerantes, cheios de possibilidades, ricos em sabedoria, não raro, humildade e tranquilidade.

Um momento especial, a vida dá-me o privilégio de ver atos e ações que denomino “show da vida”. Exemplo, dá-o Presidente da ALMECE, Francisco Lima Freitas, um semeador de cultura, para usar termo da respeitada acadêmica Francinete Azevedo. Sua disposição para manter viva a entidade que lidera, há 19 anos, é digno de admiração, respeito e aplausos. No vigor dos 87 anos, respeitosa, sacode a juventude com exemplos de amor à cultura.

Professor Francisco Dias da Silva, idealizador da Sala de Leitura que ganha nome do pai, José Cândido Dias, trouxe ao povo da terra, pequenina São José, um tesouro de inestimável valor: 14 mil livros. Com a oportunidade de crescimento, a cidade, alegremente escancara sorriso, em reconhecimento ao grande feito do conterrâneo, filho de Zé de Candinho da Barra, modestamente, transformando a Sala de Leitura, na Grande Biblioteca José Cândido Dias. Semeando pouco a pouco o deserto, o povoado equidistante, aproximadamente 20 km de Lavras da Mangabeira, Cedro e Várzea Alegre, irradia cultura para a vizinhança, gerando possibilidades que só o sábio visionário alcança. Obrigada a Deus por permitir que o professor viva nesta época, neste lugar e com estes ideais. Ivonildo, querido amigo de meu pai, o médico humanista e escritor Manoel Gonçalves de Lemos, exemplo digno de respeito e admiração.

Professora Maria Ester, octogenária, riso solto, cabelos esbranquiçados, mente privilegiada, coração transbordando de amor ao próximo, inspirou e deu nome a grande colégio em Fortaleza, hoje dirigido pelos filhos que continuam com as boas ações alhures. Cateca, cognome de Luísa Maura, é prima e amiga de Maria Ester. Todo respeito por Ester é pouco, diante da grandeza do acolhimento à pura e inocente Cateca. Só alguém tolerante, iluminada, grande mulher como você, acolhe, em casa, alguém cuja saúde mental ficou aprisionada em algum lugar.

TRIBUTO A SINÉSIO CABRAL

É responsabilidade dos que integram academias literárias preservar a memória dos acadêmicos e patronos. Obrigação prazerosa quando se refere a querido amigo: quero dizer Dr. Sinésio Lustosa Cabral Sobrinho, varzealegrense, nascido em 22 de maio de 1915, falecido em 10 de outubro do corrente ano, 12 dias antes de completar 97 anos.

Voz suave, costumava telefonar. Se não lograva falar-me ao telefone, deixava a mensagem na secretária eletrônica, com a gentil saudação: cordialmente, Sinésio Cabral. Ao me encontrar, do outro lado da linha: Maria Linda, eis uma trova que lhe fiz.

MARIA que também é LINDA,
no lar e na lida medra,
além disso, abranda ainda,
até coração de pedra.

E a conversa prosseguia: - Recebeu o *MENSAGEIRO DA POESIA*? E o Senhor recebeu o *ACADEMUS*? E o “bate-papo” fluía, terminando sempre em boas gargalhadas. Mudando de tom, falávamos sobre o Padre José Gonçalves Ferreira, pároco que o batizou, cujo ministério, em Várzea Alegre, durou entre 02 de fevereiro de 1904 a 03 de novembro de 1917 e, sem conter a emoção, as lágrimas lhe desciam pelo rosto. Recordava os pais, Genésio Lustosa Cabral, magistrado, primeiro Juiz Togado de Várzea Alegre, e Líbia Lustosa Cabral, professora.

Acendrado amor a Várzea Alegre. Venerava Taperoá, na Paraíba, pátria da infância e também de Ariano Suassuna. Recordava com carinho os lugares onde estivera exercendo funções judiciais de Promotor e Juiz: Salinópolis, São Benedito, Milagres, Itapipoca e Sobral. E guardava no coração o amor por Fortaleza.

Sempre de bom humor, brincalhão, fazia as pessoas sorrirem, por exemplo, os seguintes episódios: presidindo o Congresso do Ministério Público, em Fortaleza, saudou os congressistas iniciando assim: - “Senhores e Senhoras, não as digo minhas porque

não são” e, assim, quebrou o protocolo fazendo sorrir a todos! Perguntaram-lhe se ia sempre a Taperoá, respondeu: a cada 60 anos! E, procurando pelos conhecidos e contemporâneos, informado de que todos haviam falecido perguntou: Houve guerra por aqui?

Em viagem aos Estados Unidos, visitando Disney World, os que o acompanhavam não pretendiam subir na Montanha Russa, mas não puderam recuar quando viram os pais na fila: Dr. Sinésio contava 82 anos de idade.

Quiseram saber o segredo da longevidade, respondeu: comer uma banana a cada dia e sempre após o almoço ou jantar, cem passos dar e nenhuma unha aparar, hábito que praticou até seus últimos dias. Ele tocava bandolim.

O exercício intelectual manteve-lhe o cérebro ativo e a lucidez até o último momento, ao dizer que estava feliz com a segunda família, com Deus no coração e Diva, a esposa, sempre ao seu lado, momentos antes de partir para a casa do Pai.

Dr. Sinésio era, sobretudo, educado, inteligente, um ser humano exemplar, devoto à Virgem Maria ou Maria Santíssima que, com certeza, o acolheu como filho.

Só o homem culto, produtivo, como o Dr. Sinésio, pode, na hora derradeira, dizer a célebre frase do primeiro discurso de Cícero: - “Quosque tandem, Catilina, abutere patientia nostra”? Pediu que a copiasse, traduzindo - “Até quando, Catilina, abusarás de nossa paciência”? O Dr. Sinésio, ao repetir a frase proferida há tanto tempo, no ano 63 a.C., mostra-se impaciente com a despedida que se avizinha e constitui realidade não pode ser ignorada. Foi o registro que fizera sua filha mais velha, Regina Lúcia.

Aos leitores um pouco do Dr. Sinésio Lustosa Cabral Sobrinho - Promotor de Justiça, Juiz de Direito, escritor, poeta integrante das Academias Brasileira e Cearense da Língua Portuguesa, da Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro no Ceará, da Academia Metropolitana de Poesia Raul de Leoni, de Petrópolis-RJ, entre outras. Tinha diploma de mérito cultural e título de acadêmico honorário da Academia Cearense de Letras, da Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará, e medalha de membro padrão do Ministério Público Cearense.

Publicou várias obras, entre elas: Sonetos e Poemas; O Sol no Entardecer; Introdução à Análise Sintática; Livro de Tarefas – Vocabulário, Flexões, Análises; Aspectos da Língua Viva; Sonetos e Trovas; Reflexos D’Alma.

POESIA MUSICADA

Quando da Independência do Brasil, o Ceará contava com 18 municípios, entre eles, Lavras da Mangabeira, extenso território que compreendia: Aurora, Umari, Cedro, Baixio, Ipaumirim e Várzea Alegre (Anuário do Ceará, 1976, p.25). O primeiro município desmembrado do território lavrense, Várzea Alegre, foi criado pela Lei Provincial Nº 1.329, de 10 de outubro de 1870, quando governava a Província do Ceará Inácio Marcondes Homem de Melo.

Apesar da independência político-administrativa, Várzea Alegre é servida por Juízes Leigos até o ano de 1914, quando chega o primeiro Juiz Togado, Genésio Lustosa Cabral, casado com Líbia Lustosa Cabral (professora pública). Da união nasce o primeiro filho, o conterrâneo Sinésio Lustosa Cabral Sobrinho, entre a primeira guerra mundial e a seca do quinze, no dia de Santa Rita de Cássia, como gostava de se referir a 22.05.1915.

Em tenra idade, Sinésio L. C. Sobrinho deixa Várzea Alegre para residir na Paraíba, onde iniciou os estudos em Taperoá, sob a orientação materna. Transferindo-se para Fortaleza, concluiu o Curso Jurídico, na Faculdade de Direito do Ceará, para tornar-se Promotor e Procurador de Justiça. Excepcional professor de português, integra instituições literárias, publica sete livros, centenas de poemas e grava CDs com criações musicais: Ele descende de família com talento musical.

Em depoimento, o filho do escritor poeta, Genésio, diz ser o pai apaixonado pela família, pelas letras, pelos pássaros, pela música... :

“Quando éramos crianças, papai costumava fazer solo musical, tocado em copos de vidro com água, à mesa, após uma refeição, batendo com uma colherinha. Ficávamos extasiados! Com seu irmão, meu tio Raimundo Lustosa Cabral, que o considerava o melhor violonista que já o acompanhou, participou de bandas de Jazz com Lauro Maia e outros, na época

do Jazz Estudantil. O gosto musical herdou dos pais e irmãos que cultuavam a prática de se reunirem na sala para encontros musicais” (Opúsculo S.L.C.S, 2012).

Segundo depoimento de Rebeca, o avô era seu parceiro musical:

“... Gostava de me escutar desde os primeiros acordes no violão, desejando meu progresso, para que eu pudesse acompanhá-lo ao bandolim. Ensaíamos e apresentávamo-nos na sala, perante a família. Assistia quando eu apresentava-me na televisão e ligava-me ao terminar o programa para dizer que eu estava uma danada, fazendo acordes de gente grande. Em novembro de 2011, nos apresentamos no Centro Cultural OBOÉ, por ocasião do lançamento do livro da autoria de sua conterrânea – *Linda Lemos*. Ensaíamos três músicas e tocamos lindamente”. (Opúsculo S.L.C.S, 2012).

Posso testemunhar o show que chamo de Poesia Musicada, acontecido em 27.11.2011, por ocasião do lançamento do livro de minha autoria, “*Fragments para a História de Várzea Alegre*”. Na sociedade contemporânea, a velhice está sempre associada a características negativas como improdutividade, incapacidade, inutilidade, dependência. De fato, é um estágio natural da vida, com mudanças físicas, psíquicas e sociais peculiares a cada indivíduo. No caso específico, o poeta centenário mostrou, no show musical, habilidade cognitiva e motora incontestáveis, motivo de admiração de todos os presentes, inclusive jovens músicos amadores talentosos, Gledson Luís Viana, Ozanan Moraes Bezerra e Marcelo Bezerra.

Rebeca fala sobre a despedida do avô: fui com o violão ao hospital, a pedido dele e toquei por uns 30 a 40 minutos. Ele me olhava, balançava o pé e mexia os dedos como se estivesse tocando as notas. “Eu sentia a enorme vontade que ele estava de tocar comigo”.

Sinésio Lustosa Cabral Sobrinho nos deixou em 10.05.2012, 12 dias antes de completar 97 anos, após um tombo que o levou ao hospital, onde veio a falecer. Era casado com Maria Diva Ximenes Cabral, pai dos filhos: Regina Lúcia, Genésio, Suelda Maria (in memoriam), Maria de Fátima, Marillac, Maria Diva, Cecília e Líbia.

PEDRO ALVES DE MORAIS – MÉRITO CULTURAL

No aniversário de 26 anos da Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará-ALMECE, 15 de setembro de 2009, foi homenageado, entre outras personalidades, Pedro Alves de Moraes.

Pedro Alves de Moraes, carinhosamente conhecido por Pedro Piau, nasceu na localidade então denominada “Rabo da Gata”, em Várzea Alegre, no dia 12.07.1918, filho de Joaquim José Vieira e Maria Alves de Moraes. Sua infância foi igual à de qualquer garoto daquela época: brincar de cavalinhos de pau, tomar banho nos riachos e poços em companhia dos amigos, confeccionar animais de barro, perseguir passarinhos armado de bodoque, tudo até os 07 anos.

Seus estudos foram bem poucos, não tendo sequer chegado a concluir a primeira série, até que, com 20 anos, deslocou-se para Fortaleza, matriculando-se na Escola de Comércio da Fênix Caixaerial. Foi Agente Recenseador; o primeiro de oito concorrentes, obtendo nota máxima em todas as provas. Foi homem de Cartório, que tinha então, como titular efetiva, a Senhorita Ana Ferreira.

Além das qualidades morais e inteligência, o trabalho no cartório lhe facilitou o resgate da genealogia, sete gerações, desde Papai Raimundo. Profundo conhecedor de fatos históricos de Várzea Alegre. Desde pequeno, ele sobressaiu-se pela inteligência brilhante, conseguindo ser professor, mesmo sem formação acadêmica. E até escreveu o livro “Várzea-Alegre: Sete Gerações Desde Papai Raimundo”, em coautoria com Acelino Leandro da Costa, livro que resgata a origem do povo varzealegrense. Faleceu em Fortaleza, dia 26.03.2012, aos 94 anos.

Aos 91 anos, o genealogista recebeu a homenagem de “Mérito Cultural” da ALMECE, em reconhecimento pela importante obra. A família de Pedro Piau tem se destacado nas letras e artes, a exemplo de Luís Sérgio Bezerra de Moraes (compositor\in

memoriam), Raimundo Nonato Bezerra (poeta popular Mundim do Vale) e João Alves de Moraes (in memoriam), grande incentivador na área de comunicação de todos os filhos. Em 1974, viúvo da primeira esposa, professora Iraci Bezerra de Moraes, Pedro Piau contraiu núpcias com Maria Socorro Lima, também natural de Várzea Alegre, onde o casal residiu até a data de seu falecimento.

ACADEMIA VARZEALEGRENSE DE LETRAS

A denominação *academia* é criação de Platão. Na Grécia antiga, em Acaia, distrito situado no monte Academus, o filósofo cria a sua escola. E as instituições que abrigam literatos sob tal denominação se multiplicaram mundo afora. No Brasil, especificamente em Fortaleza, “Padaria Espiritual”, em seguida, fundação da Academia Cearense de Letras, 1894 e, três anos depois, a Academia Brasileira de Letras. Instalam-se recentemente no Ceará: Academia Lavrense de Letras (ALL, 01.06.2008), Academia Cearense de Letras (ACL, em 15.08.2009) e Academia Varzealegrense de Letras (AVL, 07.05.2011).

Primeiramente, em 2005, um grupo reúne-se em Várzea Alegre, registrando encontros. Cinco anos depois, em 16.07.2010, torna-se público, para aproximadamente 150 pessoas, o embrião da Academia Varzealegrense de Letras, em São José, distrito de Lavras da Mangabeira, que comemorava dois importantes eventos culturais, a saber: festa de aniversário de 15 anos da “Sala de Leitura José Cândido Dias”, idealizada pelo escritor Professor Dias da Silva (Ivonildo), com bons serviços prestados à comunidade do chamado “País dos Amargosos”. Na oportunidade, o lançamento de seu 22º livro. Mais de 10.000 títulos compõem o acervo da sala de leitura.

Lançamento do Projeto Expressão Literária, ação cultural de estímulo à produção literária e à leitura de autores naturais de Cedro, Várzea Alegre e Lavras da Mangabeira, idealizado por João Gonçalves de Lemos, coautoria de Maria Linda Lemos Bezerra e Maria de Fátima Lemos Pereira Cândido, trio pertencente à Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará - ALMECE, representando os três municípios.

Entre os participantes, autoridades, escritores, poetas e intelectuais varzealegrenses que lotaram micro-ônibus: professoras

Marta Rilva e Maria Irismar Araripe, poetas Francisco Alves e Israel Batista de Sousa, assessores da Prefeitura: Giovani Leandro Costa, Luizinho Mathias e Francisco das Chagas e Silva (Nenen), escritor Promotor de Justiça Flávio Costa Cavalcante, advogado André Tanaka, Secretário de Educação Dagoberto Diniz de Souza, Secretário de Cultura Hélio Batista, entre outros intelectuais.

A Academia Varzealegrense de Letras é, oficialmente, criada dez meses depois do pré-lançamento, em Mangabeira, em 07.05.2011, com posse da primeira diretoria em 08.07.2011. Presidente: Secretário de Educação Dagoberto Diniz Souza; Vice-presidente: Ex-prefeito, médico Pedro Sátiro; Secretária: Professora Maria Irismar Soares de Sousa (Irismar Araripe); Tesoureira: Professora Cosma Ferreira Martins; Bibliotecária: Professora, escritora Liduina de Sousa; Assessor Jurídico: Secretário de Cultura Hélio Batista; Assessor Cultural: Vice-Prefeito Tibúrcio Bezerra de Moraes; Assessor de Comunicação: radialista Francisco Marco Filho.

Paralelamente à criação da AVL, em 21 de maio do mesmo ano, instituiu-se a Associação Varzealegrense de Escritores e Poetas – AVAPE; Presidente: Poeta e locutor Cláudio Sousa, Vice-presidente: Poeta/pesquisador Israel Batista; 1º Secretário: Poeta, escritor Francisco de Moraes Júnior (Júnior Moreira); 2º Secretário: Escritor Luiz Mathias; 1º Tesoureiro: Poeta repentista Expedito Pinheiro; 2º Tesoureiro: Poeta Francisco Alves (Seu Barrinha). Posteriormente, agregam-se ao grupo poetas, repentistas, cordelistas: Francisco das Chagas e Silva, Cecília Alves Bitu, Antônio de Oliveira, Raimundo Luiz, entre outros.

CHEGA-SE À ACADEMIA VARZEALEGRENSE DE LETRAS

Com emoção externo imensurável alegria, muito honrada ao assomar esta tribuna, como membro efetivo da Academia Varzealegrense de Letras, consciente da elevada missão que representa ocupar a cadeira N^o 2, que tem como patrono meu pai, escritor, médico humanista Manoel Gonçalves de Lemos.

Sobre seu comportamento social e temperamento afirmou o Padre Antônio Vieira: “ tão sublimado é o seu espírito de cordialidade e respeito aos outros, que jamais somaria 2 e 2 são 4 para não ferir a suscetibilidade do 1 e do 3.” (Lemos, 1993, p.9). Pelo seu gosto, competência literária e apaixonante personalidade, meu pai parece recomendar-me, como sempre o fizera em vida, maior empenho possível e grande responsabilidade em bem servir ao povo de Várzea Alegre, terra que amou como se fora seu berço.

Manoel Gonçalves de Lemos nasceu no Engenho Lages, São José, Lavras da Mangabeira, o 16^o na ordem de nascimento de uma prole de 29 filhos, de três casamentos do pai Thomaz de Lemos. Calçou o primeiro par de sapatos aos 17 anos. Fascinado pela ciência de Hipócrates, estava entre os cinco pioneiros no estudo fora da vila. Com esforços dos pais e compreensão da família (registro o primo João Gonçalves de Souza, Subsecretário da Organização dos Estados Americanos - OEA), meu pai concluiu o curso de medicina em Salvador, no ano 1945.

Em Várzea Alegre, durante 50 anos, deu o melhor de si ao povo que tanto amou! Depois de Dr. Leandro Correia, foi o primeiro médico a estabelecer-se na cidade, pois outros três apenas passaram temporariamente pela urbe.

Dr Lemos chega a Várzea Alegre em 1946, casa com Francisca Mirtes Bitu Lemos, constitui família, quatro filhos, e fixa residência, aí vivendo cinco décadas, prestando relevantes serviços à comunidade que o reconhece com o título de cidadão varzeale-

grense. Meu pai nasceu em 15.01.1915, falecido 86 anos depois, aos nove de abril de 2001.

Na oportunidade, presto homenagem à geração de médicos e escritores varzealegrenses: José Ferreira (autor do livro *Várzea Alegre, Minha Terra Minha Gente*), valiosíssima colaboração na preservação da memória do município; o carismático Pedro Sá-tiro, aqui presente, grande liderança política, com livro autobiográfico; José Bitu Moreno, inteligência incontestável, com o livro “*Camisa Nova, Seu Doutor?*” teve excelente acolhida pela crítica literária; brilhante José Sávio Teixeira Pinheiro, membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Considerem-se os escritores e poetas: Pedro Gonçalves de Moraes (Pedro Tenente, in memoriam), Raimundo Lucas Bidinho (in memoriam), Raimundo Nonato Bezerra (querido Mundim do Vale), e Israel Batista de Souza, que representam a nordestinidade encantadora e autenticidade sertaneja.

Tenha espaço o conterrâneo poeta, jurista, Sinésio Lustosa Cabral Sobrinho (in memoriam), um ano ausente, oito livros publicados, “*expert*” na área técnico-linguística. A família nos manda jornais - “O mensageiro da Poesia”, editado pelo escritor, filho do 1º juiz togado do município – Genésio Lustosa Cabral (1914). Jornais e livros, eu os entreguei à Secretaria de Cultura para divulgação nas escolas e biblioteca do município.

Enfim, sinto-me feliz em pertencer à entidade literária da terra dos contrastes de Zé Felipe, do carnaval da Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro- ESURD e Mocidade Independente do Sanharol - MIS, do compositor Zé Clementino e do gênio matemático Ricardo Oliveira da Silva, sete medalhas nas olimpíadas brasileiras de matemática e astronomia, presente na solenidade, o que muito me honra.

Hoje, recebo um presente da minha terra. Gostaria de retribuí-lo à altura, trazendo para o Município a 2ª edição, ampliada, 365 páginas, do livro “*Fragmentos para a História de Várzea Alegre*”. Infelizmente, a editora RDS não teve como cumprir prazo para entrega, ficando o lançamento adiado para dia 29 de agosto, na festa de São Raimundo Nonato.

Registro o agradecimento à terra berço que acolheu meu pai, a várzea tão verde e querida que um dia viu tantas ilustres figuras nascerem. À minha terra natal, que, desde os primórdios, me acolheu como filha, externo a mais pura gratidão.

Estendo agradecimento àquele com quem aprendi as lições mais difíceis da minha vida: meu filho Samuel. Com ele aprendi que o silêncio pode causar barulho imenso; que as mãos, bem como olhos e coração têm o poder de falar bem alto; aprendi ainda que a visão de mundo independe da capacidade de enxergar; os olhos são inúteis quando a mente é cega; com Samuel aprendi não só a entender, mas também aceitar e, principalmente, respeitar as diferenças individuais; com ele aprendi que nada sei: a lição mais difícil.

Antes de despedir-me, quero agradecer a presença de todos na pessoa do amigo Dimas Macedo, gênio literário; o amigo queridíssimo de todos os amigos. Obrigada por estar aqui. Várzea Alegre sente-se privilegiada por reunir dois gênios num mesmo evento: um da matemática, Ricardo Oliveira, e outro na área da literatura. Dimas é um dos lavrenses ilustres, jurista, crítico literário, poeta, ensaísta e historiador, Professor da Universidade Federal do Ceará, membro da Academia Cearense de Letras e da Academia de Letras e Artes do Nordeste. Escritor cearense de maior projeção, quer na cultura literária ou na área da reflexão filosófica, sua produção abrange um conjunto de seis opúsculos, trinta livros e mais de quatrocentos artigos editados, versando, a maioria deles, sobre literatura e autores de língua portuguesa. O Dimas está no meu arquivo de afetos.

Envolvida pelas gratificantes, acolhedoras e iluminadas presenças, chega o momento de dizer a todos que aqui vieram, indistintamente, uma palavra de gratidão pelo nobre gesto da amizade que dignifica e do companheirismo que engrandece. MUITO OBRIGADA.

Maria Linda Lemos Bezerra

Nota: Local do pronunciamento: Academia Varzealegrense de Letras (Escola Pedro Sátiro), Várzea Alegre-CE, em 17.05.2013.

AOS MESTRES, COM CARINHO

Com satisfação e especial alegria, falo sobre merecida homenagem - Mérito Cultural - que a Academia de Letras dos Municípios Estado do Ceará - ALMECE concede a profissionais educadores do Vale do Salgado, em particular, do Distrito de Mangabeira, lugar de nascimento de meu pai, Manoel Gonçalves de Lemos.

Todos os homenageados exercem ou exerceram a bela profissão de educar e, um deles, dá o melhor de si à educação em Fortaleza, Professor Glauber Lemos. Eles fazem a diferença na cultura e na educação da comunidade. Espíritos altruístas, inteligências privilegiadas, méritos que, aliás, já são conhecidos de todos, quando se referem, carinhosamente, à gente do país cognominado de amargosos. Eles, portanto, fizeram por merecer esta homenagem e a ALMECE, com esse gesto, lhes assegura especial motivação para continuarem no desempenho do mister.

Rozelânia Guedes Lima, formada em Pedagogia, Habilitação em Administração Escolar, Especialização em Geografia e Meio Ambiente, Diretora Administrativa das Escolas Paulo VI e Caminho do Saber.

Rosilene Guedes Lima Conrado é graduada em letras, especialista em Inglês e Português, Diretora Administrativa da Escola José Thomaz de Souza.

Francisca Francilda Duarte de Lemos tem formação em Geografia, Especialização em Geografia e Meio Ambiente; é Professora da Escola Paulo VI e Escola Dr. João Gonçalves de Souza. Trabalhou nas Escolas José Ayrton Teixeira e Vicente Fialho, na capital cearense.

Maria de Fátima Diniz Lemos, varzealegrense, aprendeu as primeiras letras no ambiente doméstico, em meio às grandes dificuldades de educação formal, típicas da região e de sua época. Graduou-se em Pedagogia e lecionou na Escola de Ensino Fundamental José Tomaz de Souza, Escola Estadual de Ensino Profis-

sionalizante Professor Gustavo Augusto Lima e Escola de Ensino Fundamental e Médio Alda Férrer Augusta Dutra. Atualmente, Coordenadora Pedagógica da Escola Dr. João Gonçalves de Souza, em Mangabeira.

José Glauber Lemos Diniz, varzealegrense de nascimento e mangabeirense por adoção, onde se acha o núcleo familiar paterno. Desde cedo demonstrou aptidão para o universo das letras, escrevendo poemas, crônicas, etc. Sua família paterna tem grande tradição educacional, bastando lembrar dois nomes como exemplo: Thomaz Gonçalves de Lemos, seu bisavô, foi pioneiro em trazer a escola para dentro do Engenho Lages, com o grande mestre Paulo Moreira Mello, e sua tia-avó, Professora Maria Oliveira Dias, que se destacaria como expressão máxima da educação, em todo o Município de Lavras da Mangabeira. Glauber Lemos é licenciado em História e Pós-Graduado em Gestão e Avaliação da Educação Pública. Leciona, em Fortaleza, na Escola Estadual Adalgisa Bonfim Soares. Aos pais de Glauber - José Gonçalves de Lemos e a professora Fátima Diniz Lemos, cabem-lhes elogios pelo êxito do filho, pois sempre o incentivaram e se empenharam para que ele desenvolvesse estudos e a sua verve literária.

Maria do Socorro Ferreira Fernandes tem Licenciatura Plena em Letras e Pedagogia, Especialização em Português; atualmente é Diretora Administrativa da Escola Doutor João Gonçalves de Souza. Sobra-lhe tempo e boa vontade para trabalhos voluntários na Paróquia São Sebastião, em Mangabeira, onde coordena o “Coral Anjos da Luz” e participa das pastorais litúrgicas e da Educação; também coordena o Curso de Pedagogia da Faculdade FAIBRA, do Instituto Millenium, Polo de Mangabeira, e ministra aulas nas duas escolas da comunidade. Cabe destacar que Socorro Fernandes é bisneta do Maestro José Fernandes que, no início da década de 1920, fundou a “Banda Cabaçal São José”. Certamente seus pais, João Bosco Fernandes e Raimunda Ferreira Fernandes, seu esposo Raimundo Renato Alves de Brito e filhos, Renato David e Magda, se orgulham dessa sua profícua ação.

O tempo é sempre curto para falar mais eficientemente sobre os homenageados, personalidades cujos perfis foram resumidos a

fim de não cansar a assistência, pois cada um reúne muitos feitos curriculares e biográficos que não puderam ser aqui relatados.

Felicito-os e ressalto a honra das presenças de todos vocês responsáveis pelo brilho e pela riqueza deste evento, com meus votos de Boas Festas e Próspero Ano de 2015!

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE CULTURAL VARZEALEGRENSE

No país do futebol, não surpreende que a Associação Beneficente Cultural Varzealegrense – ABCV tenha, na origem, envolvimento com a modalidade esportiva. Nos encontros para “bater-bola”, entre os anos 1976 e 1977, no campo da Faculdade de Engenharia Industrial - FEI, em São Bernardo do Campo, nasceu a ideia da fundação da entidade.

Nos anos 80, faz-se o torneio dos times Fiúza x Sanharol, que teve como juiz o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em 1982, o pároco de Várzea Alegre, Padre José Mota, celebrou missa em São Bernardo do Campo, aos devotos de São Raimundo Nonato.

Os saudosos e queridos sanfoneiros Chico de Amadeu e Pedro Souza animaram a festa no Clube Palestra, em agosto de 1987, 1º Encontro de Varzealegrenses. Em novembro do mesmo ano, oficializa-se a fundação da entidade, tendo Lourival Alves Bezerra como primeiro presidente e colaboradores, Luizão de Chico Mirim, Pedrinho Chico Beca, Lula, Lúcia, Mascote, Isomar, Sabino, Antônio Davi, Cazu, Roberto Tavera, Lairez, Neto, Lima cabeleireiro, José Silveira, Assis PT, Tico Bastos, entre outros.

Atualmente, a ABCV conta com 450 associados cadastrados, e sobrevive dos recursos arrecadados em bingos, rifas e eventos desta natureza. O resultado da organização social dos varzealegrenses reflete nestas ações: Várzea Alegre é oficialmente reconhecida como Cidade Irmã de São Bernardo do Campo; quatro vereadores e ex-vereadores de SBC têm cidadania concedida pela Câmara Municipal de Várzea Alegre; nos dois últimos anos, a ABCV foi convidada a participar do evento “Muitos Povos, Uma Cidade”, representando o Brasil.

A ABCV, com sede na Rua Ângelo Cuzziol, 1 – Ferrazópolis – SBC – SP, celebrou o 14º aniversário com bonita festa, dia 11.01.2011, na sede da Associação dos Funcionários Públicos de São Bernardo

do Campo, sob a presidência do jovem Elivandro José de Moraes e do vice-presidente Luiz Gonzaga (Lula).

O evento político sociocultural contou com artistas, Kaio Mendes, 'Toca e Toquinho' e a banda Boca Loka; com representantes do mundo político: Prefeito de Várzea Alegre, José Helder Máximo de Carvalho, vereadores, Mathias Fiuza (São Bernardo do Campo), Luiza Denise Salviano (Várzea Alegre), Bom Bibi (Fortaleza), Gilberto França, Laurentino, entre outras lideranças. Momento cultural marcante, o lançamento do livro 'Fragmentos para Historia de Várzea Alegre', autoria: historiadora Linda Lemos, que anuncia um momento voltado para a literatura, em evento marcado até então pela musicalidade e concentração em falas de cunho político.

ANJOS DE FOGO

Prefaciando o livro de L. Mathias, o romance *Anjos de Fogo*, trouxe-me grande alegria. Especialmente, porque falo da obra de um contemporâneo que lembra a infância tranquila e feliz, na amada Várzea Alegre.

A família do autor é proprietária do pequeno e aconchegante estabelecimento comercial, “Café de Isa de Pedro Preto”, famoso pelas vendas de bolo, doce e tijolo de leite. Ponto de encontro dos que apreciavam um gole de café, seguido de pitada de prosa. Tão famoso na cidade, quanto o parisiense “Café des Deux Moulins”, conhecido internacionalmente, quando o local serviu de cenário para o filme “O Fabuloso Destino de Amélie Poulain”, em 2001.

Os pais do autor, Isa Pereira da Silva Nascimento e José Matias Filho, eram muito queridos na cidade. O sabor gastronômico, sob regência da matriarca Mãe Café (Mariinha), avó de L. Mathias, nunca mais foi encontrado depois que a família encerrou sua atividade comercial. Parece-me que cozinhar muitas horas, em fogo brando, sem mexer, é uma das poucas dicas sabidas.

O livro *Anjos de Fogo* aborda assunto universal. Diz respeito a questões existenciais da humanidade. Fala de dúvidas antigas sobre a moral humana. Traz questionamentos do tipo: nossa essência é boa ou não? Nascemos bons e nos tornamos maus ou já nascemos maus e o meio nos coloca freios morais? Ou nascemos nem bons nem maus, apenas dotados de instintos? De onde surgiram os conceitos de bondade e de maldade? A dualidade conflitante é a tônica do romance.

Questionamentos que lembram a obra de Friedrich Nietzsche “Além do bem e do mal”, prelúdio a uma filosofia do futuro (em alemão: *Jenseits Von Gut und Böse. Vorspiel einer Philosophie der Zukunft*), publicado em 1886, que nasceu de reflexões e anotações do autor na composição de “Assim Falou Zarathustra”. Estou convencida que somos as escolhas que fazemos.

REMINISCÊNCIAS VARZEALEGRENSES

Falar sobre o livro de Socorro Correia é falar da origem varzealegrense, descendentes do português Bernardo Duarte Pinheiro, aqui instalado em 1718, no tempo do Brasil Colônia. Do casamento do Alferes Bernardo com a pernambucana Ana Maria Bezerra, nasceram doze filhos, um deles, Francisco Duarte Bezerra, contrai núpcias com Bárbara Vieira da Rocha, álibi Bárbara de Moraes Rêgo e tem sete filhos, um deles, Raimundo Duarte Bezerra (Papai Raimundo), o patriarca varzealegrense.

Papai Raimundo casa, em primeiras núpcias, com Tereza Maria de Jesus, em seguida, com Ana Maria dos Passos, com 17 filhos (oito do primeiro e nove do segundo casamento). Da prole descende Maria do Socorro Correia Vieira de Amorim, bisneta do Coronel Joaquim Correia Lima e Clara Bezerra Lima (conhecida por “Mãe Boa”) e neta de Maria Vitória Mercês da Glória (Maria Vitória Correia Lima, após casamento com Antônio Correia Lima).

Antônio Correia Lima, fazendeiro, comerciante de largo prestígio econômico-político e social, 3º prefeito de Várzea Alegre, é pai de 11 filhos, entre eles, Esther Correia de Oliveira, casada com Vicente Vieira de Oliveira (Vicente Honório, 10º Prefeito Municipal varzealegrense, gestão 1939 a 1945), com cinco filhos: José Valdízio, Francisco Valzenir, Antônio Lindoval, Paulo e Maria do Socorro Correia Vieira de Amorim (último nome, ganho depois de casada com Alfredo Amorim), a autora do livro *Reminiscências*.

Socorro Correia descende de família influente e tradicional de Várzea Alegre. É prima de Francisco Correia Lima, Hamilton, homem público, primeiro farmacêutico da cidade, com formação acadêmica; Maria Hilma Correia Montenegro, primeira mulher varzealegrense a ocupar cadeira na Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará- ALMECE; Seridião Correia Montenegro, Procurador da Receita Federal e Presidente da Academia Me-

tropolitana de Letras de Fortaleza; Joaquim Figueiredo Correia, deputado estadual, federal e vice-governador do Estado, muito querido por todos que o conheciam e educado; o médico escritor Zé Ferreira, autor do livro “Várzea Alegre, minha terra, minha gente”; jornalista Joaquim Correia Ferreira, 29 anos comentarista da BBC – British Broadcasting Corporation, em Londres; os empresários no ramo de transporte, irmãos Manoel e Raimundo Ferreira, e a grande figura humana Otacílio Correia, entre tantos outros que se destacaram na área político-social.

A família Correia é exemplo de união. As casas na Praça de Santo Antônio, ou Praça dos Correia, eram interligadas, o que permitia comunicação interna entre os moradores. A Capela de Santo Antônio, a Usina e as casas formavam uma única morada, diz a autora do livro *Reminiscências* (Amorim, 2012).

Sobre *Reminiscências*, diz-se ser coletânea de poemas, ensaios, crônicas, memórias, enfim, um registro de costumes, valores e experiências exitosas, nas mais diferentes modalidades de gêneros literários. A Professora Socorro Correia, sensível e comprometida com a educação, transita pelo mundo dos que vivem no silêncio – alunos surdos; vivenciou de perto o Projeto Minerva, destinado a jovens fora da faixa de escolaridade, até chegar ao ensino superior, como Professora da Universidade Estadual do Ceará – UECE – e da Fundação Educacional Edson Queiroz – UNIFOR. Finalmente, como escritora, dá continuidade à tradição familiar, que teve início com Dona Maria Vitória Correia Lima, avó, quando registra acontecimentos do século passado.

O pensador alemão Friedrich Nietzsche, no ensaio “Vontade de Potência”, o qual trata da transmutação de todos os valores, diz que as grandes coisas exigem silêncio, ou que delas falemos com grandeza. Silenciar diante da obra de Socorro Correia é difícil. Mais fácil é reconhecer a sua grandeza e importância para os varzealegrentes e as novas gerações que se anunciam.

Justificando não poder estar presente no lançamento da obra, por motivo de saúde, despeço-me, com votos de boas festas para todos e de 2013 repleto de possibilidades.

À Socorro, o abraço cheio de alegria e sincero agradecimento,
pela deferência que me concede ao apresentar o livro.

*Lançamento de “Reminiscências”, em 01.12.2012.

SÍNTESE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA CORREIA

Em Síntese Genealógica, Socorro Correia registra a união de tradicionais famílias varzealegrenses: Correia Lima e Alves de Almeida. Uma origina-se com Joaquim Correia Lima, casado com Clara Bezerra Lima (Mãe Boa), com 12 filhos, um deles, Antônio Correia Lima, avô da autora. A outra vem de João Alves de Almeida e Joana Francisca de Almeida, com uma filha, Maria Vitória Mercês da Glória, avó da autora.

A união das famílias se dá quando Antônio Correia Lima, aos 17 anos, casa com Maria Vitória Mercês da Glória, que passou a chamar-se Maria Vitória Correia Lima. Do casamento resultou prole de 11 filhos, três deles falecidos criança, restando sete mulheres e um homem. Uma das filhas, Esther Correia de Oliveira, casa-se com Vicente Vieira de Oliveira (Vicente Honório), pais de José Valdízio, Francisco Valzenir, Antônio Lindoval, Paulo e Maria do Socorro Correia Vieira de Amorim (último nome, ganha depois de casada com Alfredo Amorim), autora do livro.

O registro que Socorro ora nos traz teve início com sua avó, Maria Vitória (nascida aos 24 de setembro de 1862 e falecida em março de 1946), que iniciou a pesquisa genealógica da família. Ressalte-se que tal feito tornou-se possível com a ajuda do neto, Antônio Correia Neto, que transcrevia, à mão, para a pequena caderneta de anotações, as informações prestadas pela avó, não dotada, como as mulheres da época, da habilidade de escrever.

Reconhecem-se Maria Vitória e Socorro Correia como mulheres inteligentes e comprometidas com as famílias, inovadoras, pois cada uma ousou e rompeu padrões estabelecidos, em sua época. A primeira, em luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, historiadora no século XIX, quando o código civil brasileiro restringia os direitos civis das mulheres. O direito à opinião e à liberdade de expressão foi praticado com ajuda

do neto. A neta Socorro, atuando como professora universitária, quebrando paradigmas, casou aos 63 anos e escreve livros em idade, para muitas pessoas, não produtiva.

Decididamente, a coragem de ambas as torna modelo de caráter digno de admiração. Os exemplos repercutem na história das mulheres além-mares cearenses e no seu cotidiano de vida, principalmente, dos campos acadêmico e intelectual.

TROPEIRISMO

O tropeiro, condutor de tropa, arrieiro ou bruaqueiro é a designação dada àquele que conduzia comitivas de muares e cavalos, entre as regiões de produção e os centros consumidores no Brasil, a partir do século XVII. Os animais, aos cuidados de um homem que os controlava através de gritos e assobios.

Ao longo das rotas, surgiram várias cidades. No Brasil: Taubaté, Sorocaba, Viamão, Santana da Parnaíba, Castro Cruz Alta e São Vicente, pioneiras.

O tropeirismo tem o marco inicial quando a Coroa Portuguesa instalou, em 1695, a Casa de Fundição de Taubaté, também chamada de Oficina Real dos Quintos. A partir de então, todo o ouro extraído das Minas Gerais deveria ser levado à Vila de Taubaté e, de lá, seguia para o Porto de Parati, de onde era encaminhado para o Reino, em Portugal, via cidade do Rio de Janeiro.

Antes das estradas de ferro e dos caminhões, também o comércio de mercadorias era feito por tropeiros, nas regiões onde não havia alternativas de navegação marítima ou fluvial para sua distribuição. As regiões interioranas, distantes do litoral, dependeram, durante muito tempo, de transporte em mulas, o que viabiliza o comércio, e fazendo-se elemento chave na reprodução econômica do país.

Os tropeiros foram fundamentais no comércio de escravos, alimentos e ferramentas dos mineiros. Compravam e vendiam vestimentas, transportavam mercadorias: açúcar mascavo, aguardente, vinagre, vinho, azeite, bacalhau, peixe seco, queijo, manteiga, biscoito, passas, noz, farinha, gengibre, sabão, fruta seca, chouriço, salame, tecido, alfaias, marmelada, coco, carne seca, algodão, sal, vidro para janela etc.

Além de importante papel na economia, o tropeiro teve importância cultural relevante como veiculador de ideias e notícias entre as aldeias e comunidades distantes entre si, numa época em que não existiam estradas no Brasil.

Em Várzea Alegre, no centro-sul do Ceará, Gonçalo Araripe Serra Grande, Antônio Gonçalo Araripe e Raimundo Gonçalo (Mundinho) destacaram o tropeirismo.

Eles faziam o transporte de pessoas, dinheiro, caixões de defunto, frutas e todo tipo de mercadoria: arroz, milho, feijão; prataria, porcelana etc. Comercializavam burros, éguas, cavalos, jumentos, bois, artefatos e arreios de animais, selas, selotes, esteira, coronha, algibeira e arreios. Tanto compravam como vendiam, trocavam e emprestavam animais ou mercadoria.

Antônio Gonçalo Araripe começou a atividade de tropeiro, em Lavras da Mangabeira, cidade que, no período de 1900 até 1950, foi importante centro comercial. Por ali passava o trem da antiga RFFSA, à época, um dos mais importantes meios de transporte, tanto de passageiros como de carga, que beneficiava os municípios de Várzea Alegre, Aurora, Quixará (hoje Farias Brito), Cariús, distritos e povoados circunvizinhos.

Em 2016, Antônio Gonçalo de Souza, bisneto, neto e filho de tropeiros, lança livro sobre o assunto - um presente aos pais, Raimundo Gonçalo Araripe (Mundinho) e Rita Maria de Souza, que, em 27 de outubro/2016, completam 66 anos de casados. Mundinho, tropeiro por 40 anos, completará 90 anos de idade. Bela e carinhosa maneira de presentear também os varzealegrenses, com belas páginas para a história do município.

ACERVO DOCUMENTAL DE LAVRAS DA MANGABEIRA

A historiadora e biógrafa REJANE MONTEIRO AUGUSTO GONÇALVES descende de tradicional família, de Lavras da Mangabeira – CE, onde nasceu aos 03.09.1948, filha de Gustavo Augusto Lima e Laura Monteiro Augusto.

Sua trajetória acadêmica iniciou cedo, pois viveu a infância no sítio Pereiros, onde se localizava o Colégio de Iniciação Agrícola, que teve seu pai como diretor. A formação cristã teve influência da Congregação de Religiosas Católicas Irmãs Doroteias, quando em regime de internato, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, na cidade paraibana Cajazeiras, fez o curso Ginásial. No ano de 1963, veio morar em Fortaleza, em companhia do pai, que cumpria tradição política da família, assumindo a Cadeira de Deputado Estadual. Iniciou o Curso Normal no Colégio Santa Cecília, para concluí-lo no Colégio São João, com o diploma de Professora, em 1966. Graduiu-se em Letras, pela Universidade Federal do Ceará, em 1995, e pós-graduou-se em Administração Pública, na FIC/CE, 2009.

Tomou posse do cargo de Técnico Judiciário do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará, em 1992, aprovada em concurso público, promovido por aquele órgão. Além de suas atividades específicas, a estudiosa Rejane Augusto passou a integrar um grupo de pesquisa para a editoração de publicações do TRE, bem como uma equipe de revisão, na Seção de Editoração do Tribunal, capacitada para o desempenho desse mister.

Impulsionada pela necessidade de conhecer melhor a história de sua terra natal, a pesquisadora Rejane Augusto começou a frequentar o Arquivo Público Estadual e Municipal de Lavras da Mangabeira, hemerotecas e bibliotecas de Fortaleza, buscando o passado e mantendo viva a história do município que a acolheu ao nascer.

No prazeroso encontro de cada novo fato, ela publica: *Lavras da Mangabeira – Um Marco Histórico* (1984), edição comemorativa do centenário da Cidade, estreitando a intimidade com jornais, livros e documentos históricos. Outras publicações: *Coronel João Augusto Lima* (1986); *A Vocação Política de Fideralina Augusto Lima* (1991), seu Discurso de Posse na entidade literária Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno; *Umari, Baixio, Ipaumirim – Subsídios para a História Política* (1997); *Lavras da Mangabeira - Um Marco Histórico*, 2ª edição, 2004; *Os Augustos* (2009) - Árvore Genealógica, *A História Eclesiástica de Lavras da Mangabeira* (2013) além de ser coautora em várias publicações das entidades literárias às quais pertence: Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, Cadeira Nº 52, Patroneada por sua trisavó, Fideralina Augusto Lima e a reconhecida Academia Lavrense de Letras, com posse da Cadeira Nº 8, que tem como Patrono Gustavo Augusto Lima, seu pai.

O *Acervo Documental de Lavras da Mangabeira* (2016) é sua mais recente publicação. Uma obra constituída por manuscritos (ofícios, atas, certidões e correspondências), não raro, datados do início do século XIX, que retratam a história da formação política do Município, ao longo dos seus duzentos anos de emancipação política. Sobre esta pesquisa, o crítico literário lavrense Dimas Macedo declara: “Rejane nos presenteia com um livro rico, precioso, de importância mais do que histórica, porque resgata e cataloga os ofícios da Câmara Municipal de Lavras da Mangabeira desde 1828, tornando possível o rastreamento da vida institucional da cidade e suas manifestações”.

Não menos elogioso é o comentário do poeta, também lavrense, Batista de Lima, quando reconhece Lavras da Mangabeira como celeiro de bons escritores e destaca Rejane Augusto como integrante do seletto grupo. Ele manifesta-se sobre a pesquisa da historiadora: um primor, não só pela belíssima encadernação, mas pela documentação conseguida nos arquivos estadual e municipal de Lavras, além daquela preservada pela família Augusto, dominadora da cena política na cidade, nos últimos 184 anos (Journal DN, 22.11.2016).

A fortuna crítica, em torno da produção literária da Professora Rejane Augusto, é extensa, cabendo-nos ressaltar a alegria, pela

oportunidade de registrar admiração e respeito pela dedicada e criteriosa pesquisadora, especialmente, pelo seu caráter ético e credibilidade ilibada. Minha terra natal, Várzea Alegre, onde nasceu o trisavô, Major Ildefonso Correia Lima, filho do patriarca da cidade, Raimundo Duarte Bezerra (corruptela Papai Raimundo) e Ana Maria dos Passos, também festeja as conquistas da trineta de Fideralina Augusto Lima. Os trabalhos de Rejane são bem fundamentados e preciosos tesouros históricos.

Mulher forte e dócil, bela e meiga, ela consegue conciliar suas atividades profissionais, literárias e familiares, de forma harmoniosa. O esposo, Luiz Gerson Gonçalves, os quatro filhos, demais familiares e os amigos têm o privilégio de sua convivência.

LIVRARIA DO ESCRITOR CEARENSE

Quem se propõe a escrever enfrenta desafios. Primeiramente, a escolha do que vai ser escrito. No mínimo, que lhe dê satisfação pessoal, ao mesmo tempo agrade, motive ou prenda a atenção do leitor. A escolha do tema, estilo literário (romance, poema, cordel, documentário de cunho histórico), criação de personagens são alguns dos desafios com que o escritor costuma lidar.

Em seguida, a dificuldade em publicar o livro, considerando que o custo atual varia de R\$ 4.000,00 a R\$ 15.000,00, a depender da tiragem, número de exemplares, e qualidade gráfica do mesmo, sem contar com o gasto com revisores.

Vencidas as dificuldades supracitadas, chega o dia do lançamento, acompanhado de mais despesas para fazê-lo de sucesso, com público e divulgação.

Finalmente, chega-se à etapa da distribuição, a meu ver, uma das mais difíceis de todo o processo.

É aí que se conta, hoje, com a Livraria do Escritor Cearense, uma iniciativa do Professor, sensível Poeta e Governador do Ceará (1983-1987), Luiz de Gonzaga F. Mota, que disponibilizou espaço agradável e acolhedor para receber obras de autores cearenses.

Na Livraria do Escritor Cearense, encontram-se títulos de interesse do público infantil aos destinados ao público adulto, um universo literário enriquecido pela variedade de temas e estilos que revelam a riqueza de nossa cultura e a criatividade de escritores contemporâneos.

Registre-se a mais sincera admiração e reconhecimento pela louvável iniciativa do confrade aljugeano, presenteando-nos com um projeto que reflete a mais bela forma de valorizar e prestigiar a produção literária dos escritores cearenses.

Como o *boom* tecnológico das últimas décadas, o hábito de ler vai ficando de lado, sendo substituído pela televisão, computador,

videogame e agora, pelos *smartphones*, é o grande desafio para todos nós.

Os interessados deverão entrar em contato pelo telefone (085) 3257.1417 e entregar os livros na Rua Nunes Valente, Nº 3.291, Fortaleza-CE.

INTERCÂMBIO CULTURAL, EM PALMÁCIA

Alegra-me integrar a comitiva do Centro Cultural do Ceará – CCC, como membro titular, ocupante da Cadeira nº 16, da entidade lítero-cultural, idealizada pelo escritor Francisco de Assis Clementino Ferreira, hoje, presidida pelo médico, brigadeiro da Aeronáutica e escritor, Dr Ernani Rocha Machado.

Meus agradecimento aos confrades, incluindo a Professora Maria Nirvanda Medeiros e Paulo Tadeu Sampaio de Oliveira, membros fundadores do CCC, pela valorosa oportunidade de estar com seletos grupo de intelectuais, cientistas, estudiosos pesquisadores, professores e escritores, na cidade de Palmácia, a “Princesinha da Serra”.

A “Terra das Palmeiras”, berço de vultos como o Professor Vicente Sampaio Rocha, o Padre Perdigão Sampaio, o Ministro da Integração Nacional Francisco Teixeira, a terra que tem os rastros de Maria Amélia Perdigão Sampaio, a primeira professora pública da cidade que, atendendo exigência legal na época, possibilita que Palmácia passe de lugarejo à categoria de vila, fato que marca também o início da Educação Formal Palmaciana.

Esta grande mulher presenteou Palmácia com seus descendentes, netos Maria Amélia e seu irmão o amigo, jornalista, professor *master* da Universidade Estadual do Ceará, Paulo Tadeu Sampaio de Oliveira que colabora com entidades culturais de destaque no Estado, ocupando cargos importantes como a Presidência da Associação Cearense de Imprensa – ACI, Presidência do Comitê de Imprensa da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará e membro da Comissão Cearense de Folclore, estudioso e promotor da bela manifestação folclórica - o maracatu. Paulo Tadeu, em 03 de dezembro de 2016, dia da posse de quatro novos arcades, exerce bem o papel de embaixador da Divine Académie Française des Arts, Lettres et Culture, possibilitando promissor intercâmbio

cultural que envolve três entidades acadêmico-literárias: Centro Cultural do Ceará – CCC, Academia de Letras Juvenal Galeno- AL-JUG e Arcádia Nova Palmaciana – Científica e Literária.

Vale esclarecer o criptônimo do árcade Paulo Tadeu Sampaio de Oliveira, Artur Zéfiro. Os pseudônimos relacionam-se a uma divindade ou personagem mitológica helênica/grega. O Arcadismo, escola literária na Europa, no século XVIII, é inspirado na lendária região bucólica do Peloponeso, na Grécia antiga, tida como ideal de inspiração poética. A principal característica desta Escola é a exaltação da natureza e de tudo que lhe diz respeito. É por isto que muitos poetas ligados ao arcadismo adotaram pseudônimos de pastores gregos. Segundo a lenda, a Arcádia era dominada pelo deus Pan e habitada por pastores que, vivendo de modo simples e espontâneo, divertiam-se cantando, participando de disputas poéticas, na celebração do amor e o prazer.

Aos idealizadores fundadores da Arcádia Nova Palmaciana, os árcades novos: Prof. Dr. João Vianney Campos de Mesquita, Prof. Dr. Francisco Antônio Guimarães, Professora Iolanda Campelo Andrade, Professora Risoleta Carlos Muniz e ao Primeiro Presidente da Arcádia, Administrador e Professor Fernão de La Roche D’Andrade Sampaio, a Academia de Letras Juvenal Galeno, pela presidente Maria Linda Lemos Bezerra, parabেনiza, reconhece méritos e concede diploma de Mérito Cultural, evidenciando o Projeto Diálogos Literários, de nossa autoria, que tem como objetivo promover e difundir a cultura, resgatando, essencialmente, a memória do universo literário alencarino.

Presidente da Arcádia e demais árcades novos, sinto-me honrada, diante de presenças tão ilustres nesta solenidade, em que a instituição completará o quadro de associados com quatro árcades novos, vitalícios. Desejo a todos que “Quem ganhou a palma que a possa conduzir”.

Bom dia e muito obrigada!

DADOS BIOGRÁFICOS DA AUTORA

Maria Linda Lemos Bezerra nasceu no Centro-sul do Ceará, em Várzea Alegre. Formação Acadêmica: concluiu o ensino fundamental entre Varzea Alegre e Crato, ensino médio em Recife e curso superior em Fortaleza e Boca Raton (Flórida, USA), Graduiu-se “Bachellor in Arts, with Major in Psychology”, pela Florida Atlantic University - Boca Raton – FL-USA, curso equivalente ao Bacharelado em Psicologia no Brasil, com diploma validado pela Universidade Federal do Ceará e reconhecido junto ao Conselho Federal de Psicologia, sob o número CRP 11 03/134. Pós graduou-se “Master of Science in Psychology”, na Auburn University, Montgomery, AL-USA, diploma validado pela UnB/Brasília, devido à inexistência, na época, do mestrado em Psicologia na UFC, o que impossibilitava sua validação no estado do Ceará. Bacharel em Ciências Contábeis, pela Universidade Federal do Ceará.

Experiência Profissional: Nos Estados Unidos, trabalhou na Escola Pública Royal Palm Community School, em Lantana, FL, que atende alunos com necessidades especiais, retardo mental profundo e paralisia cerebral. Na Auburn University, trabalha como Assistente Graduada do Departamento de Psicologia. Sua prática clínica foi como Psicóloga Interna na Unidade de Psiquiatria do Jackson Hospital & Clinic, em Montgomery-AL. Na prática privada, dirige a Diferrence Psicologia e Consultoria Ltda, localizada no Harmony Medical Center, complexo de 220 consultórios, clínicas e laboratórios, em Fortaleza-CE. No ensino superior, ministra disciplinas nos cursos de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE/EAD e no curso de Gestão de Recursos Humanos, da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. E ainda ministra, regularmente, cursos na Escola de Gestão Pública e na Escola de Saúde Pública do Estado do Ceará. Contadora da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social do Estado do Ceará.

Produção Literária: Tem várias publicações na área técnico científica, participação em revistas, coletâneas e jornais, costu-

mando trazer à tona assuntos relacionados à sua prática clínica, políticas públicas e direitos humanos. De sua autoria os livros: *Fragmentos para a História de Várzea Alegre* (2013) que mereceu elogios de críticos literários renomados, *Viagem no Tempo – Memória* (2018) e *Palavras que Celebram* (2019) que contem ensaios publicados na *Revista Gente de Ação*. Seu nome aparece como organizadora das antologias: *Diálogos Literários* (2015), *Luz nos Mares das Letras* (2018), *Lira das Letras* (2019) e do *Acervo Documental da ALJUG, Volumes I e II* (2016) *III e IV* (2017), publicações da Academia de Letras Juvenal Galeno, da qual é Presidente (2016-2020). É membro efetivo de várias entidades literárias: Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará – ALMECE, ocupando a Cadeira Nº 63, que tem como patrona Maria Hilma Correia Montenegro, Academia Varzealegrense de Letras, Cadeira Nº 2, patroneada por seu pai, o médico humanista Manoel Gonçalves de Lemos; Membro efetivo da Academia de Letras e Artes do Ceará – ALACE, Cadeira Nº 03, patroneada por Antônio Batista Vieira (Padre Vieira), integra a Associação Cearense de Escritores – ACE, Sócia Honorária da Academia Lavrense de Letras, a qual pertence seu pai, na condição de patrono; Membro fundador e 1ª Presidente da Diretoria Provisória da Academia Brasileira de Psicólogos Escritores – ABPE e Membre D’Honneur da Divine Académie Française des Arts, Lettres et Culture.

Trabalho Voluntário: Membro fundador de várias entidades voltadas para o atendimento à Pessoa com Deficiência, pertence à Associação Brasileira de Autismo – ABRA, nos cargos de Membro do Conselho Consultivo da Presidência e, em seguida, Diretora Técnica. Membro fundador do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência - CEDEF-CE (2003) e do Conselho Estadual de Defesa de Direitos Humanos (2015). Contato: lindapsy03@yahoo.com.br.

FORTUNA CRÍTICA

Maria Linda Lemos fez muito bem em escrever *Palavras que Celebram*, um livro que eu interpreto como sendo um punhado de bons propósitos: a defesa de direitos humanos; o destaque para trabalhos literários; a carinhosa referência à sua terra berço e à sua gente e outras boas ideias.

João Gonçalves de Lemos
Advogado e historiador
Instituto dos Advogados do Ceará

O livro *Palavras que Celebram* “tem como filosofia divulgar ações relevantes ao mundo social, político e econômico do estado do Ceará”, constituindo-se um tributo à cidadania. Embora a realidade não seja igual para todos, o livro busca a cultura de paz por meio dos direitos humanos, ensejando a cooperação entre os povos sob a égide do respeito à justiça.

Vânia Monteiro Soares Rios
Revisora Oficial da Língua Portuguesa do
Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp
da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

No momento em que nos preparamos para celebrar os 15 anos da revista *Gente de Ação* somos apanhados de surpresa por uma vigorosa publicação, o livro *Palavras que Celebram*, demonstração de deferência com o propósito carinhoso de homenagear o acontecimento. A obra, cuidadosamente elaborada, traz, em seu âmago, uma miscelânea de escritos da psicóloga e escritora Maria Linda Lemos Bezerra, publicados mensalmente em mencionada revista, da qual é colaboradora assídua.

Dideus Sales
Academia Brasileira de Literatura de Cordel
Editor da Revista *Gente de Ação*

BIBLIOGRAFIA

ANUÁRIO DO CEARÁ. Fortaleza: Editor Dorian Sampaio, 1976.

BEZERRA, Maria Linda L. **Patrimônio Cultural Preserva a História**. VI Revista da ALMECE. LC Gráfica e Editora LTDA, 6ª edição, 2010.

_____ **Sonho em Cores**. Revista Gente de Ação. Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.31, Ano X, Nº 89, out/2011.

_____ **Fragmentos para a História de Várzea Alegre**. VII Revista da ALMECE. LC Gráfica e Editora LTDA, 7ª edição, 2011.

_____ **Coletânea Rara**. Revista Gente de Ação. Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.23, Ano XI, Nº 93, março/2012.

_____ **O Ceará Fora do Mapa Mundi da Educação**. Revista Gente de Ação. Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.25, Ano XI, Nº 94, abril/maio/2012;

_____ **Tributo a Sinésio Cabral**. Revista Gente de Ação. Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.35, Ano XI, Nº 95, junho/julho/2012.

_____ **Tribos, berimbaus e tambores**. Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.33, Ano XI, Nº 97, outubro/2012.

_____ **As Quedas**. Revista Gente de Ação. Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.28, Ano XI, Nº 98, novembro/2012.

_____ **Poesia Musicada**. Revista Gente de Ação. Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.28, Ano XI, Nº 99, dezembro/2012.

_____ **Contrastes de Várzea Alegre**. Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.25, Ano XI, Nº 101, fevereiro/2013.

_____ **Do Pau-de-Arara ao Avião.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.30, Ano XI, Nº 102, março/2013.

_____ **O Padre e seus Filhos.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.21, Ano XII, Nº 106, Julho/2013.

_____ **A Caixa de Madeira.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.25, Ano XII, Nº 105, Junho/2013.

_____ **Qual cor veste o seu filho?** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.18, Ano XII, Nº 111 - Dezembro/2013.

_____ **Autismo e Meios Mediáticos.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.22, Ano XII, Nº 103 - Abril/2013.

_____ **As redes da minha terra.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.35 Ano XII, Nº 107 – Agosto/2013.

_____ **Cajueiro Pequeno Floresce.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.18, Ano XII, Nº 110 – Novembro/2013.

_____ **A Vizinha Franci.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.29, Ano XIII, Nº 112 – Janeiro/2014.

_____ **Olhando de Minha Janela.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.23, Ano XIII, Nº 113 – Fevereiro/2014.

_____ **A Contadora de Histórias Infantis.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.24, Ano XIII, Nº 114 – Março /2014.

_____ **Capoeira Cearense Canta o Hino Nacional.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.24, Ano XIII, Nº 115 – Abril /2014.

_____ **A Rosa que encantou o mundo.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.24, Ano XIII, Nº 116 – Maio /2014.

_____ **Dois Homens, dois amores, dois poetas.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.26, Ano XIII, Nº 117 – Junho /2014.

_____ **Cabide que fala.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, p.26, Ano XIII, Nº 117 – Junho /2014;

_____ **Um homem de branco.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, Ano XIII, Nº 123/ dezembro/2014.

_____ **Aos mestres, com carinho.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, Ano XIV, Nº 125/ fevereiro/2015.

_____ **O Ceará en Scène.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, Ano XIV, Nº 126/março/2015.

_____ **Genialidade.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, Ano XIV, Nº 127/abril/2015.

_____ **Airton Marinho - Uma vida e outros escritos.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, Ano XIV, Nº 129/julho/2015.

_____ **Ele panfleta livros, revistas e muito mais.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, Ano XIV, Nº 131/setembro/2015.

_____ **Conselho Estadual de Defesa de Direitos Humanos – CEDDH.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, Ano XIV, Nº 133/novembro/2015.

_____ **Trabalho para todos.** Revista Ilustrada da Academia de Letras dos Municípios do Estado do Ceará – ALMECE. Edição XI, p. 49, 2015 (citada na pág. 1 e capa).

_____ **Novo Símbolo da Acessibilidade.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, Ano XIV, Nº 134/dezembro/2015, pág. 19.

_____ **O mar, o vento, o homem...** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, Ano XV, Nº 135/janeiro/2016, pág. 19.

_____ **Na Busca de Diálogos Literários.** Revista Gente de Ação, Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, Ano XV, Nº 136/fevereiro/2016.

_____ **Cartas.** Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, Ano XV, Nº 138/abril/2016, pág.19.

_____ **Tropeirismo.** Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, Ano XV, Nº 139/maio/2016, pág.19.

_____ **O amor dos dois.** Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, Ano XV, Nº 140/junho/2016, pág.17.

_____ **Aniversário de Mazé.** Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, Ano XV, Nº 141/julho/2016, pág. 23.

_____ **Expedição cultural a Viçosa do Ceará.** Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, Ano XV, Nº 142/agosto/2016, pág. 21.

_____ **Como via, este Silvanus!** Expressão Gráfica e Editora Ltda, ISSN 2236-0727, Ano XV, Nº 144/outubro/2016, pág. 21.

COSTA, Acelino Leandro; MORAIS, Pedro Alves de. Várzea-Alegre: **Sete Gerações desde Papai Raimundo.** Fortaleza: Gráfica Universitária, 1995.

DIVISÃO TERRITORIAL DO BRASIL E LIMITES TERRITORIAIS. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/1 de julho de 2008). Disponível em: <http://www.varzeaalegre.ce.gov.br/geografia.htm>. Acesso em 01 jul. 2009.

ESTIMATIVAS DA POPULAÇÃO PARA 1º DE JULHO DE 2008. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/29 de agosto de 2008). Disponível em: <http://www.varzeaalegre.ce.gov.br/demografia.htm>. Acesso em 01 jul. 2009.

FERREIRA, José. **Minha Terra, Minha Gente**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1985.

GIRÃO, Raimundo; MARINS FILHO, Antônio. **O Ceará**. 3ª. ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1965.

GALENO, Juvenal. **Folhetins de Silvanus**. 3ª. Ed. Fortaleza: SECULT, 2010.

HARLOW, Harry. (1958) **The Nature of Love**. American Psychologist, 13, 673-685.

MORENO, Maria Eunice Diniz. Balbina Menezes Diniz. **80 Anos de História Bem Vividas**. Recife: Editora Liber, 2004.

MORAIS, Antônio Alves de. **Eleição de 1962**. Site blog do Sanharol. Disponível em 30 de janeiro de 2009. Visitado em 12 de setembro de 2009.

MUNICÍPIOS DO CEARA. Fortaleza: Multigraf Editora Ltda, 1996.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. 2ªed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

REGO, Waldeloir. Capoeira Angola: ensaio sócio- etnográfico. Salvador: Itapuã, 1968

SILVEIRA, Aureliano Diamantino. **Ungidos do Senhor**. 3ª. ed. Fortaleza: Editora Prêmio, V. 1, 2004.

STUDART, Barão de. **Datas e factos para a história do Ceará**. Edição Facsim. – Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

VIEIRA, Sérgio Luiz de Sousa. **Capoeira**. Artigo disponível no site www.fic.org.br em 2005.

ZULU, Mestre. **Idiopraxis de capoeira**. Brasília: Gráfica da Fundação Educacional do DF, 1995.



Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

Deputados estaduais

30ª LEGISLATURA

André Fernandes
Acrisio Sena
Aderlânia Noronha
Agenor Neto
Antônio Granja
Ap. Luiz Henrique
Audic Mota
Augusta Brito
Bruno Gonçalves
Bruno Pedrosa
Danniel Oliveira
David Durand
Delegado Cavalcante
Dr. Carlos Felipe
Dra. Silvana
Elmano Freitas
Érika Amorim
Evandro Leitão
Fernanda Pessoa
Fernando Hugo
Fernando Santana
Guilherme Landim
Heitor Férrer

Jeová Mota
João Jaime
José Sarto
Júlio César Filho
Leonardo Araújo
Leonardo Pinheiro
Marcos Sobreira
Moisés Braz
Nelinho
Nezinho Farias
Nizo Costa
Osmar Baquit
Patrícia Aguiar
Queiroz Filho
Renato Roseno
Romeu Aldigueri
Salmito
Sérgio Aguiar
Soldado Noelio
Tin Gomes
Vitor Valim
Walter Cavalcante
Zezinho Albuquerque

Mesa Diretora 2019-2020

Deputado José Sarto
Presidente

Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente

Deputado Dannel Oliveira
2º Vice-Presidente

Deputado Evandro Leitão
1º Secretário

Deputada Aderlânia Noronha
2ª Secretária

Deputada Patrícia Aguiar
3ª Secretária

Deputado Leonardo Pinheiro
4º Secretário



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

João Milton Cunha de Miranda
Presidente

EDIÇÕES INESP

Luiz Ernandes dos Santos do Carmo
Coordenador da Gráfica

**Cleomarcio Alves (Márcio), Edson Frota,
Francisco de Moura, Hadson França e João Alfredo**
Equipe de Acabamento e Montagem

Aurenir Lopes e Tiago Casal
Equipe de Produção em Braille

Mário Giffoni
Diagramação

José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)
Equipe de Design Gráfico

Rachel Garcia Bastos de Araújo
Redação / Assistente Editorial

Valquiria Moreira
Secretaria Executiva / Assistente Editorial

Manuela Cavalcante
Secretaria Executiva

Luzia Lêda Batista Rolim
Assessoria de Imprensa

Lúcia Maria Jacó Rocha e Vânia Monteiro Soares Rios
Equipe de Revisão

**Maria Marluce Studart Vieira, Marta Lêda Miranda Bezerra
e Milena Saraiva Leão Vieira**
Equipe Auxiliar de Revisão

Site: <https://al.ce.gov.br/index.php/institucional/inesp>

E-mail: presidenciainesp@al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-3701



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
Av. Desembargador Moreira 2807,
Dionísio Torres, Fortaleza, Ceará, CEP 60.170-900
Site: www.al.ce.gov.br
Fone: (85) 3277-2500